

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS – UNISINOS  
UNIDADE ACADÊMICA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS  
NÍVEL MESTRADO

LIGIA MARIA HUFF

ANÁLISE DOS PROCESSOS GRUPAIS DAS COMUNIDADES ECLESIAIS  
DE BASE NOS DIAS ATUAIS

SÃO LEOPOLDO

2014

Ligia Maria Huff

ANÁLISE DOS PROCESSOS GRUPAIS DAS COMUNIDADES ECLESIAIS  
DE BASE NOS DIAS ATUAIS

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre, pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS.

Orientador: Prof. Dr. Nadir Lara Júnior

São Leopoldo

2014

Ligia Maria Huff

ANÁLISE DOS PROCESSOS GRUPAIS DAS COMUNIDADES ECLESIAIS  
DE BASE NOS DIAS ATUAIS

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre, pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS.

Aprovado em: 19/09/2014

BANCA EXAMINADORA

---

Prof. Dr. Nadir Lara Júnior – Orientador – UNISINOS

---

Prof. Dr. Renato Ferreira de Souza

---

Prof. Dr. José Odelson Schneider – UNISINOS

---

Prof. Dra. Vilene Moechlecke - UNISINOS

## AGRADECIMENTOS

Na conclusão desta dissertação emergem na minha mente duas palavras: agradecimento e solidariedade. Agradecer é um ato de reconhecimento, de gratidão, já o termo solidariedade trata-se de uma condição grupal resultante da comunhão de atitudes e sentimentos, de modo a constituir o grupo unidade sólida, capaz de resistir às forças exteriores e mesmo de se tornar ainda mais firme em face da oposição vinda de fora. Agradecimento e solidariedade são duas expressões que deixo para todas as pessoas que compartilharam comigo na construção desta dissertação.

Início agradecendo ao Nadir Lara Junior, meu orientador, que aceitou o desafio de se aventurar comigo nos estudos da psicologia social com os processos grupais. Pelos seus assinalamentos durante minha caminhada de pesquisadora e, principalmente, por valorizar minha trajetória pessoal e profissional.

A todos integrantes da Comunidade São João Batista do Arroio da Manteiga, principalmente na pessoa do Pe. Edson Thomassim pelo carinho, acolhimento e por acreditar e incentivar a minha proposta de qualificação profissional. Agradeço principalmente por me proporcionarem a aproximação de suas histórias de vida.

Aos integrantes da instituição SEMEAR, que dividiram comigo as angústias dos momentos de incertezas para efetivar minha pesquisa.

Meus agradecimentos ao corpo docente e discente do PPG de Ciências Sociais da UNISINOS, especialmente ao acolhimento recebido do professor José Rogério Lopes.

Em especial, agradeço ao Arnaldo, meu esposo, pela paciência, carinho e amor que compartilhou comigo em todas as etapas da construção desta dissertação. Obrigado especial aos meus filhos Arnaldo e Jorge que inúmeras vezes me motivaram para a importância de seguir estudando.

Principalmente quero agradecer a Deus por me conduzir de forma amorosa. Agradeço “ao Senhor por seu amor leal e por suas maravilhas”.

*Creo que el ser humano en algún  
momento alcanzará el equilibrio  
que le permita lucrar sin explorar,  
mandar sin someter, ser eficiente y  
al mismo tiempo solidario.  
(Alfredo Moffat)*

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Processos históricos ontem.....	72
Quadro 2 – Processos históricos hoje.....	72
Quadro 3 – Organização política e participação intragrupal nas CEBs ontem.....	72
Quadro 4 – Organização política e participação intragrupal nas CEBs nos dias atuais .....	73
Quadro 5 – Formas de articulação e processos de lideranças ontem.....	73
Quadro 6 – Formas de articulação e processos de lideranças nos dias atuais.....	73
Quadro 7 – Desenvolvimento dos processos de comunicação, cooperação, pertença e aprendizagem ontem.....	73
Quadro 8 – Desenvolvimento dos processos de comunicação, cooperação, pertença e aprendizagem nos dias atuais.....	74
Quadro 9 – Roteiro de observação do grupo focal.....	81

## RESUMO

A presente pesquisa analisa os processos grupais como força de resistência, implicação política e cuidado de si nos dias atuais pertencentes à Comunidade São João Batista situada no bairro Arroio da Manteiga em São Leopoldo, na Diocese de Novo Hamburgo. Os procedimentos metodológicos utilizados foram: observação participante, com registros de dados em um diário de campo e, posteriormente, cinco sessões de grupo focal, com a presença de cinco até sete pessoas. Foram sessões semanais com uma hora de duração. A coordenação do grupo ficou a cargo da pesquisadora e de uma observadora. Os resultados encontrados através do processo grupal na Rede de Comunidades São João Batista do bairro Arroio da Manteiga foram: que a presença da resistência é constante tanto na mobilização política quanto na mística dentro do contexto da diocese e que o processo de mobilização política é atuante e atua de forma aculturada, pois cada uma das comunidades que compõem a rede apresenta uma realidade diversa uma da outra. Vale sublinhar a importância da presença da mística, pois percebe-se que é a mística que convoca o povo para militância política, para a conversão em favor dos menos favorecidos.

**Palavras-chave:** Processo grupal. Comunidades eclesiais de base. Mística. Resistencia. Política.

## **ABSTRACT**

This thesis seeks to analyze the group processes such as resistance force, political implication and care of the self that belong to the ecclesial community Sao Joao Batista, in Arroio da Manteiga district, Sao Leopoldo city, located in the Diocese of Novo Hamburgo, in the State of Rio Grande do Sul. Our methodological procedures are the following: participant observation, with data collection in a field diary, and five sessions of a focus group, up to seven participants. These sessions lasted one hour each and took place once a week. Their coordination was due to the researcher and of an observer. Our results found through this group process involving the community network Sao Joao Batista are the following: that the presence of resistance is continuous both in the political mobilization and in the mystic inside the context of the diocese, and that the process of political mobilization is active and acts in an acultured manner, because every community that is part of the network presents a different reality. It is important to highlight the relevance of the mystic aspect here, because we may realize that it is the spirituality that convenes its people towards the political action, for a conversion in behalf of the disadvantaged.

**Keywords:** Group process. Basic ecclesial communities. Mystic. Resistance. Politics.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	<b>9</b>
1.1 MINHA RELAÇÃO COM O TEMA DE PESQUISA .....	13
<b>2 JUSTIFICATIVA</b> .....	<b>15</b>
3.1 TEOLOGIA DA LIBERTAÇÃO: FÉ E POLÍTICA .....	22
3.2 CRISTIANISMO DA LIBERTAÇÃO.....	28
3.3 COMUNIDADES ECLESIAIS DE BASE.....	30
3.4 COMUNIDADES ECLESIAIS DE BASE E A MÍSTICA .....	35
3.5 COMUNIDADES ECLESIAIS DE BASE E O MÉTODO VER, JULGAR E AGIR	39
3.6 MÉTODO VER, JULGAR E AGIR, DIALÉTICA E CONSCIÊNCIA CRÍTICA .....	42
3.7 COMUNIDADES ECLESIAIS DE BASE NA ATUALIDADE .....	44
3.8 ENCONTROS INTERECLESIAIS DE CEBs REALIZADOS NO BRASIL NA ATUALIDADE.....	47
3.9 AS CEBs NO ARROIO DA MANTEIGA .....	49
<b>4 REFERENCIAL TEÓRICO</b> .....	<b>51</b>
4.1 O GRUPO COMO PROCESSO DE PRODUÇÃO DE SUBJETIVIDADES .....	51
4.2 DISPOSITIVO GRUPAL COMO PROCESSO DE TRANSFORMAÇÃO HISTÓRICA.....	54
4.3 RELAÇÕES DE PODER .....	63
<b>5 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS</b> .....	<b>70</b>
5.1 CRITÉRIOS DE ESCOLHA DOS SUJEITOS.....	74
<b>6 ANÁLISE DOS DADOS</b> .....	<b>75</b>
6.1 DADOS DA OBSERVAÇÃO.....	75
6.2 DADOS DO GRUPO FOCAL .....	80
<b>7 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>103</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>110</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa propõe-se analisar os processos grupais como força de resistência, implicação política e cuidado de si nos dias atuais. Trata-se de uma análise psicossocial sobre os processos grupais na CEBs, pertencentes à Comunidade São João Batista situada no bairro Arroio da Manteiga em São Leopoldo, na Diocese de Novo Hamburgo. Os objetivos específicos trabalhados são: Analisar, por meio dos processos grupais, como se desenvolve o cuidado de si como força de resistência nas CEBs atualmente; Pesquisar nas CEBs hoje, a existência de questões relativas ao poder instituído, como forma de controle; Analisar nos processos grupais, a materialização das intersubjetividades dos participantes das CEBs, quanto à autoconstituição e transformação dos sujeitos.

A Comunidade São João Batista desenvolve um trabalho em rede com as comunidades São Roque, Santa Marta, Santa Ana, Divino Espírito Santo e Nossa Senhora Aparecida. A presente pesquisa pretende analisar os processos grupais como força de resistência, implicação política e cuidado de si nos dias atuais. É de relevante importância histórica o trabalho das comunidades eclesiais de base (ou simplesmente CEBs), tanto em nosso país como na América Latina em geral. Por isso, busco pesquisar como se desenvolve esse processo e sua repercussão na atualidade.

Sabe-se que a sociedade latino-americana vem sendo caracterizada há décadas pela exclusão, violência, pobreza e violações dos direitos humanos básicos. Convivemos com uma imensa massa de despossuídos, tanto nas cidades quanto no campo e, conseqüentemente, um progressivo distanciamento do Estado e suas responsabilidades sociais, demonstrando desinteresse pelo bem-estar de grandes setores populacionais. Para descrever essa imensa classe de deserdados, “probetariado”, como foram denominados por alguns líderes cristãos latino-americanos ao se referir a essa classe que é vítima de exploração e de exclusão social.

Nesse sentido, Benevides Barros (2009) sublinha que o sistema capitalista produz necessidades de consumo, ele cria desejos. O desejo é entendido como necessidade de algo: o desejo do objeto. No mesmo sentido, Martin-Baró (Jesuíta e mártir de El Salvador junto com Ellacuria (1989). sublinha que a necessidade determina a existência de objetivos e a tarefa de ação para alcançá-los. A

emergência de um desejo é de livre escolha, para que dessa forma o desejo do objeto possa atender à necessidade do sujeito. O sentimento de carência mostra-se similar no sentido de consumo, pois a toda hora serão criados objetos para motivar as necessidades e o desejo.

O desejo como falta, segundo Benevides Barros (2009), é entendido pelas organizações capitalistas responsáveis pela distribuição de homens em cargos hierárquicos remetendo o desejo a uma existência particular, a uma realidade psíquica fora da realidade de produção social. Como consequência, substancializa-se um dualismo entre produção social x produção desejante, realidade material e realidade psíquica, entre objeto real e objeto fantasmático bloqueando o acesso processual da realidade. A desterritorialização da libido pelas forças produtivas desenvolve uma forma de angústia coletiva que rivaliza as lutas do desejo, as lutas sociais. Nesse sentido, ocorre um efeito dicotomizador entre desejo de um lado e a política de outro, que aniquila o caráter produtivo do desejo em direção a códigos adaptacionistas. Novamente, Benevides Barros (2009) afirma que a primeira tarefa de uma teoria do desejo deveria ser a de procurar discernir as vias possíveis para a sua irrupção no campo social, novas falas que se articulem as cadeias de discurso histórico e estético.

Para Benevides Barros (2009, p. 323),

a opção pelo trabalho em grupo procura seguir o caminho daquilo que chamamos de lógica do terceiro incluído, onde não se buscam significados, mas se produzem sentidos. Três direções norteiam a intervenção em grupo: a problematização, a desindividualização e a experimentação.

Em Benevides Barros (2009), vê-se que o dispositivo grupal é traçado como um campo problemático em que a noção de transversalidade está inscrita como ferramenta capaz de pensar o processo grupal como processualidade capaz de desmantelar os territórios já cristalizados. Acredita-se que a transversalidade como prática pode ser utilizada tanto no nosso trabalho diário bem como pode ser pesquisada como ferramenta de resistência e cuidado de si.

É importante salientar a presença constante das relações de poder nas relações da vida cotidiana, tanto formais quanto institucionais como no plano jurídico. Neste âmbito, o poder trata-se de “um objeto social de que dispõe o estado como gerente do bem comum e que distribui entre os membros da sociedade a fim

de por em execução as exigências e regras do sistema estabelecido”. (MARTIN-BARÓ, 1989, p. 102).

Segundo Martin-Baró (1989), o poder está baseado na posse diferencial de recursos, permitindo que alguns satisfaçam suas necessidades, pessoais ou de classe, e os imponha a outros. O poder não é um algo abstrato, trata-se de manter um pensamento um pensamento crítico. O poder nada mais é do que “uma qualidade de alguém, pessoa ou grupo, na relação com outras pessoas ou grupos. [...] O poder constitui, por conseguinte, um fenômeno social, não meramente individual”. (MARTIN-BARÓ, 1989, p. 97).

Nesse sentido, deve-se buscar as contribuições de Foucault (2004), autor que ressalta que nas mais diversas sociedades os corpos estão aprisionados, acorrentados, limitados. Benevides Barros (2009) concorda com Foucault (2004) sobre a existência de micropoderes que transmitem informações as quais produzem transformações e mudam condutas no corpo social.

A ação do poder disciplinar na sociedade moderna, na sociedade do capital, ocorre através da fabricação de corpos, dentro de um sistema que os reparte e os faz circular numa rede de relações institucionais que se encarrega de regular as atividades humanas pelas normas, penas e sanções. (FOUCAULT, 1979).

Neste contexto, Foucault (1975) sugere às técnicas de si, ou a ética do sujeito, como proposta para a construção de uma sociedade mais justa em que os sujeitos possam se visualizar dentro da prática reflexiva consigo mesmos. Conseqüentemente, ter-se-á uma mudança que partirá da base da leitura política com foco nos dispositivos do poder, em direção à ética, às condutas de si, que levarão o sujeito para novos modos de subjetivação, novos estilos de vida individual e social, para além dos processos impostos pelo sistema de poder e dominação.

A solução para o enfrentamento, para resistência à dominação e docilidade dos corpos, segundo estes autores, seria manter um pensamento crítico, observando todos os detalhes com prudência e empirismo. Isso porque a decisão acertada de julgamento só poderá acontecer durante o exercício, a vivência e participação no poder diariamente.

Benevides Barros (2009) refere o processo grupal como dispositivo produtor de heterogeneidade, como modos de subjetivação como um escape do modo indivíduo. Nessa concepção, o grupo visto como um processo capaz de constituir-se

como forma de resistência frente às forças instituídas de poder e capaz de transmitir informações que produzirão transformações no campo social.

Igualmente Pichon-Rivière (2002) relata que o dispositivo grupal tem como função a possibilidade de abertura de novas significações, a produção de saberes inéditos, nas sínteses que cada integrante do grupo possa avançar rumo ao impensado.

Por outro lado, Lane (1995) fala do processo grupal como uma atividade de intervenção que promove a educação e o desenvolvimento da consciência sociocrítica nos grupos de convivência, como nas mais diversas formas de dispositivos grupais. Propõe igualmente o processo grupal como um método de intervenção possível capaz de acionar as macropolíticas e mudar a dinâmica do capital, principalmente em sociedades capitalistas, onde a ideologia dominante emerge nas relações desempenhadas na família, na escola e no trabalho, gestando relações de dependência e impedindo novas formas de relacionamento.

Observa-se que o trabalho desenvolvido no dispositivo grupal, entendido como transversal, segundo Benevides Barros (2009), poderá fugir das dicotomias indivíduo/sociedade e ser concebido a partir de uma análise sistemática das contradições emergentes, das ideologias inconscientes que geram contradições, estereótipos no processo grupal. Partindo desse pressuposto, como solução de resistência frente ao poder instituído, destaco a contribuição de Foucault (1979) sobre as técnicas do cuidado de si, o governo de si mesmo, capacidade de emancipação, a ética, o pensamento crítico, objetivando novos modos de subjetivação, novos estilos de vida individual e social, como proposta para relações mais éticas e igualitárias.

Penso que um estudo sobre autores tais como Lane, Martin-Baró, Pichon-Rivière, Benevides Barros e Foucault enriquecerão a pesquisa de campo, nas CEBs, no sentido de observar como se desenvolvem os processos de resistência e o cuidado de si como proposta de construção de uma sociedade, minimizando a dependência tanto dos corpos como da economia e da política. É igualmente importante observar a importância da contribuição da mística como fortalecimento de vínculos e capaz de contribuir através da espiritualidade para a construção de um mundo mais ético e livre.

Acredito que não existem verdades absolutas, mas apenas hipóteses que devem sempre ser colocadas e discutidas nos grupos. Esta pesquisa não pretende

esgotar a temática sobre os processos grupais. Defende-se uma prática dentro de uma perspectiva transformadora na qual as pessoas que participam do processo grupal sejam vistas como sujeitos que, em conjunto, podem tomar decisões e lutar por elas, numa atitude emancipadora, crítica, em que o sujeito seja protagonista de sua própria história. Esta pesquisa busca investigar as práticas desenvolvidas atualmente nas comunidades eclesiais de base, que, aliadas ao dispositivo dos processos grupais, possam ou não possibilitar o desenvolvimento de novas estratégias de mobilização sociais e políticas, como propostas de intervenção social numa interface da Psicologia Social-Sociológica.

### 1.1 MINHA RELAÇÃO COM O TEMA DE PESQUISA

Trabalho na instituição social chamada SEMEAR. Localizada na Zona Norte de Porto Alegre há mais de 27 anos, a instituição está situada numa região de periferia onde reside grande número de pessoas que enfrentam dificuldades de educação, habitação saúde e renda. A entidade oferece trabalhos nas áreas clínico-psicológica, de arte-educação e contribui na formação profissional de crianças e adolescentes.

Nestes anos de trabalho, pude observar que as queixas pelas quais a população procura atendimento psicológico na instituição estão diretamente ligadas às seguintes problemáticas: dificuldades de aprendizagem, questões de agressividade ou passividade, enurese ou encoprese, problemas de relacionamentos, de conduta, separação dos pais, desemprego, alcoolismo, drogadição, gravidez indesejada, etc.

O SEMEAR surgiu em função do trabalho de meu esposo que foi pastor, durante muitos anos, da Comunidade Evangélica Luterana da Paz, no bairro Sarandi, em Porto Alegre. Dessa forma, o trabalho com grupos sempre fez parte de minha caminhada tanto social como espiritual. Na tentativa de entender melhor a população na qual eu estava inserida, busquei a formação em psicologia. Após a graduação, dando continuidade a formação me especializei na coordenação de grupos operativos com psicodrama, psicologia social. Nessa sequência, trabalhei desde o ano 2000 com grupos operativos, mais especificamente com a psicologia social na linha de Pichon-Rivière.

A minha aproximação com as comunidades eclesiais de base acontece devido ao meu vínculo com a espiritualidade, com a mística e políticas sociais, pois acredito que a psicologia social, através de processos grupais, aponta para uma opção no sentido de oportunizar o desenvolvimento da consciência crítica como fator de proteção frente ao capitalismo. Nesse contexto, o sujeito pode se adaptar ativamente à sociedade e, assim, desenvolver relações sociais solidárias, afetivas, cooperativas, relações nas quais não haja dominação de uns sobre os outros.

Portanto, esta pesquisa partiu de minha experiência com um processo grupal, em que tive a oportunidade de coordenar diversos grupos: grupos operativos com jovens, grupos de adultos, grupos de trabalho, grupos de estudo, entre outros. Foi neste contexto que encontrei algumas dificuldades no trabalho com os grupos, especialmente quanto à mobilização, à aderência dos sujeitos aos grupos e à conscientização sociopolítica. São exatamente estes questionamentos que dirigiram meus olhares para os trabalhos executados pelas comunidades eclesiais de base, justamente pela importante contribuição para a sociedade brasileira, em especial pela forma como mobilizaram as pessoas para finalidades político-religiosas.

Ao entrar em contato com a literatura e minhas primeiras idas ao campo, percebi na Comunidade São João Batista, do bairro Arroio da Manteiga, em São Leopoldo, a capacidade de mobilização social e política, a aderência do povo aos grupos e a mística como formas de mobilização aos mutirões de trabalho. Vale destacar o importante papel das CEBs no tocante à formação de lideranças comunitárias e à conscientização nas políticas públicas. Com o aprofundamento a partir das leituras que fiz, evidenciei as semelhanças existentes entre o trabalho comunitário realizado pelas comunidades eclesiais de base e a teoria dos processos grupais, pois ambos propiciam espaços de reflexão individual e coletiva do sujeito, no sentido de oportunizar aos seus participantes a conscientização crítica de sua identidade político-social. Ali os sujeitos encontraram espaço para a problematização de sua vida cotidiana, para o desenvolvimento de novas relações e para a expressão de vínculos e sentimentos. Entendi que formação e informação provocam contradições de valores e de sentimentos, contradições que levam à reflexão e à reelaboração do pensamento, impulsionando os sujeitos para a ação, para consciência crítica.

## 2 JUSTIFICATIVA

Na América Latina as ditaduras militares nas décadas de 1960 e 1970 apresentavam um forte poder repressivo que se expressava através da pobreza, das injustiças sociais que vivia a maioria do povo latino-americano. Esta situação do ovo provocou e instigou o papel dos pesquisadores e a própria psicologia social.

Nesse sentido, segundo Lane (1995), na década de 1950 a Psicologia Social apresentava-se como ramo da psicologia

que contribuiria para resolver os grandes problemas da humanidade, parecia a nós, neste período que apenas subsidiava a opressão, a manipulação política, a manutenção do status quo. Diante deste quadro, o nosso cotidiano não nos permitia ficar em torres de marfim, pesquisando neutramente. (LANE, 1995, p. 67).

O desenvolvimento da Psicologia Social na América Latina, segundo Álvaro e Garrido (2003), partiu de numerosos textos de psicologia social publicados por psicólogos sociais latino-americanos. Entre outros podemos destacar: Campos e Guareschi (2000); Cordeiro Dobles e Péres (1996); Corrêa Carlos e Gali (1998); Gonzáles Péres e Mendoza García (2001); Lane e Codo (1994); Lane e Sawaia (1994); Martín-Baró (1998); Rodrigues, Assmar e Jablonski (2003).

Dessa forma não é possível compreender a Psicologia Social latino-americana como única, porque certamente aconteceram diferentes formas de perceber a psicologia social no contexto dos psicólogos latino-americanos, pois

em cada contexto geográfico estão presentes determinadas condições sociais e econômicas, políticas e culturais próprias que interagem com a produção do conhecimento e criam singularidades que é preciso ressaltar. (ÁLVARO- GARRIDO, 2003, p. 305).

Foi a partir deste contexto que Martín-Baró (1998) destacou o conceito de “psicologia social do coquí”. Cunhada pela psicóloga porto-riquenha Milagros López(1985), a palavra coquí refere-se a um pequeno anfíbio muito popular em Porto Rico. Para Martín-Baró (1998) o conceito estava ligado a uma psicologia nacional autóctone, de caráter nacionalista, que não reconhecia o conhecimento vindo de fora com o objetivo de construir tudo de novo, uma psicologia social própria. Vem daí a ideia de Martín-Baró (1998) realizar uma psicologia social crítica

emergente da própria realidade social que vivem os diversos povos latino-americanos.

Lane (1994) concorda com as ideias de Martín-Baró (1998) em seu artigo sobre os “Avanços da psicologia social na América Latina”, a crítica à psicologia social hegemônica e a busca de novas concepções epistemológicas. Na obra de Martín-Baró, salientava-se como sua principal referencia o compromisso maior com a realidade estudada.

Conforme Guzzo (2009), os países do Terceiro Mundo eram considerados como a periferia do sistema, como centro para exploração capitalista, com isso o crescimento das desigualdades ocasionou exclusão social e pobreza sem limites. Sofreu com tudo isso a cultura, política interna, as instituições e a história, mas este mesmo sistema de exploração capitalista também impulsionou lutas e resistências na direção da independência econômica, política e religiosa, principalmente por parte das classes populares. Foi esta história de resistência política, segundo Parker (1996), que marcou o conflito nas lutas das classes médias e do proletariado na tentativa de enfrentar as oligarquias, poder e dominação, pois

a trama política desta época, até a segunda Guerra Mundial foi montada através de efervescentes jornadas em busca do processo democrático da sociedade, golpes de Estado, greves sangrentas, revoluções. Em consequência destes eclodiram diversas respostas por parte das oligarquias que de nenhuma forma aceitavam perder o poder. Em alguns países, especialmente na América Central e no Caribe, as alianças com os Estados Unidos têm sido decisivas. Portanto em consequência das crises oligárquicas e o nascimento de novas classes urbanas, no caminho aberto pela Primeira Guerra Mundial e seguido pela de 1929, as classes médias e o proletariado se organizaram e passaram a lutar por suas demandas e ao mesmo tempo criticar a ordem estabelecida. (PARKER, 1996, p. 279).

Conforme Parker (1996), nos anos 70 na América Central e na América do Sul ocorreu uma luta pela democratização antioligárquica e contra os regimes autoritários. Observou-se igualmente que os processos de democratização evidenciados nas manifestações características deste cenário sociopolítico latino-americano continuava agitado e violento resultando na miséria, repressão, terrorismo, narcotráfico. Conseqüentemente o povo envolvido por todas estas problemáticas buscou na religião uma solução que pudesse dar significado na resolução de suas lutas pelo pão de cada dia.

Nesse sentido, Martín-Baró (1998) “apoiava um realismo crítico que, partindo dos problemas sociais, chegasse à teoria; isto é, que a própria realidade social fosse

definindo a pertinência das teorias para a compreensão e transformação dessa realidade social". (MARTÍN-BARÓ, 1998, p. 305).

Para o mesmo autor (apud GARRIDO (2003), seria função do psicólogo social construir uma psicologia da liberação, o que faria dele ator das transformações sociais através de seu envolvimento como cientista social.

Conforme Gaborit (apud GUZZO, 2009, p. 13), dentro da psicologia

vão se desenhando duas formas de se conceber uma hegemônica e outra contestatória que busca ser fiel com os processos de luta e de transformação das maiorias. A psicologia social crítica, que Martín-Baró foi se denominando enquanto psicologia da libertação, enquadra-se claramente nesta segunda forma.

Conforme Guzzo (2009), é parte inerente da psicologia da libertação estar orientada e fundada na realidade, de onde se resulta o enquadre epistemológico do saber psicológico e suas conclusões,

assim como da finalidade do fazer (quehacer) psicológico. A realidade deve ser o ponto de partida e de chegada da psicologia, caso ela aspire ser pertinente, ser fiel à sua identificação como ciência social, separar-se de um reducionismo idealista e a não abandonar a primariedade das coisas que se impõem por seu próprio peso. (GUZZO, 2009, p. 14).

No pensamento de Martín-Baró (1998) inverte-se o processo de raciocínio hipotético-dedutivo ligado a epistemologia (neo) positivista, chamado por ele de idealismo metodológico, por um realismo crítico. O autor critica o universalismo teórico que deriva das leis ou princípios gerais pretendendo aplicá-los a qualquer realidade social. Mas da mesma forma Martín-Baró (1998) assinala que o enfoque proposto por ele, para a Psicologia Social, não significa a criação de uma nova psicologia social e nem a negação das teorias prévias em psicologia social.

Para este autor, não se trata de construir a partir do zero ou de jogar fora todo o conhecimento disponível:

Isso seria tão ingênuo como presunçoso. Trata-se realmente de construir a partir da própria realidade, em nosso caso, a América Central, a partir dos conflitos e problemas que vivem os povos desse continente para, dessa perspectiva peculiar, ir alinhando os temas básicos da ciência social. (MARTÍN-BARÓ, 1998, p. VIII).

Martin-Baró (1998 apud GUZZO, 2009) afirma três principais motivos fundamentais da psicologia da libertação. Em primeiro lugar, a psicologia social teria que resultar em um descentramento sobre si mesma; concentrar-se no fazer diário das pessoas, e em suas relações sociais concretas, tendo como sua meta principal a vida cotidiana do povo, empobrecido, espoliado no contexto latino-americano. Em segundo lugar, está o caráter histórico das pessoas e das coletividades tão importantes para a construção das subjetividades. Valorizar a configuração do entorno das pessoas e suas relações. Buscar a verdade com base nas maiorias populares. Em terceiro lugar, a realidade e sua influência de forma primária afetando as pessoas e as coletividades que nela estão imersas e que a configuram. Nesse ponto temos a principal importância da psicologia da libertação: acompanhar os sujeitos em seus processos de emancipação rumo a uma sociedade mais justa e humana. Segundo Guzzo (2009), Martin-Baró foi quem nomeou a psicologia da libertação e a vinculou com as Comunidades de Base, a força popular da igreja e com a teologia da libertação.

A psicologia da libertação, para Martín-Baró (1998 apud GUZZO, 2009, p. 114),

incorpora a noção da opção preferencial pelos pobres e parte para o debate sobre o compromisso social da psicologia. Ao realizar seu trabalho de professor da Universidad Centroamericana e pesquisador social, Martín-Baró alerta sobre os limites da psicologia adaptativa e propõe um compromisso político e social para ela.

A Psicologia Social latino-americana, segundo Álvaro e Garrido (2003), desenvolve-se a partir de perspectivas teóricas metodológicas inovadoras resultantes de seu compromisso e enfrentamento aos problemas das classes sociais menos favorecidas. Destacam-se nesta Psicologia Social os aportes da psicologia social da libertação e da psicologia social comunitária e uma série de corrente teóricas, que se incluem na psicologia social pós-moderna. Essas correntes têm como principal traço de identidade a rejeição da concepção positivista da ciência.

No Brasil repete-se o mesmo quadro que acontecia na América Latina, pois a

maior, na psicologia foi sempre a norte-americana, através de seus centros de estudos, para onde iam se aperfeiçoar cientistas e professores, ou de onde vinham professores universitários convidados para cursos em nossas faculdades, como foi o caso do professor Otto Klineberg, que introduziu a psicologia social na Universidade de São Paulo. (LANE, 1995, p. 80).

Nesta mesma época Lane (1995, p. 81) afirma que professores e alunos da psicologia eram desafiados “a compreender como o indivíduo é influenciado pela sociedade, mas como ele poderá se tornar autor dessa sociedade, como ele poderá ser responsável pelo curso da história”?

Acontecia nesse tempo, conforme Lane (1995), uma clausura dos psicólogos sociais, dos sociólogos e dos antropólogos nas instituições acadêmicas, o que concretizava o sentido político da época. Os ideais, as vozes e as ações eram sempre abafados, ocasionando descontentamento desconforto.

Também conforme Lane (1995), entre os psicólogos sociais, por volta de 1961,

esta perplexidade soma-se a outra, de caráter mais amplo, decorrente do impasse em que se encontra atualmente a psicologia social. Na Europa e nos Estados Unidos psicólogos sociais renomados questionam hoje os objetos tradicionais de estudo dessa matéria, tentando definir seu campo de ação e descobrir novos caminhos metodológicos para pesquisas. É a chamada crise da psicologia social que tem sido amplamente debatida nos meios acadêmicos. (LANE, 1995, p. 83).

Nesse sentido, a mesma autora, cita que esta crise da Psicologia Social apresentada na Europa e nos Estados Unidos direcionou-se para busca de novas ideias teóricas que fundamenta a práxis do psicólogo em nosso meio. A referida crise originou as associações como a Associação Venezuelana de Psicologia Social (Avepso) e a Associação Brasileira de Psicologia Social (Abrapso).

De acordo com Lane (1995), as pesquisas em psicologia social no Brasil têm abordado temas escolhidos sem considerar sua relevância ou aplicabilidade no contexto social do país, simbolizando uma dependência cultural aos países considerados do primeiro mundo.

A psicologia social na Argentina foi influenciada na década de 1960/1970, por regimes populistas, o que fez com que Buenos Aires se tornasse uma base de agenciamento de movimentos sociais, produções teóricas e práticas no campo da psicologia. Destacaram-se nesse período entre outros Pichon-Rivière (2002) e José Bleger (2002) sendo que este último sofreu perseguições pelo Partido Comunista por ter tentado aproximar marxismo e psicanálise.

O movimento de crise, que atingiu a psicologia nos países do Primeiro Mundo, também influenciou as sociedades psicanalíticas.

Este período não está desvinculado dos movimentos de contestação em que vive a Europa. [...] surge o grupo Plataforma de ramificação internacional, que na Argentina, em 1971, rompe com o A.P.A. e a I.P.A., único no mundo que se separou de uma Associação Psicanalítica por motivos políticos. Isto se dá num momento de grande comoção Social na Argentina: As Insurreições Militares de Córdoba e Rosário: o surgimento de movimentos Guerrilheiros; o desenvolvimento de um sindicalismo combativo. (VELLOSO, 2000, s/p.).

Para Pichon-Rivière, segundo Velloso (2000), a característica da modernidade é a mudança, por isso o sujeito vive em uma permanente dialética com o mundo, sendo esta a única condição para que este sujeito possa construir uma leitura adequada de sua realidade.

Esta pesquisa por se situar na interface entre a Sociologia e a Psicologia e favorece uma análise importante e estruturada entre os sujeitos, seus grupos e sociedade.

Observa-se, segundo Parker (1996), que nos anos 70 na América Central e na América do Sul aconteceram lutas pela democratização contra as oligarquias, contra os regimes autoritários, perseguição política e a extradição da maioria dos intelectuais da época. No Brasil, estes motivos levou o povo buscar na religião uma solução significativa para resolução de suas lutas, motivo da origem das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) que iniciaram um trabalho em rede em todo o país formado pelos mais variados tipos de pessoas. Este trabalho desenvolveu-se de maneira muito importante tanto no campo político como no campo social reunindo centenas de milhares de cristãos.

Nessa linha de pensamento, justifica-se esta pesquisa como forma fazer uma análise psicossocial dos trabalhos grupais que acontecem nas comunidades eclesiais de base que, possibilitam o desenvolvimento de novas estratégias de mobilização sociais e políticas como propostas de intervenção social numa interface da Psicologia Social Sociológica. Igualmente nesta interface encontra-se minha formação e atuação com a opção de trabalhar em direção a fé e a vida da população desfavorecida, motivo que fez emergir nesta pesquisadora uma inquietude de investigar através dos processos grupais as práticas das Comunidades Eclesiais de Base para qualificar meu trabalho. Penso que os processos grupais como atividade de intervenção, defendidos nas pesquisas de autores como Martin-Baró, Lane e Pichon-Rivière pode enriquecer e ser enriquecido nessa pesquisa tornando as relações sociais mais igualitárias. Por isso, em um programa de pós-graduação em

Ciências Sociais, este tipo de debate se torna profícuo e relevante em termos científicos.

### 3 CONTEXTUALIZAÇÃO

No presente capítulo, apresento temas que se referem mais especificamente à Teologia da Libertação.

#### 3.1 TEOLOGIA DA LIBERTAÇÃO: FÉ E POLÍTICA

De acordo com Gutiérrez (1985), nas décadas de 1960 e 1970 a situação de amargura do povo latino-americano empobrecido estava insustentável, e por isso almejavam-se mudanças, libertação, sentimentos que os levava a exigir, a buscar um caminho para a libertação.

Por outro lado, Parker (1996) afirma que desde o princípio do século a história da caminhada eclesial tem se preocupado com o dia a dia da história da Igreja, tanto em seu contexto social como político. O pensamento religioso das massas nos períodos críticos desta história foi amplamente pesquisado, porém não foi posto suficientemente em destaque o seu significado dentro de um contexto sociocultural mais amplo, como uma caminhada sócio-histórica e religiosa que, tencionando, aguardava novas respostas religiosas de parte da Igreja.

Para Catão (1986), a religião adotava há até pouco tempo uma posição passiva frente à miséria da maioria do povo latino-americano. Os cristãos ocupantes do poder neste tempo, conforme sua posição, eram constrangidos a realizar caridade, oferecer benevolências, função geralmente desenvolvida pelas esposas ou senhoras católicas. O pobre, o necessitado, devia adotar uma posição passiva, dependente, aceitando sua condição de pedinte, e agradecer por tudo que lhe era oferecido. Nessa mesma época ocorreu uma série de acontecimentos históricos que contribuíram para uma aproximação entre a pobreza, a miséria dos indivíduos e a sociedade na América Latina. Os cristãos passam a conhecer a injustiça e opressão da grande maioria da população em resultado da ganância de uma minoria que se tornava cada vez mais rica, enquanto o continente da América do Sul ficava cada vez mais dependente técnica e economicamente dos países mais ricos. Nesse sentido, a religião ocupava uma posição de aceitação passiva “do mundo como Deus o permite, passou para o lado da revolução, visando superar a dominação e instaurar um mundo de justiça e de paz, assim como Deus o quer”. (CATÃO, 1986, p. 8).

Como diz Parker (1996, p. 281):

Em primeiro lugar, devemos constatar que uma análise cuidadosa da história eclesial no presente século nos permite afirmarmos que a mentalidade religiosa das massas tem se mostrado quase invariavelmente como objeto de certa manipulação – consciente ou inconsciente – de parte da hierarquia da Igreja e dos setores conservadores, geralmente fechados em sua luta liberal e antissecularista.<sup>1</sup>

Lara Junior (2005) relata que os teólogos latino-americanos sonhavam com a libertação, e a partir destes sonhos de libertação adquiriram mais confiança para refletir sobre as questões fundamentais do cristianismo, como, por exemplo, o tema da salvação. Esta reflexão propunha que a salvação estivesse vinculada à vida cotidiana do povo, numa caminhada histórica com direção à conquista de sua libertação.

De acordo com Lara Junior (2005), a escolha da Teologia da Libertação (ou simplesmente TdL) em direção ao povo em situação de exclusão, abandono e miséria baseou-se na teologia de Jesus Cristo vindo ao mundo para libertar os pobres da opressão exercida pelos romanos. Os líderes desse movimento da TdL atualizaram este conceito, enfatizando que os romanos desta época eram as ditaduras militares, latifundiários, etc. Através da TdL, os pobres deixam de ser vistos como objeto de caridade, de pessoas dependentes, para desempenharem um papel de protagonistas de sua própria história de libertação. Através desta nova visão e opção pelos pobres, os líderes religiosos assumiram uma caminhada em conjunto e em direção aos oprimidos. Esta tomada de posição trouxe mudanças substanciais para a sociedade, que favorecia quase sempre as elites, as quais historicamente dominaram os países latino-americanos.

Segundo Catão (1986), a caminhada histórica de dominação da América Latina transformou-se em desafio que não podia mais ser ignorado pelos cristãos. A palavra *libertação* passou a fazer parte do sentimento de humanização, um sentimento inseparável da vida dos homens como cidadãos ou sociedade. Neste contexto, nasceu na década de 1960 a Teologia da Libertação, na América Latina e principalmente no Brasil, como resposta aos questionamentos pastorais da igreja. A palavra libertação traz em seu bojo um acontecimento histórico com o qual os

---

<sup>1</sup> Tradução minha.

teólogos se defrontaram ao se aproximarem da população empobrecida. Trata-se de uma prática em prol da sobrevivência do povo na busca de seus direitos, na busca de justiça social. As causas desta luta foram: alimentação, moradia, trabalho digno, participação e inclusão comunitária, urbanização, transporte coletivo, escolas, hospitais e direito a participação na vida política. O processo chamou-se libertação em consequência do sentimento de escravidão, dominação e opressão que o povo carregava quando espoliados destas necessidades básicas de sobrevivência.

Porém, nos tempos modernos, com a ajuda das ciências humanas,

tomou-se consciência de que a dominação vai muito além da escravidão física e persistente no mundo como a realidade difusa, desde a opressão psicológica do homem e da mulher, que introjetaram esquemas autoritários e normas sociais desumanizantes até a dominação política e social, que oprime os mais deserdados, marginalizados e explorados pelos detentores do poder. (CATÃO, 1986, p. 70).

Nesse sentido, para Catão (1986), libertar-se é tornar-se humano e o ato de tornar-se humano é dizer sim a Deus mesmo sem conhecê-lo mais profundamente. Esta aproximação de Deus conduz em direção a Jesus Cristo, a participar da caminhada da salvação. No exato momento em que acontece a conversão os homens são salvos. Vê-se então que a libertação como um acontecimento histórico anterior à salvação realizada em Jesus Cristo.

Trata-se de uma articulação nova, em que a libertação aparece como “figura histórica da salvação”. Sendo assim, ela nos faz reconhecer melhor o mistério de Deus, conhece-lo sob uma luz renovada, com um brilho até agora insuspeitado: ela gera a TdL, como se habituou denominar este novo clarão do mistério de Deus. (CATÃO, 1986, p. 79).

Vale destacar que foi no concílio Vaticano II, ocorrido entre os anos de 1962 e 1965, onde surgiu uma proposta visando uma série de mudanças internas na Igreja Católica. Logo depois em 1979, através dos documentos do Conselho Episcopal Latino-Americano (CELAM), os bispos, certamente influenciados pela TdL, assumiram uma opção preferencial pelos pobres. A partir daí, essa opção, que primeiramente era religiosa, passa a ser igualmente uma opção política. Em 1971, Gustavo Gutiérrez, mostrando-se sensível a todo esse movimento dos intelectuais católicos e do povo, descreveu toda essa luta histórica em seu livro intitulado *Teologia da Libertação: perspectivas*. Este livro acabou então se tornando um marco para o início da TdL. (LÖWY, 1991).

Por todos esses aspectos, esta nova teologia tornou-se um movimento social de capital importância para a América Latina, em consequência de sua opção prioritária pelos pobres. Uma igreja pensada para os mais necessitados e atuantes nos movimentos sociais e políticos.

Teixeira (1987, p. 27-65) destaca que

Essa teologia constitui-se como a primeira dos tempos modernos produzida na periferia da Igreja e comprometida de forma radical com os pobres e excluídos. Foram de grande importância para a sua gênese eventos gerais da Igreja Católica como o Concílio Vaticano II (1962-1965) e, na América Latina, a II Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano, em Medellín (1968), que apontaram para uma modernização da Igreja, uma abertura sua para o social e, no nosso continente e país, a “opção preferencial pelos pobres”.

Segundo Wanderley (2007), a TdL caracterizou-se pelo confronto direto à modernização urbano-industrial e ao progresso técnico entendido como um modelo que privilegiava um grupo minoritário da burguesia que prosperava economicamente por conta da exclusão dos pobres. Nesta época, contava-se com velhos partidos políticos populistas e com partidos de esquerda, que geralmente apresentavam uma postura paternal autoritária tutelar que não oportunizava a participação efetiva das classes populares. A nova força teológica trouxe consigo novos olhares em direção à pobreza, dizendo que esta servia

[...] para desvelar os pobres como oprimidos, cuja pobreza é fruto da acumulação e exploração do seu trabalho e não de uma fatalidade ou desejo divino. Para os teólogos da libertação, a salvação não se realiza no plano individual, mas coletivo, sendo a luta pela libertação humana uma antecipação do “Reino de Deus”. (TEIXEIRA, 1987, p. 27-65).

Igualmente ao longo desse processo, esta nova visão teológica buscou respostas através da Sociologia e da História, no sentido de encontrar os motivos da pobreza no Brasil e na América Latina. Uma das conclusões encontradas pela exploração recaiu primeiramente sobre a empresa colonial e, após pelo capitalismo, que empurra a pobreza dos países centrais para a periferia. A inspiração socialista mostrou-se, então, como possibilidade de uma bandeira a ser levantada, desenhada e criada por homens advindos de todas as classes e construída de baixo para cima. Em consequência desta problemática, a TdL passou a apostar toda a sua força em direção aos pobres e necessitados, influenciados pela ciência política e,

particularmente, pelo marxismo. Porém, de acordo com Martins (1989), é importante relatar que a TdL sempre teve como lema principal o cristianismo apoiando-se apenas em ideias marxistas.

Dessa forma, para Catão (1986), articular e aproximar a TdL e marxismo foi considerado um grande avanço para ela sendo que os seus primeiros trabalhos concretizaram-se em consonância com as exigências políticas da luta pela libertação, estabelecidas pela teoria marxista. Por outro lado, observou-se que esta teologia assumiu uma oposição direta frente ao capitalismo como resultado de uma visão religiosa católica, baseada na cultura e na tradição, inspiradas na verdade evangélica de onde brotaram conseqüentemente as lutas sociais em favor dos oprimidos.

A caminhada histórica, de onde surgiu a TdL na América Latina, apontava para questões que não poderiam ser escritas sem a contribuição de uma análise marxista da religião. Nesse sentido, Löwy (2000, p. 12) destaca que “com a TdL vemos o surgimento de um pensamento religioso que usa conceitos marxistas e que serve de inspiração para as lutas pela libertação social”.

Nota-se, dessa maneira, de acordo com Löwy (2000), um ataque ao capitalismo. Como falsa religião, uma nova forma de idolatria esteve presente nas lutas. Os teólogos latino-americanos, combinando a análise marxista (moderna), teciam comparações sobre o fetiche da mercadoria com a denúncia profética de deuses falsos do Velho Testamento (tradicional), criticavam a respeito dos males provocados por estes deuses cruéis, que exigem sacrifícios humanos (“a dívida externa”, por exemplo): os ídolos capitalistas ou fetiches (no sentido de Marx) são Moloques que devoram a vida humana.

Com isso, ressalto a contribuição de Löwy (2000, p. 120-121) sobre a TdL:

O marxismo deixou de ser um sistema fechado e rígido sujeito à autoridade ideológica de Moscou e se tornou uma vez mais uma cultura pluralista, uma forma dinâmica de pensamento, aberta a várias opiniões e, portanto, acessível a uma nova interpretação cristã. [...] a teologia da libertação causou uma confusão imensa no campo político cultural: rompeu um tabu e estimulou um grande número de cristãos e examinarem de uma maneira nova, não apenas a teoria, mas também a prática dos marxistas.

Para Löwy (2000), os ideais cristãos de libertação já tinham sido introjetados pela cultura do povo latino-americano, que, anexando a essa cultura a politização das relações sociais, através da leitura da Bíblia, deu uma contribuição importante

para a reflexão da sua realidade social e política, conseqüentemente, motivou os cristãos a assumir uma posição política na sociedade, funcionando como suporte ideológico para as classes populares.

Segundo Löwy (1991), o marxismo foi assimilado por grande parte dos intelectuais cristãos, agentes de pastorais e militantes cristãos. Conseqüentemente, os teólogos da libertação estavam sempre em conflito com o governo. Muitos foram perseguidos, presos, torturados e mesmo deportados. Na opinião de Catão (1986), a Igreja, quando entrou em contato com os pobres e os oprimidos, se deu conta de que a luta era imprescindível. Os movimentos pela libertação do povo passaram a ser alvo da luta dos cristãos contra a opressão. Nesse sentido, a TdL propõe um novo conceito de fazer teologia, aponta para uma crítica de sua própria práxis histórica em direção a uma teologia libertadora. Como resultado dessa reflexão crítica, optou preferencialmente pelos pobres e oprimidos e pela libertação destes.

Gutiérrez (1985, p. 27 refere que

teologia que não se limita a pensar o mundo, mas procura situar-se como um momento do processo através do qual o mundo é transformado: abrindo-se – no protesto ante a dignidade humana pisoteada, na luta contra a espoliação da imensa maioria dos homens, no amor que liberta, na construção de nova sociedade justa e fraterna – ao dom do reino de Deus.

Nessa linha de pensamento, Catão (1986) afirma que não se trata de uma nova teologia, e sim de uma nova maneira de fazer teologia. Nesse sentido, buscou-se um caminho que pudesse responder às aspirações dos homens, pelos quais a Igreja se torna responsável. O mesmo autor apresenta uma tese que é fundamental para a TdL: a libertação dos oprimidos é, nos dias de hoje, especialmente no contexto latino-americano, a realidade da salvação de Deus presente no mundo. (CATÃO, 1986).

Desse modo, Leonardo Boff, (1986) afirma que a TdL é uma teologia não compreendida, caluniada e perseguida pelos poderosos. A opção pelos pobres foi à causa dessa perseguição e de sua condenação. Este novo modo de fazer teologia colocou-se ao lado daqueles que estão fora do mercado. Conseqüentemente, esta tomada de posição foi muito condenada pelos poderosos setores da economia e do mercado. Por outro lado, alguns setores dos poderes eclesiásticos tiveram também uma parte nesta condenação, pois acusavam a TdL de cair em heresia ao afirmar

que o pobre poderia ser construtor de uma nova sociedade e, portanto, de outro modo de se fazer Igreja.

Na visão de Leonardo Boff, (1986), o sujeito, antes de ser pobre, é injustiçado e excluído, devendo por isso ser missão e objeto de trabalho da Igreja. O autor afirma que este motivo de optar pelos pobres não é politizar, e sim uma prática evangelizadora da fé que inclui também o político. Acrescenta que quem faz esta opção pelo pobre-oprimido sofre acusações e perseguições de parte dos poderosos tanto civis quanto religiosos. TdL tornou-se uma bênção e uma esperança contra a opressão e a injustiça sofrida pelos pobres. O mesmo autor diz se lamentar que o Vaticano e boa parte dos bispos e padres tenham optado por se colocar ao lado dos opressores, esquecendo-se de que Jesus foi um operário que foi morto e condenado em consequência de suas ações libertárias.

Nesse sentido, Frei Betto (1981), citando a Bíblia, afirma que “ninguém pode servir a dois senhores” (Mt.6, 24). Isso significa, nas palavras dele, que não é possível para a Igreja servir ao mesmo tempo a um Deus de justiça para com os oprimidos e aos senhores donos do capital.

O resumo da ideia central da TdL para Frei Betto (1981) constaria de uma só frase: opção preferencial pelos pobres. A grande virada teológica é que a TdL deixa de ver os pobres como sujeitos de ajuda, numa visão assistencialista, para ir ao encontro destes, como autores protagonistas de sua própria história e libertação, objetivando a emancipação social.

### 3.2 CRISTIANISMO DA LIBERTAÇÃO

Conforme Löwy (2000), o nascimento significativo da TdL ocorre a partir de 1970 através dos escritos de vários autores de toda a América Latina. No Brasil foram principalmente Rubem Alves, Hugo Assmann, Carlos Masters, Leonardo e Clodovis Boff, Frei Betto. Sabe-se que este movimento social e religioso contou com a participação não só de teólogos, mas também de outros setores da Igreja como padres, ordens religiosas, bispos, movimentos religiosos laicos através da Ação Católica, Juventude Universitária Cristã, Juventude Operária Cristã, redes pastorais com base popular, comunidades eclesiais de base, clubes de mulheres, associações de moradores, sindicato de camponeses ou trabalhadores, e outros. Porém a caminhada histórica deste movimento remonta a muitos anos antes do surgimento

da TdL, onde a grande maioria de seus participantes não eram teólogos, por isso o movimento recebeu primeiramente o nome de Igreja dos Pobres, passando a seguir a chamar-se Cristianismo da Libertação, depois de ter avançado os limites da teologia, da Igreja, incluindo a cultura religiosa e a rede social.

O termo Cristianismo da Libertação para Löwy (2000) refere-se a um amplo movimento social e religioso apontando para uma nova cultura religiosa de denúncia das condições sócio-históricas de subordinação e opressão do sistema capitalista na América Latina. Frequentemente este termo é utilizado como Teologia da Libertação, porém é importante salientar que o movimento emergiu anterior a esta teologia e a maioria dos seus ativistas não eram teólogos. Existiu igualmente um outro termo utilizado: Igreja dos Pobres, não sendo o mesmo, mais adequado, pois nem todos os participantes desta rede social eram pobres. O termo mais apropriado realmente foi Cristianismo da Libertação.

Nas áreas urbanas, como refere Löwy (2000), as CEBs reuniram uma grande maioria de mulheres. Em São Paulo, por exemplo, de acordo com pesquisas recentes, as mulheres representaram mais que 60% dos participantes. Foi devido a essa participação que muitas delas conseguiram entrar para o campo da política. No movimento, a marca deixada pelas mulheres fortaleceu-se pelo fato de ser grande o número das agentes pastorais. As organizadoras das CEBs, nas áreas urbanas populares, foram mulheres pertencentes às ordens religiosas femininas.

Porém, conforme Löwy (2000), o Cristianismo da Libertação recebeu fortes críticas por parte do Vaticano, por parte das alas mais conservadoras da Igreja como o CELAM e do Conselho dos Bispos Latino-Americanos. Assim, Löwy (2000, p. 58) observa-se

essa dimensão moral e religiosa é um fator essencial na movimentação de milhares de ativistas cristãos nos sindicatos, nas associações de moradores, nas comunidades de base e nas frentes revolucionárias. Os próprios pobres se conscientizam de sua condição e se organizam para lutar como cristãos que pertencem a uma Igreja e são inspirados por uma fé.

Para Löwy (2000), a influência do Cristianismo da Libertação e das CEBs contribuiu muito nas lutas pela democracia e pela autonomia social da América Latina nos últimos 25 anos. Vale destacar que foi a força destes movimentos sociais que oportunizaram mudanças internas e externas na Igreja no final da década de 1950.

Para Löwy (2000, p. 109):

O Cristianismo da libertação, o movimento social que tem sua expressão intelectual na teologia da libertação, critica a modernidade “realmente existente na América Latina (capitalismo dependente) tanto em nome de valores pré-modernos como de uma modernidade utópica (a sociedade sem classes), através da mediação socioanalítica da teoria marxista, que une a crítica dos primeiros e a promessa da segunda”.

Conforme o mesmo autor, a opção pelos pobres, no contexto do Cristianismo da Libertação, se expressou na práxis através do engajamento de centenas de milhares de cristãos oriundos de movimentos como: comunidades eclesiais de base, agentes pastorais, padres e religiosos, pela constituição de associações de bairros, movimentos de camponeses sem-terra, nos sindicatos, e na defesa de prisioneiros políticos contra a tortura.

### 3.3 COMUNIDADES ECLESIAIS DE BASE

Com o surgimento da TdL, passou-se a observar, segundo Löwy (2000), o surgimento das comunidades eclesiais de base (CEBs). Por volta de 1960, estas comunidades eram alguns pequenos grupos de vizinhos que moravam na mesma vila, favela, aldeia ou zonas rurais populares. Em tempos de regimes ditatoriais, as igrejas tornaram-se espaços seguros, um dos únicos canais que continuava aberto naquele tempo de profundas repressões e injustiças sociais. Ali o povo podia manifestar suas ideias e sonhos de uma vida melhor. Por esse motivo, as CEBs emergiram como um movimento de desafio, um grito de esperança por libertação, vindo dos povos latino-americanos à Igreja. O objetivo era buscar caminhos evangélicos para tornar o processo de libertação numa práxis capaz de transformação da história, buscando um mundo mais justo e amoroso. Frei Betto (1981) concluiu que são pequenos grupos de pessoas que se juntavam em torno da igreja urbana ou rural por iniciativa de leigos, padres ou bispos.

Conforme Wanderley (2007), as comunidades eclesiais de base, inspiradas no Concílio Vaticano II, proliferaram-se especialmente nas décadas de 1970 e 1980 no Brasil e na América Latina. Estas comunidades eram pequenos grupos populares de divulgação e fortalecimento da fé bem como de mobilização dos direitos sociais.

Vale destacar que estes grupos estavam ligados à Igreja Católica e as igrejas protestantes históricas moravam no mesmo povoado, na mesma vila.

Estas comunidades constituem-se numa experiência pastoral que emergiu como oportunidade de participação aberta aos sujeitos, dentro da estrutura tradicionalmente rígida da Igreja. Esta abertura à participação dos leigos é muito importante para a compreensão do que aconteceu na Igreja do Brasil em meados de 1970 e 1980, momento em que as CEBs estavam trabalhando com todo seu potencial mobilizador. Desse modo, lentamente os oprimidos, os que estavam sendo explorados, os trabalhadores foram se unindo, se organizando e conseqüentemente exigindo seus direitos. Conforme Libânio (1996), com o desenvolvimento desta nova forma de agir da Igreja, esperava-se que o lugar das pastorais tradicionais fosse substituído pelas CEBs.

É importante salientar que a situação política brasileira implantada pelo regime militar influenciou fortemente o desenvolvimento deste novo jeito de fazer Igreja, isso sem mencionar a forte resistência de setores conservadores dentro da própria Igreja. Por estes motivos, algumas CEBs foram obrigadas a deslocarem sua atuação e desenvolvimento para pequenas comunidades nas áreas rurais.

Ainda neste contexto, Parker (1996), referindo-se à década de 1960, relata que a economia agrícola passava por um período de transição acompanhado pelo capitalismo agrícola, nas regiões de pequenos camponeses pobres e marginalizados. A vida cotidiana destes era marcada por uma situação de exclusão socioeconômica muito grande, sendo que a sobrevivência era quase impossível. Viu-se então que a mudança através de seus próprios esforços foi substituída pelo sonho messiânico de mudança de vida mais no sentido espiritual, sonho tecido sobre a base de lendas que provocaram um impacto profundo nas massas, estimulando um fervor e uma ardente mobilização.

Nessa perspectiva, escreve (Dom Luiz) Fernandes (1984, p. 11) que

os barracos estavam lá, há bastante tempo, encarapitados no morro, na sua folgança de favela. Mas tudo passa e... “a alegria de pobre dura pouco”. “Um dia, o departamento de turismo da Prefeitura achou de intrigar-se com a situação e decidiu que os moradores deviam ser transplantados para um lugar mais conveniente”. O espaço nobre devia ficar liberado para obra de arte e beleza, em vez dos casebres mal alinhados. Já não era mais tolerável aquela mancha escura na face bonita da cidade. A favela tinha que ser erradicada.

Aí, foi o começo de tudo. O boato logo correu de porta em porta, de boteco em boteco. A população estremeceu: “Sair daqui?... Quando?... Por quê?...”

Como?... Para onde?...” Era a revolta geral. E pela primeira vez, reuniu-se todo mundo, quase todo mundo. Era preciso tomar providências, tomar uma decisão, uma atitude coletiva. Na primeira reunião, não se chegou, efetivamente, a grande coisa, mas ficou assentada:

“A gente não vai sair, nem que o morro venha abaixo!”

Parece que foi até então, a única vez que o pessoal do “Alto Bonito” concordou em alguma coisa.

Daí em diante, já se pode imaginar: combinaram outros encontros. Escolheram uma ampla comissão para tratar com as autoridades. E em meio a uma assembleia esquentada houve alguém que levantou a voz: “Meus irmãos, vamos dar as mãos e rezar um pai-nosso, para Deus dar força à gente nesta luta!”.

Nascia uma comunidade Eclesial de Base no Alto Bonito, a partir de uma luta popular.

De acordo com Lara Junior (2005), esse processo histórico motivou o surgimento de crenças sincréticas no seio destes povos situados nas mais longínquas regiões, não sendo eles atingidos pela rigidez do controle da Igreja. Com isso, surgiram novos ritos, revelações místicas, novas crenças regionais, de acordo com as características socioculturais, partindo do cotidiano das pessoas. Conseqüentemente, despontaram sacerdotes, líderes religiosos e religiosas populares liderando tanto os cultos como a coordenação dos povoados. Esses líderes religiosos não dispunham da formação teológica oferecida aos outros membros da Igreja, tendo apenas vivências culturais e comunitárias de símbolos e rituais característicos de uma determinada região.

Nesse sentido, Lara Junior (2005, p. 156-174) destaca que

a religiosidade popular no Brasil se estabeleceu, em grande parte, em paralelo aos sistemas oficiais pelo fato de a grande maioria da população formada por índios, negros e mestiços ter sido excluída pelo Estado das políticas públicas por considerá-los como cidadãos de segunda categoria destinados a viver no abandono e na pobreza. Essa população também era excluída pela Igreja das práticas “religiosas oficiais”, pois ela não tinha padres o suficiente para atender todas as cidades e povoados do Brasil. Portanto, nessas localidades a religiosidade popular foi se estruturando a partir de elementos sincréticos existentes em cada comunidade.

Desse modo, (Dom Luís) Fernandes (1984) referindo-se a esse movimento social, enfatiza que uma pequena comunidade eclesial de base pode nascer de uma necessidade comum a todos, de uma comunidade popular, mesmo que esta luta seja momentânea, mas desde que mobilize o povo. Então, se durante o processo surgir uma pessoa que contribua para o grupo com sentimentos evangélicos, solidários, o grupo estará dando um passo decisivo. Continua o mesmo autor

dizendo que a partir daí é só deixar rolar o embalo comunitário dos interesses comuns.

Para Santos (2012), as comunidades eclesiais de base foram criadas por setores progressistas da Igreja, tratando-se de grupos que oportunizavam uma maior aproximação entre o povo menos assistido pelo poder público e pela Igreja. As CEBs reuniram centenas de milhares de cristãos, em maior ou menor escala, em todo o continente.

Na lógica de Frei Betto (1981), o termo *comunidade* se refere à reunião de pessoas que compartilham da mesma fé, pertencendo à mesma Igreja e que moram na mesma região. Nesse sentido, as pessoas motivadas pela fé partilhavam sentimentos de *comum-união* na direção dos problemas que enfrentavam na vida diária. Lutavam por melhores condições de vida, moradia e ansiavam por liberdade.

O mesmo autor destaca que

são eclesiais, porque congregadas na Igreja, como núcleos básicos de comunidade de fé. São de base, porque integradas por pessoas que trabalham com as próprias mãos (classes populares): donas de casa, operários, subempregados, aposentados, jovens e empregados dos setores de serviços, na periferia urbana, na zona rural, assalariados agrícolas, posseiros, pequenos proprietários, arrendatários, peões e seus familiares. (FREI BETTO, 1981, p. 17).

Assim sendo, Wanderley (2007) acredita que as CEBs favoreceram muito a forma de auxiliar os pobres na busca de direitos humanos e cidadania. Estas comunidades contribuíram sensivelmente para o resgate e a reinterpretação do significado de comunidade, tanto no meio urbano como no meio rural. Este processo auxiliou expressivamente a dinâmica eclesial, em direção ao caráter profético e libertador do cristianismo. Nessa lógica, as CEBs funcionaram como modo de retorno ao sentido da comunidade, não só na igreja como também na sociedade. As formas coletivas de organização favoreceram a recuperação da iniciativa, das lideranças com um posicionamento mais ativo em direção à diminuição do sofrimento até então enfrentado passivamente.

Por sua vez, Lesbaupin (1997) afirma que as CEBs são comunidades religiosas, participantes de movimentos comunitários e sindicais. Estas comunidades apoiam movimentos populares, lutam contra a expulsão dos sem-terra, também por melhores salários, moradia e pela violência. As comunidades lutam igualmente nos sindicatos, nas associações de moradores, nos movimentos de mulheres, de negros,

de meninos de rua etc. O autor relata que a participação “[...] não é uniforme, nem de todos os membros, mas todos acompanham e apoiam, e onde há uma CEB, existe também algum tipo de mobilização social”. (LESBAUPIN, 1997, p. 47-74).

A caminhada histórica das CEBs foi marcada, de acordo com Wanderley (2007), por constantes embates e conflitos com diversos membros da Igreja, e igualmente com setores do governo e da burguesia, como podemos observar nas modificações litúrgicas, na espiritualidade, na partilha, na fé, na política e quanto ao compromisso social com os pobres.

Por sua vez, Teixeira (1987) escreve que muito se falou, nos anos 1970 e 1980, sobre o impacto do trabalho das comunidades eclesiais de base. Tanto no campo político como no campo social, as CEBs foram consideradas como uma força propulsora em direção à formação de uma nova consciência das camadas populares e um fator de grande importância no processo de libertação dos pobres. Nos processos grupais das CEBs, as novas formas de organização social como assembleias produzem mudanças pessoais e no entorno do sujeito. A orientação que regeu as CEBs, segundo Lesbaupin (1997, p. 47-74), foi marcada pelas

[...] ideias de Paulo Freire e do Movimento de Educação de Base (MEB) de setores “progressistas” da Igreja Católica nos anos 1960, da participação das camadas populares no processo de sua própria educação (política), através da discussão de seus problemas imediatos, seguida da decisão política para defesa de seus direitos.

Na opinião de Frei Betto (1981), as comunidades eclesiais de base continuam três etapas principais, das quais a primeira relacionava-se à espiritualidade, à fé, à leitura da Bíblia, onde buscavam orientações para sua atividade social. Na segunda etapa, eram abordados os movimentos populares e a participação das pessoas nas comunidades. Nestes movimentos populares estavam católicos, protestantes, espíritas e ateus, enfim, todas as pessoas que se colocassem ao lado dos oprimidos. Nessa perspectiva, a divisão não acontecia só pela fé das pessoas, mas dependia também de uma postura ao lado dos interesses dos pobres e não a favor dos opressores. Já na terceira etapa, situava-se a caminhada do movimento operário, sua organização e fortalecimento. Os trabalhadores, tanto no campo como nas cidades, participavam da Oposição Sindical, atuavam nas greves e lutas de suas categorias.

Para Frei Betto (1981), deveria existir também mais uma quarta etapa que englobaria uma reforma partidária que buscasse novos canais de expressão política para a sociedade brasileira.

Já na opinião de Coutinho (2009, p. 183-196), a organização ideal-típica das comunidades eclesiais de base deveriam contemplar os seguintes itens: celebração dominical sem padre (celebração da Palavra com ou sem distribuição da Eucaristia); conselho comunitário ou equipe de coordenação; círculos bíblicos ou grupos de reflexão bíblica; e compromisso sociotransformador.

Quanto à forma desenvolvida nas reuniões, Frei Betto (1981) diz que se tratava de uma reunião aberta, onde todos podiam participar e ocupar um espaço onde se reviver as dificuldades e opressão sofrida na vida diária. Termos como justiça, fraternidade, solidariedade, compromisso e caminhada revelavam os seguimentos de Jesus e a vontade de implantar concretamente o Reino de Deus.

As CEBs desenvolveram-se em rede por todo o país, sendo formadas pelos mais variados tipos de pessoas; umas mais politizadas, outras nem tanto. Contudo, de acordo com Frei Betto (1981), mesmo as comunidades tidas como menos politizadas, como os clubes de mães, que se agrupam em torno do “corte e costura”, possuíam qualidades para exercer uma atuação preponderante no bairro. O vínculo e a vivência em comunidade desempenhados no clube de mães favoreceram a construção de sentimento de solidariedade que se estenderam por toda a comunidade.

Frei Betto (1981) fala que os grupos trabalhados pelas CEBs eram compostos por todos os tipos de pessoas. Na lógica dos processos grupais, considerando a Psicologia Social, tratava-se de grupos heterogêneos e igualmente possuíam uma tarefa específica (corte e costura). A tarefa é a trajetória que os grupos percorriam para atingir suas metas, sendo nessa trajetória que o grupo operativo pode ser econômico, na medida em que dispunham somente da energia necessária suficiente para elaborar e concretizar o projeto.

### 3.4 COMUNIDADES ECLESIAIS DE BASE E A MÍSTICA

*Mística* tem suas raízes na palavra mistério, estando ligada à experiência religiosa nos rituais. “A pessoa é levada a experimentar, por meio de celebrações, cânticos, danças, dramatizações e realização de gestos rituais, uma revelação ou

uma iluminação conservada por um grupo determinado”. (FREI BETTO; LEONARDO BOFF, 1999, p. 12).

Segundo Follmann et al. (1996), foi através das CEBs que emergiu um novo jeito de ser igreja, que se traduziu em novas formas de pensar, de agir, num modo simples de ver as coisas, não de maneira sistemática, mas promovendo a criatividade e a espontaneidade. As CEBs oferecem acolhida para as pessoas, onde as mesmas se encontram como irmãos na mesma fé em Jesus Cristo. “[...] celebram a vida da comunidade, iluminadas pela Palavra de Deus e compartilham suas experiências”. (FOLLMANN et al., 1996, p. 22).

Nesse sentido, as CEBs funcionam como motivadoras e fomentadoras de novas relações, integração ética e religiosa, possibilitando a transformação de vidas. Dessa forma, é oferecida nas celebrações a experiência mística como “[...] experiência de Deus que faz a história do seu povo. Ela anima e alimenta os membros da comunidade para viverem sua fé engajados”. (FOLLMANN et al., 1996, p. 22).

Conforme Lara Junior (2005), é a mística que oportuniza o processo de encontro do ser humano com Deus através da oração, da celebração e a consequente preocupação com as lutas sociais. Nesse sentido, vê-se que as celebrações místicas não podem faltar no cotidiano dos militantes.

Observa-se que as pessoas mais empobrecidas expressam suas angústias, suas tristezas através da religiosidade.

Os momentos mais propícios para a percepção de manifestações desses sentimentos ocorrem nos povoados e até nas cidades por ocasião das festas, novenas, orações, danças, promessas, festas de colheita e plantio, todos os eventos que fazem parte do cotidiano popular. (LARA JUNIOR, 2004, p. 61).

Para Clodovis Boff. (1984), a mística é entrar em contato com uma zona de profundidade, difícil de ser explicitada, mas que permeia toda a prática do trabalho popular. Chama de mística a ideologia, filosofia de trabalho, ética ou concepção de vida.

Lara Junior (2005, p. 74), baseado em Clodovis Boff, afirma que fazer a experiência mística

é estar diante do sagrado, do absoluto – Deus – e experimentar profundamente um abandono nas mãos desse Deus. É um despojamento das limitações da realidade concreta e um lançar-se numa esfera que está para além de si próprio.

De acordo com Clodovis Boff. (1984), o trabalho com o povo deve ser um ato amoroso. A exclusão deste ato amoroso, da espiritualidade, toda a metodologia cai no behaviorismo, transformando-se em tecnologia da estimulação. Nesse sentido, o trabalho popular deve ser um ato de libertação, no verdadeiro sentido do termo: desobstrução, desimpedimento, facilitador da vida e do desenvolvimento.

As celebrações litúrgicas oportunizam espaços para despertar o sentimento social e religioso. Através dos depoimentos, as pessoas, podem observar a contribuição das celebrações místicas para o fortalecimento espiritual, solidariedade e autoestima. Assim, observa-se que

as celebrações litúrgicas, a participação com outros movimentos, a participação nas diferentes lutas (pela melhoria das condições de vida), a troca de experiências, as devoções populares, as romarias, as festas, as novenas, os tríduos e as reuniões internas em geral são relatadas como fontes revitalizadoras e dinamizadoras. (FOLLMANN et al., 1996, p. 22).

Para Follmann et al. (1996), a mística das CEBs deve acontecer em torno da pessoa de Jesus Cristo, oferecendo acolhimento aos menos favorecidos a fim de que estes se sintam incluídos e integrandos na vida da comunidade. Leonardo Boff, (2014) sublinha que os povos colocados à margem do sistema político-religioso, os pobres, os índios, os negros, demonstraram sua fé através da cultura popular, “que se rege mais pela lógica do inconsciente e do emocional do que do racional e doutrinário”. (LEONARDO BOFF, 2014, s/p.). Estes povos criaram uma rica simbologia através das festas populares aos santos e igualmente uma arte multicolorida, uma música impregnada de sentimento, manifestando de forma especial, diferente, um jeito popular de expressar sua fé. A arte utilizada como instrumento libertador do povo.

Frei Betto (2004), ao explicar a mística, afirma que os místicos são pessoas que constroem, que buscam uma profunda aproximação com a presença de Deus, que descobrem uma experiência amorosa com ele. O mesmo autor cita Santo Tomás de Aquino: “Quando eu oro, eu vou ao mais íntimo de mim mesmo, e dentro de mim eu encontro o outro que não sou eu, mas que funda a minha verdadeira

identidade”. (VIII JORNADA TEOLÓGICA DE DOM HELDER CÂMARA, 2004, p. 24).

Para Marins et al. (1989, 29), a espiritualidade das CEBs pode ser sintetizada no seguinte: “A CEB não fundamenta o seu ser numa comunhão sociológica nem em uma dinâmica grupal. Sua Mística lhe advém de ser ‘Koinonia’ comunidade eclesial que reverbera vitalmente a própria Santíssima Trindade”. Trata-se de uma correlação com a teoria de formação da identidade, a socialização, o mundo material e físico, a internalização de mim mesmo, da própria subjetividade.

Nessa perspectiva, a práxis da mística é exemplificada pelo Cechin (1988, p. 570):

Aos poucos nosso coração vai se abrasando, chega a arder porque nos encontramos na presença amorosa de Deus de Jesus Cristo. Enchemo-nos de tanta alegria que parece ecoar aos nossos ouvidos as mesmas palavras de Jesus no Evangelho: “Felizes os olhos que veem o que vós vedes! Pois eu vos digo que muitos profetas e reis quiseram ver o que vós vedes, mas não viram, ouvir o que ouvís, mas não ouviram!” (Lc 10, 23-24).

Desse modo, Fernandes et al. (2012, p. 198) sublinha que a religião é considerada como de suma importância para formação ética dos sujeitos que

percebem a religião como fornecedora de um sentido para a vida, de equilíbrio, de segurança, de fortaleza diante das dificuldades. Também é fornecedora de identidade, de valores éticos, de esperança, de sabedoria e vida. Para este grupo, ter uma religião é tomar atitudes solidárias.

Como refere Clodovis Boff, (1984), o sentimento místico está diretamente ligado ao trabalho popular; trata-se de uma zona que apesar de ser pouco explicitada faz parte da vivência, da caminhada histórica dos sujeitos nela incluídos. Para este autor, se a mística não fizer parte do trabalho popular, este trabalho se transformará em uma simples técnica de manipulação com regras metodológicas capazes de se transformar em conceitos rígidos e sem alma.

Nesse sentido, apresentar o pensamento religioso do povo na América Latina e, em especial, do povo brasileiro

implica estar diante da contradição, pois ao mesmo tempo em que a religião emudece e forma fatalistas passivos, que se conformam com a realidade de opressão, por outro lado, ela também gera pessoas com propostas de transformação social fundamentadas por crenças religioso-políticas. (LARA JUNIOR. 2004, p. 66).

As celebrações místicas no trabalho das CEBs são a maior fonte de esperança que testifica as lutas diárias do povo desde as dificuldades com o transporte para o trabalho, ônibus lotado, da mídia, da socialização dos bens e dos espaços públicos disponíveis. As celebrações místicas são muito fortes e se destacam na vida do povo simples, empobrecido, migrante e excluído do nosso país que encontram nestas, uma oportunidade de inclusão e participação social cultivadas nas CEBs. O povo das CEBs é por natureza caminhante, romeiro, peregrino e está constantemente em busca da Terra Prometida. Nesse sentido, o povo das CEBs caminha, faz orações, lê a Palavra de Deus, cultiva a tradição, festeja, louva a Deus em comunhão, reconciliado com outros irmãos. Consequentemente ele se mostra mais solidário vivendo e praticando sua fé. É Deus participando da vida diária do povo, na vida de suas famílias, no enfrentamento às doenças, nos momentos de provação, falam com Deus e com os santos. Contam coisas mais íntimas de suas vidas. Noutras palavras, é através da experiência mística que se traça o caminho, transborda a verdadeira vida. Uma liturgia impregnada de vida, da caminhada histórica do povo que decide viver e andar com Jesus espelhando-se nas primeiras comunidades cristãs. “As celebrações são lugares santos, cheias de vida e plenas da Vida Divina. O povo se alegra e proclama a fé no Deus que faz caminho com ele. Deus é promessa e garantia de um futuro feliz”. (13º. INTERECLESIAL DE CEBs, 2014, p. 40).

É importante ressaltar que durante o processo de leituras realizados, juntamente com as visitas ao campo de pesquisa, foi possível constatar a importância exercida pela mística como fator positivo na aderência dos sujeitos aos grupos das CEBs.

### 3.5 COMUNIDADES ECLESIAIS DE BASE E O MÉTODO VER, JULGAR E AGIR

O método Ver, Julgar e Agir foi criado, segundo Chaloub (1989), por Joseph Cardijn, que foi também fundador da Juventude Operária Cristã (JOC). Durante sua trajetória o método vem sendo aperfeiçoado em muitos países. Foi inicialmente utilizado pela Ação Católica. Sua recomendação partiu do Vaticano II e do Documento de Medellín em 1968, da segunda Conferência Episcopal Latino-Americana, e igualmente confirmado na Terceira Conferência, em Puebla, no ano de

1979. Porém foi nas CEBs onde mais se difundiu como ferramenta de luta por todo o Brasil.

Durante a sua caminhada histórica, o método Ver, Julgar e Agir obteve grande desenvolvimento na Igreja, que passou a utilizá-lo com frequência, obtendo legitimação oficial através do arcebispo de Paris, o cardeal Suard, depois de utilizá-lo quando organizou a missão operária e seus padres operários.

O método, segundo Boran (1977), constitui um caminho em que o sujeito é capacitado através da ação prática, motivado pela ação a isolar o comodismo a fim de pertencer a uma comunidade cristã. Nessa comunidade os sujeitos se sentem compromissados uns com os outros e especialmente engajados na luta com os que estão de fora na sociedade: os excluídos espiritual e materialmente.

Para que o compromisso espiritual e material se concretize, torna-se necessário que o cristão desenvolva uma

capacidade de perceber a realidade como ela é, e assim superar uma visão ingênua da realidade e deixar de ser teleguiado por pessoas que não têm como centro da sua preocupação a dignidade do homem, de todo o homem, como filho de Deus. (BORAN, 1977, p. 25).

Conforme Chaloub (1989, p. 98), o método Ver, Julgar e Agir não são etapas de um método:

Trata-se de um todo único. São momentos ou elementos de um mesmo e único processo. Não existe o tempo de Ver, do Julgar... O ver é transição e fase constitutiva do Julgar e do Agir consciente. A distinção entre eles não assinala sucessividade; indica níveis de essenciais de reflexão que, por sua própria lógica interna, desemboca em proposta de ação. O método Ver, Julgar e Agir é então – concluímos – uma abordagem dialética. Não se esgota na empiria. Procura compreender o fato em sua realidade social complexa, contraditória, opaca, estabelecendo com a mesma realidade uma relação dialética imediata, concreta, transformadora.

A mesma autora sublinha que o método é uma ferramenta prática de capacitação em ação, que não só transforma o sujeito como também o motiva para assumir compromissos na transformação da sociedade. “O método está ligado à maneira de ser Igreja, e ajuda no processo de pastoral de conjunto, fazendo VER ‘como comunidade’, JULGAR ‘como comunidade’ e AGIR ‘como comunidade’”. (DIOCESE SÃO JOSÉ DOS CAMPOS, 2011, s/p.).

O método Ver, Julgar e Agir desperta o senso crítico para que o cristão possa ver as coisas como elas realmente são, situando o homem incluído dentro do mundo como pessoa consciente. Boran (1979) sublinha que o método Ver, Julgar e Agir tem por finalidade

desenvolver uma pedagogia de formação na ação; formar senso crítico; formar líderes cristãos que se engajem na transformação dos seus meios específicos: escola, bairro, trabalho, família; educar para liberdade; ligar a religião com a vida; chegar a decisões certas na vida diária; montar encontros de conscientização; elaborar documentos; avaliar o engajamento e caminhada do grupo; resolver o problema de reuniões sem rumo; método para chegar a decisões certas na vida diária das pessoas. (BORAN, 1979, p. 24).

Nesse sentido, Chaloub (1989) assinala que o método nada mais é do que uma ferramenta de trabalho altamente revolucionária, incluindo uma fase de conscientização que nos leva a um agir subsequente, rumo à tomada de consciência da verdadeira situação crítica e social, que resulta no agir como resposta a esta mesma consciência deixando o sujeito indelevelmente marcado por ela. No trabalho pastoral, o método Ver, Julgar e Agir desenvolve um importante papel, pois

parte das reais necessidades das pessoas; clareia os conteúdos que se transmite; permite vincular a teoria a prática; envolve as pessoas, exigindo a participação nos encontros; dá vida e significado ao conteúdo (doutrina); alegria o ambiente, provocando a participação de todos (as); desenvolve a capacidade de observação e compromisso; ajuda a diminuir os gastos, o tempo e a aproveitar melhor os recursos; estimula a criatividade, o trabalho grupal e a corresponsabilidade; dá mais segurança diante dos desafios e barreiras; evita a improvisação. (DIOCESE SÃO JOSÉ DOS CAMPOS, 2011, s/p.).

Dentro deste processo acontece uma fase chamada *pós da metodologia*. Trata-se da fase Rever e Celebrar. Esta fase nada mais é do que uma avaliação onde Rever significa uma tomada de consciência sobre o que se fez, hoje e ontem para dar qualidade ao agir de amanhã. Considera-se esta fase a de vital importância para o método.

De acordo com Frei Betto (1981), no trabalho com o método Ver, Julgar e Agir, independentemente do lugar onde estivessem reunidos, os participantes do grupo oravam, cantavam e, logo depois, discutiam seus problemas, suas dificuldades. Os problemas eram dos mais variados: desde a doença de um filho até barracos destruídos pela chuva, horas extras, desemprego, etc. A comunicação

intergrupala variava muito e, em certas ocasiões, era o monitor-coordenador que indagava o grupo sobre como tinha sido sua semana. Esta era a etapa do Ver, que se trata de uma reflexão sobre fatos, causas e consequências.

A consciência crítica nos processos grupais é resultante do trabalho grupal operativo, que possibilita explorar suas fantasias básicas, criando condições de mobilizar e romper com as estruturas estereotipadas. Quando o grupo apreende a problemática, os obstáculos que emergem na concretização de seus objetivos podem ser resolvidos com a elaboração de projetos viáveis, tornando o grupo crítico, capaz de operar mudanças.

### 3.6 MÉTODO VER, JULGAR E AGIR, DIALÉTICA E CONSCIÊNCIA CRÍTICA

Na opinião de Frei Betto (1981), foi nas comunidades rurais que as CEBs mais se desenvolveram. As comunidades comportavam homens do campo, pequenos agricultores, boias-frias, assalariados rurais que acabaram encontrando na Igreja um refúgio, um lugar ideológico. Nesse sentido, a religiosidade nas comunidades rurais se desenvolveu de forma muito mais intensa do que a religiosidade dos operários urbanos. Dentro desta perspectiva,

as comunidades rurais não têm uma consciência política explícita enquanto categorias cartesianamente acadêmicas, mas vivem na carne o sofrimento resultante da mais brutal opressão. Por isso, não temem a luta por seus direitos, pois já não têm nada a perder. (FREI BETTO, 1981, p. 26).

Consequentemente, as raízes da vida diária do povo, suas lutas, suas preocupações humildes e concretas, constituíram-se como motivação para a auto-organização, pois, interagindo com as bases, produziram forte senso crítico sobre as manipulações políticas e o paternalismo estatal.

Nesse sentido, Frei Betto (1981, p. 38) acrescenta que

a pastoral popular procura estabelecer uma relação dialética com as bases e um dos aspectos mais importantes dessa relação é a descoberta de uma nova pedagogia de trabalho com as classes populares. Uma pedagogia que permite verificar algumas das razões pelas quais não se firmou ainda neste país um instrumento político enraizado no povo e capaz de se afirmar, historicamente, como vanguarda libertadora. A tradição política brasileira, em suas formas institucionais, tem sido uma tradição elitista onde as pessoas, do alto de seus privilégios, consideram possível criar um modelo político que corresponda às necessidades do povo.

Este forte senso crítico ao qual Frei Betto (1981) se refere é resultado da continuidade do trabalho grupal das CEBs, que resultou em várias lutas importantes pela democracia e pela democratização na América Latina nos últimos 25 anos, as quais só foram possíveis graças às CEBs e à TdL.

Frei Betto (1981, p. 108) adverte que

a consciência só pode levar-nos a transformar a realidade na medida em que estiver dotada de instrumentos que lhe permitam captar as contradições fundamentais desta realidade. Só a partir da prática dos oprimidos, das lutas dos trabalhadores, podemos entender a estrutura interna do sistema que, para perpetuar-se, gera no oprimido sua própria negação. A via teórica desse entendimento é a concepção científica da história, especialmente do modo de produção capitalista sistematizada nas obras de Marx.

Seguindo as reflexões deste autor, nossa sociedade está dividida em classes sociais antagônicas; com isso a democracia fica altamente comprometida, pois o grau de liberdade exercida pela classe dominante é sempre paralelo ao grau de coerção e repressão que utiliza para exercer sua dominação. A luta de classes permeava todas as relações humanas socialmente construídas: as relações de gênero, as relações étnicas e a religião com suas instituições.

Na visão de Leonardo Boff, (1982), as relações de classe se igualam às relações religiosas, em que a lógica da concentração dos meios de produção que favorecem sua classe dominante se aplica igualmente, com sua máquina de produção eclesial privilegiando a classe hegemônica.

Na visão de Frei Betto (1981, p. 114),

em nosso país, hoje, só à burguesia interessa impedir a representatividade dos setores identificados com a causa da libertação dos oprimidos. Só quem conhece muito bem os grupos que representam estes setores pode avaliar o maior ou menor grau de prática democrática que possuem.

Nas palavras do mesmo autor, é necessário se ter projetos e instrumentos capazes de torná-los efetivos, sendo esta a função da prática política. Nesta prática, construir-se-á o futuro deste país.

Conforme Boran (1979), motivados por uma ação libertadora, a proposta do grupo deve dirigir-se para uma ação transformadora que se inicia na primeira parte do método: o Ver. Nesse sentido é que muitas vezes o método é chamado do Ver, Julgar e Transformar. Para Boran (1979, p. 35), em se tratando de um processo contínuo,

a ação de um grupo faz surgir novos fatos, pois ela interfere na realidade que nos cerca, provocando novos acontecimentos. Novos fatos vão aparecendo. Estes novos acontecimentos e fatos voltam para ser analisados pelo grupo, usando-se o mesmo método, para descobrir o próximo passo a dar. Trata-se de um processo dialético.

O trabalho das CEBs é gerador de consciência crítica nos sujeitos, que os motiva para uma nova visão de mundo, para emergência de uma postura crítica diante dos acontecimentos da vida cotidiana do povo. Essa consciência crítica é edificada em união com a Palavra de Deus, com o compromisso com os pobres e a justiça social.

### 3.7 COMUNIDADES ECLESIAIS DE BASE NA ATUALIDADE

Conforme Libânio (2013), o excepcional progresso do fenômeno religioso atualmente decifra uma falta de espiritualidade no mundo atual. Mas o mesmo fenômeno não reflete por si só a fé verdadeira.

As CEBs conservam a vocação de ser presença no coração da vida da cidade, carregada de problemas sociais. Cresce nas pessoas certo desejo espiritual, provocado pela violência e dureza de vida urbana. As CEBs constituem-se pequenos oásis de espiritualidade. Esse lado da vida humana parece promissor na atual sociedade tão secularizada, materialista e violenta. A explosão do fenômeno religioso reflete a carência de toque espiritual no mundo atual. Mas, ele sozinho não leva a nenhuma verdadeira fé, se não for evangelizado. (13<sup>o</sup> INTERECLESIAL DE CEBs, 2014, p. 40).

Vale destacar que as CEBs marcaram no Brasil, por longos anos, uma caminhada de fé e vida na Igreja. Lideraram transformações socioespirituais significativas.

“embora questionadas pelas opções metodológicas, elas estimam grande valor. Apresentando-se como importantes e necessárias para a vida da Igreja no momento atual. As CEBs continuarão na caminhada profética, na opção pelos pobres e excluídos, com espiritualidade libertadora”. (OROFINO et al., 2012, p. 55).

Na opinião de Orofino (2012), nos dias atuais o trabalho das CEBs está profundamente marcado pela constante leitura da Bíblia e glorificação da vida com suas preciosas celebrações. Não abrem mão do cuidado da terra e com a água, perseverando no caminho ecumênico em diálogo e comunhão.

Buscar-se-á a vivência fraterna, o amor exercido no convívio com o diferente e a compreensão mútua para fortalecer a comunhão eclesial – tão fragmentada em tempos de mudanças culturais e sociais. (OROFINO et al, 2012, p. 55)

Conforme Coutinho (2012), sabe-se que as CEBs construíram sua identidade ao longo de 50 anos. Esta identidade sem dúvida faz parte da caminhada histórica da Igreja no Brasil, na América Latina e no Caribe. O trabalho das CEBs foi recentemente reafirmado pelas atuais DGAE da CNBB, onde foi sublinhada sua missão profética, em concordância com o que os Bispos na 48<sup>a</sup> Assembleia Geral, aprovando a *Mensagem ao Povo de Deus sobre as CEBs*.

Nesse sentido, segundo Orofino (2012) as CEBs construíram sua identidade em oposição ao catolicismo conservador devocional:

visto que muitas vezes colocaram em segundo plano as práticas de devoção aos santos, núcleo dessa expressão do catolicismo popular, e privilegiaram as atividades em torno da Bíblia, tanto nas celebrações, quanto nas reflexões e estudos. (OROFINO et al, 2012, p. 105).

As CEBs, para o mesmo autor, nasceram e criaram suas raízes num certo contexto sociocultural, político-religioso e, a partir daí, foi construída sua identidade em oposição com outros organismos eclesiais e sociais. Porém, é importante assinalar que a trajetória histórica das CEBs, foi se transformando em uma pluralidade de situações, rumo à imensa diversidade na qual está incluído.

Vale destacar que, na opinião de Orofino et al. (2012), as CEBs, sem sobre de dúvida, estão adaptadas à nova realidade eclesial e urbana, porém atualmente tem-se evidenciado poucas mudanças dentro do contexto urbano. As CEBs têm o importante papel na atualidade de desvendar os rumos do futuro, realizando seu trabalho unido com a Igreja e com toda a família humana, confirmando seu compromisso com o povo que sofre, promovendo qualidade de vida, vida abundante de fé e de esperança no trabalho transformador da dura realidade urbana. “Guardemos o sonho inicial, alimentemos a mística da solidariedade e da comunhão, com os oprimidos e marginalizados, saibamos defender a iminente dignidade do ponto de vista das vítimas. É o ponto de vista da vida e das transformações necessárias”. (LEONARDO BOFF., 1992, p. 35).

As comunidades eclesiais de base desenvolveram avanços importantíssimos, culminando em relevante caminhada histórica no Brasil. Desse modo, é possível observar, através da técnica dos processos grupais, a origem histórica destas comunidades, suas conquistas e sua organização política. É preciso principalmente observar a importância dos grupos de reflexão, os quais, com o apoio de manuais, pequenos folhetos, da Bíblia e com o auxílio do agente de pastoral, discutiam, criticavam, trocavam experiências a partir de sua vida comunitária.

Ainda neste contexto,

os temas bíblicos favoritos focavam o “livro de êxodo” que legitimava o protesto religioso contra a ordem e se movia em direção a uma já existente “Terra Prometida”. A esperança do retorno de Jesus tem um significado especial, em função do juízo escatológico. A espera para da redenção se fundaram “cidades santas” com organização e uma ideologia própria. (PARKER, 1996, p. 285, tradução minha).

Com isso, pode-se observar que as CEBs legaram ao país um forte componente democrático, contribuindo para a formação de partidos políticos, fortalecendo a ação participativa das mulheres, construindo vínculos afetivos. As várias inovações políticas das CEBs também encorajaram a auto-organização das bases, motivando o povo à criação de um senso crítico “[...] com raízes no seu cotidiano e em suas preocupações humildes e concretas em relação à política, à retórica eleitoral e ao paternalismo estatal”. (LÖWY, 2000, p. 95).

Em curto espaço de tempo, segundo Löwy (2000), os discursos e atividades da comunidade começam a destacar-se e incluir igualmente tarefas sociais: luta por moradia, eletricidade, esgoto ou água nos bairros urbanos, lutas pela terra no campo.

Como refere Löwy (2000, p. 84), as CEBS certamente deram uma grande contribuição para

[...] a criação e o desenvolvimento de movimentos sociais, tais como (no caso brasileiro) o Movimento contra o Custo de Vida Alto, o Movimento contra o Desemprego, o Movimento pelo Transporte Público, O Movimento contra o Desemprego, o Movimento pelo Transporte Público, o Movimento pelos Trabalhadores Sem Terra, e muitos outros. Em certos casos, a experiência dessas lutas estimula a politização dos membros das CEBs e a que vários de seus membros e líderes entrem para os partidos de trabalhadores ou frentes revolucionárias

Com certeza, o trabalho das comunidades eclesiais de base causou forte influência nas formações de lideranças comunitárias, nas políticas públicas e sociais brasileiras, como no Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, na Pastoral da Terra, na Educação de Jovens e Adultos, na Pastoral Operária, na Juventude Operária Católica (JOC), na formação do Partido dos Trabalhadores (PT), Central Única dos Trabalhadores (CUT), nos direitos humanos, na Via Campesina e em várias outras pastorais sociais.

Atualmente ocorre um tempo de esperança para os defensores das CEBs, quanto ao apoio do Papa Francisco, manifestado através do documento enviado para Aparecida ratificando seu posicionamento na defesa de uma Igreja para os pobres.

### 3.8 ENCONTROS INTERECLESIAIS DE CEBs REALIZADOS NO BRASIL NA ATUALIDADE

Para Libânio (2013), os encontros intereclesiais têm o objetivo de motivar as CEBs e dar-lhes uma consciência mais explícita de sua própria caminhada histórica. As CEBs, nas lutas do seu dia a dia, correm o risco de se sentirem isoladas, frágeis e desanimar. Os encontros intereclesiais demonstram para os participantes, através de informações, notícias, vídeos, a grande rede de trabalho nas quais todas as CEBs estão inseridas, lutando diariamente para superar suas dificuldades. Por isso, em termos sociológicos, trata-se de uma estrutura de apoio, um aparelho de *conversa* destinado a manter vivo o espírito das CEBs ao longo de todo o país, pelo seu caráter geográfico tão amplo, e ao longo dos anos, por sua periodicidade. São igualmente estes encontros que têm propiciado a criação de uma consciência latino-americana com a presença de representantes de muitos países do continente.

Maisonave (2013) relata que a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), em sua última Assembleia Geral, realizada em 2013, demonstrou grande interesse em recuperar as comunidades eclesiais de base como iniciativa para incentivar a presença da Igreja Católica nas áreas mais empobrecidas, objetivando a articulação de seus membros.

De forma semelhante, Helmuth (2012) relata o acontecimento do 13º Encontro Intereclesial de CEBs em Santa Maria-RS, que contou com a presença de 1.600 delegados de quatro arquidioceses e de 14 regiões do estado. O encontro foi

organizado pela CNBB Regional Sul 3. Participaram representantes da Igreja Católica, da Igreja Episcopal Anglicana, da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil, da Igreja Metodista e religiões de matrizes africanas.

O mesmo autor escreve que o encontro foi marcado pelos desafios frente

às dores e angústias, às alegrias e esperanças particularmente dos que sofrem, pelo fortalecimento da identidade de nossas comunidades eclesiais de base, proféticas, ecumênicas, espaços de partilha, de formação, da leitura popular, orante e profética da Bíblia, de celebração da vida do povo. (HELMUTH, 2012 s/d).

Fez parte das discussões do encontro a construção de um *Outro Mundo Necessário e Possível*, cujos sinais se expressam já aqui pela ação dos pobres constituídos em povo profético e missionário, graças à força criadora do Espírito, que fundou e fecundou a vida de Jesus de Nazaré. (CASA DA PARTILHA, 2013).

Em janeiro de 2014 aconteceu o 13<sup>o</sup> Intereclesial de CEBs, na cidade de Juazeiro do Norte, Diocese de Crato, no Ceará. O encontro aconteceu na cultura do nordestino, com suas expressões culturais, religiosas, familiares, com seus sofrimentos, desejo de superação e com sombras e luzes.

O intereclesial é um momento de encontro das comunidades. Trata-se de um espaço para troca de experiências, celebrações e avaliação da caminhada da CEBs no Brasil. O próprio Papa Francisco enviou mensagem para os romeiros do 13<sup>o</sup> Intereclesial de CEBs. Na mensagem o pontífice afirma que as CEBs “trazem um novo ardor evangelizador e uma capacidade de diálogo com o mundo que renovam a Igreja”.

Apelos feitos pelo Papa Francisco neste encontro intereclesial: *“Não deixe cair a profecia” (D. Helder Câmara) “Não deixe que lhes roubem a Comunidade! Não deixe que lhes roubem a esperança! Não deixe que lhes roubem a alegria!” (Papa Francisco)*

É importante salientar que a posição que o Papa Francisco tem adotado sobre o trabalho das CEBs vem servindo de grande motivação para os militantes dessas comunidades. Frequentemente ouvem-se comentários entre eles sobre o olhar carinhoso que este papa latino-americano dedica para o trabalho das CEBs.

### 3.9 AS CEBs NO ARROIO DA MANTEIGA

A partir de 1970, nesta região iniciou-se o trabalho das comunidades eclesiais de base pelos setores mais progressistas da Igreja Católica, que incentivaram a criação do Conselho Pastoral das Comunidades e do Conselho Pastoral de Jovens.

A Comunidade São João Batista, do bairro Arroio da Manteiga, é uma rede de comunidades pensada a partir da metodologia popular, alicerçada numa espiritualidade de fé e vida. Relaciona a fé dentro de uma dimensão religiosa a partir da Bíblia com a vida cotidiana das pessoas. Utiliza a metodologia de trabalho baseada no método Ver, Julgar e Agir. Trabalha a partir da identidade das CEBs, acredita na educação popular que empodera o povo a ser protagonista de sua história. Tem como referência o trabalho iniciado por Pe. Orestes Stragliotto, que por vinte anos foi pároco da Paróquia Santo Inácio, que foi um dos maiores incentivadores das CEBs e das lutas comunitárias e sociais da região.

A região Arroio da Manteiga possui 21.627 habitantes e pertence à cidade de São Leopoldo com um total de 24 bairros. Conforme o censo 2010, sua população é distribuída entre homens e mulheres, sendo que existem mais homens do que mulheres. A população é composta de 49.92% de mulheres e 50.08% de homens. Existem igualmente mais jovens do que idosos: 27.3% de jovens e 4.2% de idosos.<sup>2</sup>

O bairro Arroio da manteiga é o segundo bairro mais populoso e um dos mais pobres do município. Caracteriza-se como bairro residencial e comercial, com uma larga rua asfaltada que termina na BR-116. Nessa rua há uma concentração de lojas, mercados, fruteiras, borracharias, ferragens, entre outros estabelecimentos.

Trata-se de um dos bairros mais antigos e com um dos maiores fluxos populacionais. As primeiras famílias começaram a chegar na década de 1970, provocando a concentração populacional. O bairro é cortado por dois arroios: o da Manteiga e o da Cerquinha que, devido à ligação com o rio dos Sinos, entraram no PAC Federal por causa da poluição doméstica. Como consequência, está prevista a remoção de famílias do entorno dos arroios.<sup>3</sup>

Historicamente o bairro vem sendo alvo de ações de muitas instituições: universidades, associação dos estudantes universitários, igrejas, empresas, além

---

<sup>2</sup> Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/15850/000692855>>. Acesso em: 10 maio 2014.

<sup>3</sup> Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10183/15850>>. Acesso em: 15 maio 2014.

dos órgãos públicos, que têm atuado com projetos e ações, considerando o grau de vulnerabilidade social do bairro. Por outro lado, há também remoção muito grande das famílias. Formam-se as lideranças que acabam, geralmente, indo embora em função da violência e do desemprego, o que tem gerado inconstância nos espaços comunitários. Há no bairro um alto índice de mortalidade juvenil em função das brigas de torcidas organizadas e do narcotráfico. O bairro é considerado um dos mais violentos do município. Além dos conflitos entre as vilas do bairro, parte da torcida “Camisa 12” e “Raça Tricolor” moram no Arroio da Manteiga. O bairro atrai muitas pessoas em conflito com a lei, por encontrarem ali fácil esconderijo.

## 4 REFERENCIAL TEÓRICO

Neste capítulo são desenvolvidas principalmente as pesquisas teóricas dos autores Martin-Baró, Silvia Lane e Pichon-Rivière.

### 4.1 O GRUPO COMO PROCESSO DE PRODUÇÃO DE SUBJETIVIDADES

Benevides Barros (2009) realizou uma pesquisa sobre grupos e iniciou sua análise a partir da palavra *grupo*, que surgiu no século XVII e esse se refere a um conjunto de pessoas. Porém, segundo a autora, foi somente no século XVIII que a palavra passou a significar reunião de pessoas. O sentido da palavra poderia estar ligado à ideia de laço, coesão, círculo.

Vale destacar, de acordo com Benevides Barros (2009), que a história dos grupos vem sendo pesquisada desde os séculos XVII, XVIII. No entanto, somente no XIX houve essa preocupação de tratar esse campo de conhecimento do saber-poder. Esse fenômeno tornou-se possível por meio da análise dos movimentos de massa no campo do saber, os quais pesquisaram o campo de interesse do homem-indivíduo, entendido como o começo e a finalidade de tudo. Já o poder, muitas vezes centralizado no modo-indivíduo, deslocou o foco saber de onde tudo provinha ou para onde caminharia: a sociedade. Os pequenos agrupamentos, de acordo com a mesma autora, são uma “[...] linha tênue traçada pelo processo de produção da subjetividade individuada, ganha outros contornos quando se encontra com a linha das massas, que, por seus meios, buscava fazer pensar outros modos de subjetivação”. (BENEVIDES BARROS, 2009, p. 79).

Dessa forma, a autora entende que foi se desenhando com a história do processo grupal, agora já não como conjunto de pessoas, mas como instituição, onde se destacam o círculo, o laço e o número restrito de pessoas. Benevides Barros (2009) estudou os pequenos grupos e a sociedade como um grande grupo de pessoas que interagem entre si e modificam o meio onde vivem.

Benevides Barros (2009), pesquisando a construção de uma sociedade mais justa, igualitária e democrática, pôde observar que este sonho já fazia parte do sonho de muitos homens, e alguns até já haviam proposto métodos diferentes de pesquisas, como, por exemplo, no campo da educação (Rousseau) e no campo dos

sistemas econômico-políticos (Marx). Essas experiências, apesar de seu caráter isolado, já apontavam para a constituição da instituição grupo.

Nessa perspectiva, vale destacar que a palavra grupo despertou também grande interesse por parte da Sociologia e da Psicologia, no estudo dos pequenos grupos sociais, pensando o grupo como uma intermediação entre o indivíduo e a massa. A partir daí, os estudos dos pequenos grupos passaram a despertar o interesse de várias outras áreas do conhecimento humano-social. Foi entre os anos de 1930 e 1940 que alguns autores conforme Benevides Barros (2009) sistematizaram e investigaram o estudo da dinâmica dos pequenos grupos sociais.

Normalmente estes mesmos autores, ao se referirem ao conceito de grupo, descreveram-no como fenômeno social: a reunião de duas ou mais pessoas com um objetivo comum de ação. As discussões e os debates ficam restritos aos processos de constituição do grupo e do entendimento da sua finalidade. Lewin (1973, p. 54), considerando o termo grupo, afirma que

[...] a essência de um grupo não reside na similitude ou dissimilitude de seus membros, senão em sua interdependência. Um grupo pode ser caracterizado como um 'todo dinâmico'; isto significa que uma mudança no estado de uma das partes modifica o estado de qualquer outra parte. O grau de interdependência das partes ou membros do grupo varia, em todos os casos, entre uma massa sem coesão alguma e uma unidade composta.

Pode-se resumir, segundo Pichon-Rivière (1998), que a finalidade e propósitos dos grupos operativos estão centrados na mobilização de estruturas estereotipadas por causa do montante de ansiedade despertada por toda mudança (ansiedade depressiva pelo abandono do vínculo anterior e ansiedade paranoide criada pelo vínculo novo e pela conseqüente insegurança). No grupo operativo, o esclarecimento, comunicação, a aprendizagem e a resolução de tarefas coincidem com a cura, criando-se assim um novo esquema referencial. Por isso o grupo pode ser visto como

[...] um conjunto de pessoas reunidas por constantes de tempo e espaço, articuladas por sua mútua representação interna, que se propõe implícita e explicitamente a uma tarefa que constitui sua finalidade interagindo através de complexos mecanismos de atribuição e assunção de papéis. (REVIÈRE, 1998, p. 169).

Lane (1992) afirma que já antes do nascimento o ser humano se desenvolve biologicamente em relação contínua com seu meio ambiente, o que configura o

ambiente como construído pelo homem. Desse modo, essa relação homem/meio implica uma construção recíproca. Para Lane (1992), o homem deve ser visto como consequência de sua relação com o ambiente e o ambiente como resultado humano, por isso, basicamente social. Segundo a autora,

o ambiente, visto como produto humano, se desenvolve a partir da necessidade de sobrevivência, que implica o trabalho e a conseqüente transformação da natureza; a satisfação destas necessidades gera outras necessidades, que vão tornando as relações de produção gradativamente mais complexas. (LANE, 1992, p. 82).

A sociedade se desenvolve partindo do trabalho diário das pessoas, que resulta em bens, e na conseqüente acumulação de bens (capital). Com isso, tem-se o trabalho assalariado, o que leva à formação de classes sociais. “Logo, as relações de produção geram a estrutura da sociedade, inclusive as determinações socioculturais, que fazem a mediação entre o homem e o ambiente”. (LANE, 1992, p. 82).

Dessa forma, Lane (1981, p. 13) refere que, nas sociedades de classe, os mais ricos possuem privilégios para galgar posições importantes no poder, e que os outros necessitam utilizar algumas táticas para obter respeito e inclusão social.

Nessa lógica, Martin-Baró (1997) concorda com Lane (1981) e acrescenta que os pensamentos da classe dominante são também, em todas as épocas, os pensamentos dominantes, ou seja, a classe que tem o poder material dominante numa dada sociedade é também a potência dominante espiritual. Assim, Martin-Baró (1997, p. 55) diz que

os indivíduos que constituem a classe dominante possuem entre outras coisas uma consciência, e é em conseqüência disso que pensam; na medida em que dominam enquanto classe e determinam uma época histórica em toda a sua extensão, é lógico que esses indivíduos dominem em todos os sentidos, que tenham, entre outras, uma posição dominante como seres pensantes, como produtores de ideias, que regulamentem a produção e a distribuição dos pensamentos de sua época; as suas ideias são, portanto, as ideias dominantes da sua época.

De acordo com Lane (1981) observa-se que “[...] toda a análise que se fizer do indivíduo terá que se remeter ao grupo a que ele pertence, à classe social, enfocando a relação dialética homem-sociedade, atentando para diversos momentos dessa relação”. (LANE, 1981, p. 84).

Desse modo, considerando todos estes aspectos, acredita-se na importância da utilização da técnica dos processos grupais para superação das contradições existentes na conscientização do indivíduo, definição dos papéis e na mudança social planejada. Dessa forma, Lane (1992, p. 79) conclui que

a técnica do processo grupal pode oportunizar o fortalecimento dos vínculos cooperativos em prol de objetivos coletivos grupais, podendo auxiliar as pessoas a se reconhecerem, dentro da ação, motivando o potencial transformador da realidade. Apropriando-se assim de sua força produtiva da realidade, tornando-se menos alienado e mais saudável, através do Processo Grupal, poderá motivar para profundas mudanças nos grupos e indivíduos participantes.

Nesse sentido, pode-se dizer que, de acordo com Pichon-Rivière (1998), a finalidade e os propósitos dos grupos estão centrados na mobilização de estruturas estereotipadas, nas dificuldades de aprendizagem e comunicação devido ao montante de ansiedade despertada por toda situação de mudança.

#### 4.2 DISPOSITIVO GRUPAL COMO PROCESSO DE TRANSFORMAÇÃO HISTÓRICA

De acordo com Lane (1995), a Psicologia Social dedica-se a estudar como o sujeito se insere nesse processo histórico e social se tornando agente da história e transformador da sociedade em que vive. Por outro lado, pode-se observar como Pichon-Rivière (2002), um dos pioneiros da Psicologia Social na América Latina, define Psicologia Social como uma crítica da vida cotidiana. Como disciplina, segundo o mesmo autor, a Psicologia Social pesquisa a interação social em dois aspectos: o intersubjetivo (grupo externo) e o intrassubjetivo (grupo interno), mostrando-se dessa forma significativa, direcional e operativa.

No tocante à conceitualização da palavra grupo e processos grupais, Lane (1995) cita a importância da função histórica das relações sociais. Lane (1995) afirma que falar sobre o caráter histórico do grupo implicaria compreendê-lo na sua singularidade, presente na sociedade contemporânea. Assim, segundo Lane (1984, p. 81-82),

[...] todo e qualquer grupo exerce uma função histórica de manter ou transformar as relações sociais desenvolvidas em decorrência das relações de produção e, sob este aspecto, o grupo, tanto na sua forma de

organização como nas suas ações, reproduz ideologia, que, sem um enfoque histórico, não é captada.

Quanto à existência dos conceitos referentes a grupos ou mesmo a processos grupais, os autores Martin-Baró (1997), Pichon-Rivière (2003) e Lane (1981) definem grupo com sendo uma unidade que acontece quando os indivíduos interagem entre si e compartilham algumas normas e objetivos. Para Lane (1981b), existe uma diferença entre processo grupal e dinâmica de grupo. Essa posição da autora refere-se à discussão do caráter histórico e dialético do grupo.

Para Lane (1984b, p. 81-2),

não se trata apenas de diferença na denominação, mas uma diferença profunda no fenômeno estudado. A partir dessa perspectiva, estamos afirmando o fato de o próprio grupo ser uma experiência histórica, que se constrói num determinado espaço e tempo, fruto das relações que vão ocorrendo no cotidiano e, ao mesmo tempo, que traz para a experiência presente vários aspectos gerais da sociedade, expressas nas contradições que emergem no grupo, articulando aspectos pessoais, características grupais, vivência subjetiva e realidade objetiva.

Partindo dessas premissas, entende-se que o processo grupal executa uma função histórica de perpetuar ou transformar as relações sociais desenvolvidas em decorrência das relações de produção, da construção de uma identidade pessoal e coletiva, da pertença social e resistência política.

Desse modo, Lane (1992, p. 79) ressalta:

Essa revisão crítica permitiu levantarmos algumas premissas para conhecer o grupo, ou seja: 1) O significado da existência e da ação grupal só pode ser encontrado dentro de uma perspectiva histórica que considere a sua inserção na sociedade, com suas determinações econômicas, institucionais e ideológicas; 2) O próprio grupo só poderá ser conhecido enquanto um processo histórico e neste sentido talvez fosse mais correto falarmos em processo grupal, em vez de grupo.

Lane (1995), ao ressaltar a necessidade de compreender a importância da função histórica dos processos grupais na sociedade contemporânea. Ao falar em processos, a autora remete ao fato de o próprio grupo

[...] ser uma experiência histórica, que se constrói num determinado espaço e tempo, fruto das relações que vão ocorrendo no cotidiano, e ao mesmo tempo, que traz para a experiência presente vários aspectos gerais da sociedade, expressas nas contradições que emergem no grupo. (LANE, 1984 p. 81).

De acordo com Benevides Barros (2009), as portas do século XXI ampliam sobremaneira o processo de individuação e a privatização das práticas sociais e psíquicas. Nesse sentido, pensar “o grupo” emerge como uma possibilidade de refletir as questões sobre a economia do desejo, dos processos de subjetivação, apontando para reflexões sobre solidariedade, cidadania, etc. Nessa linha de pensamento há que problematizar as dicotomias: indivíduo/ grupo, grupo/sociedade objetivando alcançar novos modos de pensar as questões unidade e a totalidade.

A autora sublinha a existência de certa tensão na relação indivíduo/sociedade resultante de forças que colocam o indivíduo como princípio e finalidade das questões que classificam a sociedade como determinante dos comportamentos e características pessoais. Ressalta uma luta de forças entre homogeneização e heterogeneização resultantes dos movimentos de massas *versus* indivíduos, uma dicotomia indivíduo/massa que provoca o debate sobre as prováveis relações estabelecidas entre indivíduo e o denominado campo social.

Segundo Benevides Barros (2009), a problemática indivíduo/sociedade desencadeou o nascimento do grupo e, conseqüentemente, ocasionou duas outras dualidades: indivíduo/grupo e grupo/sociedade como novas díades: “tentativa de se estabelecer uma passagem mais suave da compreensão dos fenômenos individuais aos sociais”. (BENEVIDES BARROS, 2009, p. 103).

Percebe-se aqui uma determinação do social como algo externo ao individual, resultando na mesma lógica interno/externo, indivíduo/grupo. Benevides Barros (2009) destaca o grupo como “fato resultante de linhas vindas tanto do indivíduo quanto da sociedade, ou melhor, uma instância intermediária criada para responder às demandas dos anseios individuais da sociedade”. (BENEVIDES BARROS, 2009, p. 127).

Nesse contexto, Lane (1992), em seu livro *O Homem em Movimento*, destaca as pesquisas de Martin-Baró, sobre os processos grupais, partindo dos conflitos sociais e políticos ocorridos durante a guerra em seu país. As vivências desse autor são originárias de seu trabalho, na Psicologia da Libertação, junto à população mais excluída de seu país.

Por outro lado, Martin-Baró (1998), ao sistematizar a temática dos processos grupais, baseou seu trabalho na teoria de Lane (1984), resgatando os conceitos, aspectos pessoais, características grupais, vivência subjetiva, realidade objetiva e o caráter histórico do grupo.

Nessa compreensão, tanto Lane (1992) quanto Martin-Baró (1990) utilizavam-se do termo *processo grupal* e não grupo ou dinâmica de grupo. Os autores nesse contexto alertam que não se trata apenas de uma diferença na denominação, mas uma diferença profunda no fenômeno estudado. Ao abordar o termo processo, os autores referem-se ao fato de o próprio grupo ser uma experiência histórica que se constrói em um determinado tempo e espaço, resultado das relações que vão acontecendo no cotidiano, que igualmente trazem para o presente vários aspectos gerais da sociedade, expressas nas contradições que emergem no grupo:

O grupo tem sempre uma dimensão de realidade referida a seus membros e uma dimensão mais estrutural, referida à sociedade em que se produz. Ambas as dimensões, a pessoal e a estrutural, estão intrinsecamente ligadas entre si. (MARTIN-BARÓ, 1989, p. 207).

Vale destacar a definição de grupo, que, segundo Martin-Baró (1989), trata-se de uma estrutura de vínculos e relações que ocorre entre os sujeitos, canalizando em cada circunstância suas necessidades individuais e interesses coletivos. Assinala ainda que um grupo é uma estrutura social, é uma realidade total, um conjunto que não pode ser reduzido à soma de seus membros, pois para o autor:

A totalidade do grupo supõe alguns vínculos entre os indivíduos, uma relação de interdependência que é a que estabelece o caráter da estrutura e faz das pessoas membros, assim, segundo o autor, um grupo constitui um canal de necessidades e interesses em uma situação e circunstância específica, afirmando com isso o caráter concreto, histórico de cada grupo. (MARTIN-BARÓ, 1998, p. 208).

As experiências lewinianas, de acordo com Benevides Barros (2009), destacam o grupo como dispositivo que permite vencer as resistências à mudança, proporcionando modificações nas estruturas do campo social. Para Lewin (apud BENEVIDES BARROS, 2009), teria sido criado um campo de saber/poder caracterizando o imaginário do grupo resultando numa concepção unificadora e substancializadora. Assim, de acordo com Benevides Barros (2009, p. 134),

grupo é esta instancia construída, espaço no qual as ações de cada um ganham outros sentidos porque estão confrontadas com este interjogo de diálogos, movimentos, modificações no espaço de vida de cada um norteadas pelo espaço vital do grupo. O espaço de vida (variáveis psicológicas – pessoa e meio), junto com a zona fronteira (variáveis não-psicológicas), compreenderia o campo psicológico. (BENEVIDES BARROS, 2009, p. 134).

Sabe-se que o grupo é constituído por um sistema de ações que emerge a partir das necessidades dos seus integrantes, o que determina a existência de objetivos e de uma tarefa em ação para alcançá-los. Necessidades e objetivos aparecem como elementos fundamentais do grupo. Na verdade, são a origem e a razão de ser do grupo. (MARTIN-BARÓ, 1989).

Por sua vez, o mesmo autor ao se referir ao termo *necessidade* ressalta um sistema de ações que determina a existência de objetivos e a tarefa em ação para alcançá-los. Nesse sentido, Benevides Barros (2009) sublinha que a economia do desejo e a economia política são inseparáveis (economia dos fluxos). A mesma autora dá como exemplo o sistema de consumo utilizado nas sociedades capitalistas. O capitalismo, como é sabido, produz necessidades de consumo, de desejo. O desejo é entendido nestas sociedades como necessidade de algo, desejo do objeto. A emergência de um desejo é de livre escolha, desembocando no consumo que imediatamente passa de um objeto a outro. Isso acontece para que este desejo do objeto possa atender à necessidade do sujeito. “Assim, os objetos do desejo serão entendidos como contingentes, pois serão temporários em sua capacidade de satisfação, exatamente como os objetos oferecidos aos consumidores de mercadorias”. (BENEVIDES BARROS, 2009, p. 214).

Nesse sentido, a Psicologia Social de Pichon-Rivière (1998) aponta para uma postura de adaptação crítica à realidade e à perspectiva de transformação social. O significado de transformação social é entendido como o de aprendizagem e de saúde. No momento em que ocorre a adaptação ativa, a sociedade entre sujeito e seu meio, produtor e produzido, anulam-se os estereótipos e o construído social, abrindo um campo para a expressão única das nossas necessidades e projetos.

O sentido de carência torna-se similar ao sentido de consumo, pois a toda hora existirão ou serão criados objetos que motivarão necessidade e desejo. Nessa linha de pensamento, emerge o sentimento de falta ligado ao desejo capitalístico, dado que objeto e sujeito relacionam-se por determinação de um sobre o outro. Benevides Barros (2009, p. 215) ressalta que

a concepção que se tem do desejo, aqui é idealista: é ela que o determina, em primeiro lugar, como falta, falta de objeto, falta do objeto real. Sua essência é a da falta, e, se alguns insistem que o aspecto produtivo do desejo está presente, é apenas o da produção de fantasmas. Esta falta constitutiva lança um veredito implacável.

Nesta lógica, política e desejo estão implantados dentro da perspectiva capitalista, com termos que são absolutamente excludentes, sendo que esta exclusão é responsável pela oposição de economias política e de desejo, que entendidas nesta lógica são absolutamente excludentes. “Manter a dicotomia das economias serve, portanto, à manutenção de territórios endurecidos e perpetuados, que se impermeabilizam aos devires, à alteridade, à diferença”. (BENEVIDES BARROS, 2009, p. 215).

Benevides Barros (2009) sublinha que o desejo como falta é utilizado pelas organizações dentro do sistema capitalista, pois são responsáveis pela distribuição de homens em cargos hierárquicos, dentro da produção social, remetendo o desejo a uma existência particular, uma realidade psíquica fora da realidade material da produção social. Trata-se de um dualismo entre produção social e produção desejante, entre realidade material e realidade psíquica, entre objeto real e objeto fantasmático bloqueando o acesso processual da realidade que se enraíza em máquinas técnicas e sociais desejantes. “A afirmação de que o desejo produz real, ou ainda de que a produção desejante não é outra coisa senão a produção social, aponta para uma imanência, para uma coextensão de campos”. (BENEVIDES BARROS, 2009, p. 216).

A desterritorialização da libido pelas forças produtivas, para Benevides Barros (2009), está alicerçada sobre o capitalismo mundial integrado e objetiva desenvolver uma forma de angústia coletiva levando-nos de volta para arcaísmo, discurso cientificista, explicações globalizantes que rivalizam as lutas do desejo e as lutas sociais. Benevides Barros (2009, p. 217) observa que “o capitalismo não possui programas globais definido para toda e qualquer situação, agindo nas crises por recomposição e integração de axiomas com rápidos mecanismos de substituição”.

Segundo a mesma autora, existe um efeito dicotomizador entre o desejo de um lado e a política de outro, que aniquilam o caráter produtivo do desejo em códigos adaptacionistas impedindo sua potência de explorar a invenção. O campo social não se constitui de objetos preexistentes ao sujeito. “O indivíduo tomado em sistemas bipolares (homem/mulher, adulto/criança, pré-genital/genital, vida/morte) já é resultado de uma redução do desejo rebatido em uma representação”. (BENEVIDES BARROS, 2009, p. 218).

De acordo com Guattari (1981), a propriedade privada como meio produtivo está inexoravelmente ligada à absorção do desejo pelo ego e pela família e pela ordem social. O trabalhador é alienado de todo e qualquer acesso ao desejo, pela castração familiar, pelos enganos do consumo, para tomar conta, sem nenhuma resistência de sua força de trabalho, sendo esta a primeira ordem do capital. “Qualquer coisa da ordem do desejo se manifestou à escala do conjunto da sociedade [...]”. (GUATTARI, 1981, p. 56). Esta afirmação estende-se naquelas construções que sublinham o desejo como repetidamente trabalhando a história.

Para Guattari (1981), o desejo pode ser pensado como parte da infraestrutura, sendo este que produz o *real*. Dessa forma a revolução social estaria intimamente ligada à revolução do desejo, quase sempre preso nos modos de subjetivação serializados. Certo seria atravessar o molar e o molecular: lutas de classe e de grupos. “A primeira tarefa de uma teoria do desejo deveria ser a de procurar discernir as vias possíveis para sua irrupção no campo social”. (GUATTARI, 1981, p. 77).

Não existe separação entre as relações de produção econômica e as relações e produção subjetiva: produção do desejo, desejo que produz. Uma mudança na lógica é pensar, criar propostas que acionem saídas para as dicotomias que centram-se no social: de um lado o social, de outro o indivíduo; de um lado o político, de outro o desejo; de um lado a macropolítica, de outro a micropolítica. A lógica de Benevides Barros (2009, p. 220) refere que um dos efeitos deste processo de dicotomização é:

O isolamento que transforma qualquer luta em fato pessoal ou, no máximo, de um grupo, o que em nada muda, pois as separações que vimos apontando permanecem sendo operadas. O que se propõe é a percepção de que cada uma destas duas dimensões, destes dois campos, tem seu modo de funcionamento, mas se infiltra no outro, se mistura e ao mesmo tempo se diferencia do outro, fazendo com que se multipliquem os agenciamentos que produzem as singularizações.

Tempos atrás, segundo a mesma autora, acreditava-se que as necessidades dos homens eram fator determinante para o surgimento das instituições, sendo estas responsáveis pelo desenvolvimento de conhecimentos que as auxiliavam. Porém Benevides Barros (2009, p. 222) sublinha que

assim ao contrário do que poderíamos pensar, as demandas são produzidas o tempo todo. Não são necessidades que determinam ações.

São antes, produzidas historicamente como domínios de saber-poder. Ao se instituírem como necessidades, obscurecem pontos de emergência, criando a ideia de que sempre estiveram lá.

De acordo com Deleuze (1977), haverá sempre uma máquina dicotômica dominando a distribuição de papéis, conduzindo as respostas a partir de perguntas pré-fabricadas, de forma que as mesmas perguntas já estão calculadas prematuramente em direção às possíveis respostas de acordo com as significações dominantes.

O conceito de transversalidade, formulado por Guattari em (1974), chama a atenção para a natureza da constituição da subjetividade como política social. O autor sublinha que o coeficiente de transversalidade depende de um maior ou menor contato com as condições de produção, de fala de decisão. A análise do processo grupal perpassa o ajustamento de papéis, de transmissão de informações. Trata-se de um campo onde se busca a criação de novos sentidos, novas falas articuladas às cadeias do discurso estético, etc.

Benevides Barros (2009) propõe que o dispositivo grupal seja traçado como um campo-problema onde a noção de transversalidade se ofereça como ferramenta, pois desse modo deslocaria o grupo da posição de *ilha* e ao mesmo tempo desmarcaria a antinomia indivíduo/sociedade. “A noção de transversalidade implica uma quebra das dimensões horizontais e verticais e verticais”. (BENEVIDES BARROS, 2009, p. 276).

No tocante à transversalidade, Benevides Barros (2009) alerta que operar na transversalidade significa pensar no dispositivo grupal como processualidade, como uma espécie de nomadismo que desmantelaria os territórios já cristalizados. Para Benevides Barros (2009, p. 323),

a opção pelo trabalho em grupo procura seguir o caminho daquilo que chamamos de lógica do terceiro incluído, onde não se buscam significados, mas se produzem sentidos. Três direções norteiam a intervenção em grupo: a problematização, a desindividualização e a experimentação.

De acordo com a mesma autora, a principal via política, situa o grupo como dispositivo, ou seja, o local onde acontecem os modos de expressão de subjetividade, operando processos de desindividualização. No trabalho em grupo, onde o “em” salta como mola, não mais se apega às ligações entre pessoas, mas escapa delas, convocando-as em seus estranhos-estrangeiros seres. Em grupo,

devir-grupo: criação de focos de desindividualização, mutações resultantes de identidades totalizadoras. Entendido dessa forma o Grupo-dispositivo, funciona como instrumento de nossa caixa de ferramentas na produção da heterogênesse, em modos de subjetivação que escapam do modo-indivíduo.

Para Pichon-Rivière (1998), o sujeito torna-se humano através do processo de socialização que ocorre através da cultura a que ele pertence. A identidade é formada historicamente partindo das relações que estabelecemos com o meio à nossa volta e das construções que vamos realizando ao longo da vida. É tarefa do grupo exercer a função histórica de manter ou transformar as relações sociais que acontecem em decorrência das relações de produção, na organização e ação.

A técnica dos processos grupais tem como objetivo uma análise sistemática das contradições que emergem no grupo através do entendimento das ideologias inconscientes que geram a contradição ou os estereótipos do processo grupal. Nesse contexto, o grupo parte da análise das situações cotidianas para chegar a compreender as pautas sociais internalizadas, que são responsáveis pela organização das formas concretas de interação, ou seja, das relações sociais e dos sujeitos inseridos nessas relações.

Segundo Pichon-Rivière (1998), a aprendizagem é incentivada através da troca de experiências e das identificações do grupo. A comunicação é importante para discutir ideias, compartilhar experiências, histórias de vida e projetos. A heterogeneidade do grupo facilita a aprendizagem, motiva para práticas associativas, valorizando a produção de todos.

As finalidades e propósitos dos grupos operativos dizendo que a atividade está centrada na mobilização das estruturas estereotipadas, nas dificuldades de aprendizagem e comunicação, devidas ao montante de ansiedade despertada por toda mudança (ansiedade depressiva por abandono do vínculo anterior e ansiedade paranoide criada pelo vínculo novo e pela insegurança). Essas duas ansiedades são coexistentes e cooperantes e, se forem intensas, poderão conseguir o fechamento do sistema (círculo vicioso). Os papéis tendem a ser fixos no começo, até que se configure a situação de lideranças funcionais, ou seja, lideranças operativas que se fazem mais eficazes em cada "aqui e agora" da tarefa. (REVIÉRE, 1998, p. 131).

Para autores Pichon-Rivière, Martin-Baró, Lane e Benevides Barros, o homem é um ser de necessidade e estas necessidades só se satisfazem na relação. O sujeito é situado historicamente, protagonista de seu destino, em direção a um projeto de mudança e transformação de si e do contexto em que atua.

A “socialização” é um processo histórico, caracterizado sempre por sua concretude temporal e espacial, definido pelas circunstâncias próprias de cada situação histórica. A análise dos processos de socialização “requer examinar como variáveis fundamentais em que a sociedade, em que classe social, em que grupo, em que época, em que situação, em que conjuntura tem lugar esses processos”. (MARTIN-BARÓ, 1997, p. 115).

Igualmente Pichon-Rivière (1998) relata que o processo grupal facilita, provoca, interroga, põe a trabalhar, a elaborar coletivamente o grupo. Tem como função a possibilidade de abertura de novas significações, a produção de saberes inéditos, nas sínteses que cada integrante do grupo possa avançar rumo ao impensado. É a posição de um investigador científico de indagação-ação e, ao mesmo tempo, intervém e interroga a trama vincular grupal, promovendo a produção grupal de um saber inédito até então.

#### 4.3 RELAÇÕES DE PODER

Conforme Foucault (2004), nas mais diversas sociedades o corpo está aprisionado por poderes acorrentados, impondo-lhe limitações, proibições ou mesmo obrigações. O autor assinala que formas de micropoderes transmitem informações que produzem transformações e mudam condutas no corpo social. Trata-se de um poder instituído que praticamente conduz o sujeito a uma obediência muda e sem possibilidade de escolha, um poder que se transmite através de pequenas técnicas dentro de uma rede de instituições sociais. Nesse sentido, Foucault (2004, p. 125) afirma que na sociedade:

Os corpos são “fabricados” através de “uma localização que não os implanta, mas os distribui e os faz circular numa rede de relações” Essa rede de relações se verifica nas instituições que regulam as atividades humanas através de normas, penas e sanções. A disciplina tanto incentiva comportamentos positivos e meritocráticos quanto serve como ferramenta para o adestramento e docilidade dos corpos que ocupam os espaços institucionais. O funcionamento da sociedade capitalista se dá, pois, através da distribuição dos corpos e do controle de suas atividades.

Para Foucault (2004), o homem é a principal meta do poder. O principal objetivo do poder é infringir nos corpos comportamentos dóceis. “Um corpo que pode ser submetido, que pode ser utilizado, que pode ser transformado e aperfeiçoado”. (FOUCAULT, 2004, p. 125).

Os estudos de Foucault (1979) foram realizados em hospitais psiquiátricos, forças policiais, sendo que estas o levaram a pesquisar a lei como uma verdade construída a partir do poder e da economia dominante. Trata-se de um sistema que se centra na produção da mais valia econômica e mais valia cultural onde o poder, não sendo fechado, caracteriza e constitui o corpo social. Todo este sistema é montado sobre a produção, acumulação, circulação e funcionamento de um discurso sólido e convincente. O autor sublinha que “estamos submetidos à verdade também no sentido em que ela é a lei, e produz o discurso da verdade que decide, transmite e reproduz, pelo menos em parte, efeitos de poder”. (FOUCAULT, 1979, p. 180).

Vê-se dessa forma, conforme Foucault (1979), que análise das relações de poder deve ser feita igualmente a partir dos chamados elementos periféricos do poder, observando as práticas reais e efetivas e detendo-se em sua estrutura externa, onde acontece seu relacionamento direto e imediato com seu objeto. Aí são construídos efeitos reais, o funcionamento do processo de sujeitamento, de domínios contínuos de sujeição e de comportamento de corpos.

Não se deve admitir jamais uma forma incontornável de dominação ou o privilégio absoluto da lei, da norma, da disciplina, do governo, mas, ao contrário, entender que enquanto as relações de poder estiverem presentes em todas as relações humanas, teremos certeza de que nelas há pessoas potencialmente capazes de dizer não a qualquer abuso no uso do poder. (FOUCAULT, 2006, p. 157).

De acordo com Foucault (2004), o poder disciplinar, após avaliações constantes, oriundo tanto da disciplina quanto da sanção dos atos aos sujeitos, impõem-lhes penalidades que integram o ciclo de conhecimentos e criam intensas formas de controle, levando o sujeito a tornar-se verdadeiros fiscais de si mesmos. Nesse sentido observa-se que a regulação dos corpos em consequência desse poder disciplinar pode condicionar os sujeitos em direção a comportamentos estereotipados, fabricados, planejados, controlados característicos da máquina do capitalismo.

A ação do poder disciplinar que ocorre na sociedade moderna, na sociedade do capital, ocorre através da fabricação de corpos, dentro de um sistema que os reparte e os faz circular na rede de relações institucionais, que se encarrega de regular as atividades humanas pelas normas, penas e sanções. (FOUCAULT, 1979).

Contudo em união com o poder disciplinar, a liberdade se inscreve como estado do poder agir, pois

sem as relações de poder, quer dizer, sem as táticas e estratégias de resistência e liberdade que elas engendram, o que resta é apenas estado de dominação, cujo excesso pode tornar a vida alheia destituída de valor sob o signo da pura violência, como no caso dos totalitarismos (QUINTÃO, 2006, p. 157).

Quintão (2006), citando Foucault, possuímos uma ideia falsa de liberdade, considerando o sujeito como produto da ação disciplinar, pois para o poder é vital que pensemos que somos homens livres e autônomos. Foi exatamente assim que aconteceu o desenvolvimento do poder/saber e a subjugação dos sujeitos a levarem para dentro do sistema, vidas úteis e dóceis. “O poder só se exerce em sujeitos potencialmente livres e enquanto estes permanecerem livres”. (QUINTÃO, 2006, p. 147).

Ser livre, nesse sentido, oferece ao sujeito duas opções dentro do sistema de poder: a primeira, como consequência do governo de si mesmo, onde se localiza uma maior capacidade de emancipação; e a segunda na posição dependência do governo de outros. Dessa forma, a resistência será entendida “como ação sobre uma ação (como da ordem do governo), o poder sempre pressupõe a possibilidade da resistência, pois se trata de uma relação estabelecida entre pessoas potencialmente livres”. (QUINTÃO, 2006, p. 156-7).

De acordo com Foucault (2004), uma das formas de enfrentamento ao poder e resistência contra a dominação, é a formação manutenção do pensamento crítico, observando todos os detalhes com prudência e empirismo, só desta forma emergirão formas de julgamento mais acertados durante o exercício, vivência e participação no poder diariamente.

Neste contexto, o mesmo autor sugere as técnicas de si, como uma ferramenta na qual os sujeitos possam refletir e observar a si próprios de forma mais crítica. Partindo da visão política mais consciente e ética e sobre os dispositivos do poder, teremos como resultado a formação de sujeitos dotados de novos modos de subjetivação, novos estilos de vida individual e social, conscientes dos processos impostos pelo sistema de poder e dominação.

Trata-se, segundo o autor, de práticas de autogestão e assim propõe-se

[...] o termo conduta como aquele que mais bem capta o que há de específico nas relações de poder. A conduta pode ser caracterizada pela

maneira de conduzir os outros bem como a maneira de se conduzir a si mesmo. (QUINTÃO, 2006, p. 147).

As técnicas de si, para Quintão (2006), não são dissociadas do cuidado de si. Este autor parte do princípio de que será um bom governante aquele que souber governar bem a si mesmo. Daí, a ideia de empoderamento do sujeito que, distinguindo-se dos demais, poderá ocupar cargos de gestão de recursos humanos, ou um líder, no sistema das organizações modernas. Porém, será necessário observar que o sujeito mesmo de posse das técnicas do controle de si para constituir-se a si mesmo não deverá perder de vista a influência do poder, do controle dos corpos (individual e coletivo), operado através do poder das normas e de suas sanções.

Como Foucault (2004) demonstra, é característica do bom governante governar primeiro a si mesmo, pois as técnicas de si apresentam-se como modos pelos quais o sujeito se autoconstrói, enquanto senhor de seus direitos e deveres, expresso como um exercício de si sobre si mesmo. Portanto, as técnicas de si, assim como o cuidado de si, podem ser entendidas como o conjunto de tecnologias e experiências que resultam no processo de constituição e transformação do sujeito e a consequente a constituição da sociedade.

Para um possível enfrentamento contra o poder, Foucault (2004) propõe uma proposta autorreflexiva englobando uma postura crítica, de permanente desconfiança, frente às verdades que são instituídas, naturalizadas, semelhantes ao próprio poder. Esta reflexão levará o sujeito a uma posição crítica e, ao mesmo tempo, cautelosa, pois na posição de cuidado de si terá condições de refletir sobre o poder e redefinir sua ação, como positiva ou negativa, produtiva ou não.

Benevides Barros (2009) aposta no coletivo, com processos grupais atravessados pela política, não pensados como campos disciplinares isolados, e sim desenhados em direção à transversalidade, ao grupo como dispositivo operando como combate às dicotomias entre a infra e a superestrutura. Isso porque o desejo funciona a partir da infraestrutura, sendo também produtor da realidade.

A mesma autora define revolução social como revolução do desejo, pois

trata-se de fazer atravessar (transversalizar) os níveis molar e molecular, micro e macropolítico. Realidade social e realidade desejante se distinguem, mas não se separam de tal maneira que não possamos pensar a mudança das formas de organização do *socius* sem pensarmos na alteração dos modos de subjetivação. (BENEVIDES BARROS, 2009, p. 13).

Conforme Lourau (1975), a transversalidade deve apresentar um caráter estável e constantemente atualizado na instituição.

Para Lourau (1975, p. 270),

a transversalidade pode definir-se como o fundamento da ação instituinte dos grupamentos, na medida em que toda ação coletiva exige uma perspectiva dialética da autonomia do grupo e dos limites objetivos dessa autonomia. A transversalidade reside no saber e no não saber do grupamento a respeito de sua polissegmentariedade. É a condição indispensável para passar do grupo-objeto para o grupo-sujeito.

Ainda este autor sublinha a proposição de uma intervenção terapêutica onde o indivíduo, inserido no processo grupal, possa ser ouvido e ao mesmo tempo ser ouvinte e “com isso ter acesso ao além do grupo que interpreta mais do que manifesta, tal é a alternativa com base na qual pode se propor a intervenção terapêutica”. (LOURAU, 1975, p. 190).

Penso que a ideia de transversalidade pode ser utilizada tanto no trabalho diário quanto na pesquisa como ferramenta de resistência e cuidado de si.

Segundo Martin-Baró (1989), o poder está presente nas relações da vida cotidiana, nas relações mais formais e institucionais, no plano jurídico. Nesse âmbito, o poder é “é um objeto social de que dispõe o estado como gerente do bem comum e que distribui entre os membros da sociedade a fim de pôr em execução as exigências e regras do sistema estabelecido”. (MARTIN-BARÓ, 1989, p. 102).

O poder como fenômeno social está baseado, segundo o mesmo autor, na posse diferencial de recursos, permitindo que alguns satisfaçam suas necessidades, pessoais ou de classe e os imponha a outros. O poder não é um algo abstrato. O poder nada mais é do que “uma qualidade de alguém, pessoa ou grupo, na relação com outras pessoas ou grupos. [...] O poder constitui, por conseguinte, um fenômeno social, não meramente individual”. (MARTIN-BARÓ, 1989, p. 97).

É importante, nesse sentido, rever as contribuições de Foucault (2004), sobre os corpos aprisionados, acorrentados, limitados. Para os autores Foucault (2004) e Benevides Barros (2009) existem formas de micropoderes capazes de transmitir informações e transformações com força para transformar condutas no corpo social.

Na lógica de Lourau (1975), os objetos, sujeitos e saberes são construídos de forma contínua pelos próprios sujeitos, não possuindo vida própria por si só. O fazer ver e o fazer falar, de acordo do sentido utilizado, pode produzir diferentes maneiras

de ver o mundo e o conseqüente fortalecimento ou enfraquecimento dos mesmos objetos, sujeitos e saberes.

“O que significa a vida hoje? O que significa poder sobre a vida? Como entender potência da vida, nesse contexto? O que significa que a vida tornou-se um capital? O que uma tal situação acarreta, do ponto de vista político? De que dispositivos concretos, minúsculos e maiúsculos, dispomos hoje para transformar o poder sobre a vida em potência da vida, sobretudo num contexto militarizado? Como isso se conecta com o desafio urgente de reinventar a comunidade? Como tais perguntas redesenham a ideia de resistência hoje, nos vários domínios? (PELBART, 2003, p. 14).

Nessa perspectiva, Foucault (2004) escreve que as técnicas de si, ou a ética do sujeito, são formas de amenizar as arrancadas do poder sobre os corpos, onde os sujeitos possam se visualizar dentro da prática reflexiva consigo mesmos. Conseqüentemente, ter-se-á uma mudança que partirá da base da leitura política com foco nos dispositivos do poder, em direção à ética, às condutas de si, que levarão o sujeito a novos modos de subjetivação, novos estilos de vida individual e social, para além dos processos impostos pelo sistema de poder e dominação.

A solução para o enfrentamento, para resistência à dominação e docilidade dos corpos que se deve manter um pensamento crítico, observando todos os detalhes com prudência e empirismo, pois a decisão acertada de julgamento só poderá acontecer durante o exercício, vivência e participação no poder diariamente.

Conforme Foucault (1997),

qualquer luta é sempre resistência dentro da própria rede de poder, tela que se alastra por toda a sociedade e a que ninguém pode escapar: ele está sempre presente e se exerce como uma multiplicidade de relações e forças. E como onde há poder há resistência, não existe propriamente o lugar de resistência, mas pontos móveis e transitórias que também se distribuem por toda a estrutura social. (FOUCAULT, 1997, p. 16).

Igualmente Pichon-Rivière (1998) relata que o dispositivo grupal tem como função a possibilidade de abertura de novas significações, a produção de saberes inéditos, nas sínteses que cada integrante do grupo possa avançar rumo ao impensado.

Observa-se que o trabalho desenvolvido no dispositivo grupal, entendido como transversal, poderá fugir das dicotomias, bem como ser concebido a partir de uma análise sistemática das contradições emergentes, das ideologias inconscientes que geram contradições, estereótipos no processo grupal. (BENEVIDES BARROS, 2009). Partindo desse pressuposto, as soluções de resistência frente ao poder

instituído, conforme Foucault (1979), podem ser trabalhadas e entendidas como técnicas do cuidado de si, conforme o governo de si mesmo, capacidade de emancipação, a ética, pensamento crítico, objetivando novos modos de subjetivação, novos estilos de vida individual e social, como proposta de construção de um mundo mais ético e justo.

## 5 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Nesta pesquisa foram utilizados procedimentos metodológicos de observação participante, com registros de dados em um diário de campo e, posteriormente, entrevistas semiestruturadas com o grupo participante.

A observação participante, para Gabarrón e Landa (2006), é oriunda de paradigmas, teorias, disciplinas e experiências práticas diferentes. Basicamente é o materialismo dialético-histórico, com modelos de organização-mobilização, conflito e transformação de estruturas-relacionais sociais.

A técnica do diário de campo contém as percepções, os registros, os questionamentos e as informações do pesquisador. Os dados coletados submetem-se à análise de conteúdo, num objetivo de buscar a compreensão dos significados no contexto da fala ou dos textos escritos.

Segundo Minayo (2004), no diário de campo constam todas as informações, menos o registro das entrevistas formais. Trata-se das informações sobre conversas informais, comportamentos, festas, cerimônias, gestos, percepções relativas ao tema da pesquisa.

Nesse sentido, Kind (2004) o grupo focal é um procedimento de coleta de dados realizado através de entrevistas grupais com a finalidade de investigar os processos grupais que têm sua origem teórico-metodológica na sociologia e na psicologia social crítica. O grupo focal fundamenta-se na discursividade e na interação. Oriundo da tradição dialética, pressupõe a construção do conhecimento em espaços de intersubjetividade. “Dessa forma, devemos pressupor que as muitas vozes envolvidas no grupo focal formem um coro de semelhanças e diferenças, construções e desconstruções, inerentes à intersubjetividade que está em jogo”. (KIND, 2004, p. 124-136).

De acordo com Gatti (2005), o grupo focal é conjunto de sujeitos selecionados por pesquisadores para participar de uma atividade coletiva com objetivo de discutir e comentar um tema que será desenvolvido a partir de sua experiência pessoal.

De acordo com Kind (2004, p. 127),

os grupos focais utilizam a interação grupal para produzir dados e *insights* que seriam dificilmente conseguidos fora do grupo. Os dados obtidos, então, levam em conta o processo do grupo, tomados como maior do que a soma das opiniões, sentimentos e pontos de vista individuais em jogo.

Utilizou-se a forma de abordagem qualitativa para obter dados através de cinco sessões de grupo focal visando organizar objetivamente os dados trazidos pelo grupo tanto de forma implícita como explícita para, assim, compreender os processos históricos e atuais das CEBs na rede de comunidades São João Batista do Arroio da Manteiga na cidade de São Leopoldo.

Utilizou-se da entrevista qualitativa para que o entrevistador possa mapear e conhecer o modo de vida das pessoas entrevistadas. Esta entrevista fornece o equipamento teórico para compreender as relações entre os atores sociais e sua vida cotidiana, objetivando a compreensão pormenorizada sobre os comportamentos das pessoas em contextos sociais específicos.

Conforme Gatti (2005, p. 11), os grupos focais permitem

Compreender os processos de construção da realidade por determinados grupos sociais, compreender as práticas cotidianas, ações e reações a fatos e eventos, comportamentos e atitudes, constituindo-se uma técnica importante para o conhecimento das representações, percepções, crenças, hábitos, valores, restrições, preconceitos, linguagens e simbologias.

O grupo focal foi planejado para cinco sessões com a duração de uma hora, uma vez por semana. A coordenadora foi Ligia Huff; a observadora, Aparecida Bittencourt. Participaram do processo seis sujeitos pertencentes à rede de comunidades São João Batista em São Leopoldo.

## 1) Roteiro dos encontros

Quadro 1 – Processos históricos ontem

Subcategoria de estudo e análise	Perguntas aos sujeitos
<b>Participação</b>	De que forma eram divulgadas as reuniões das CEBs? Com que frequência ocorriam os encontros? Como você via a participação dos sujeitos no movimento das CEBs? Qual o número de participantes nas reuniões?
<b>Organização</b>	Quem organizava as reuniões do grupo? Qual era a duração dos encontros? Como era escolhido o tema dos encontros?
<b>Lideranças</b>	De que forma eram estimuladas as lideranças? Havia reuniões de coordenadores dos grupos? Como se dava o comprometimento dos sujeitos?
<b>Infraestrutura</b>	Onde se realizavam as reuniões? Que tipo de materiais eram utilizados para motivar as reuniões?

Fonte: Lara Junior, 2005.

Quadro 2 – Processos históricos hoje

Subcategoria de estudo e análise	Perguntas aos sujeitos
<b>Participação</b>	De que forma são divulgadas as reuniões das CEBs? Com que frequência ocorrem os encontros atualmente? Como você vê a participação dos sujeitos no movimento das CEBs? Qual o número de participantes nas reuniões?
<b>Organização</b>	Quem organiza as reuniões do grupo? Qual é a duração dos encontros? Como é escolhido o tema dos encontros?
<b>Lideranças</b>	De que forma são estimuladas as lideranças? Ocorrem reuniões de coordenadores dos grupos? Como se dá o comprometimento dos sujeitos?
<b>Infraestrutura</b>	Onde se realizam as reuniões? Que tipo de materiais são utilizados para motivar as reuniões?

Fonte: Lara Junior, 2005. (Quadro 1 e 2 apresentam as mesmas questões, porém as primeiras no passado, as segundas no presente – Processo histórico ontem e hoje).

## 2) Categoria

Quadro 3 – Organização política e participação intragrupal nas CEBs ontem

<b>Participação intragrupal</b>	Como era preparada a mística das reuniões? Como era organizada a pauta das reuniões? Quais os passos principais na elaboração da mística? (rezas, cantos, leituras da Bíblia, símbolos religiosos)
<b>Organização política</b>	Havia uma motivação para conteúdos políticos? Quais os temas mais abordados? Como os sujeitos avaliavam os conteúdos políticos trazidos para reunião? Como você via os sentimentos despertados pela mística?

Fonte: Lara Junior, 2005.

Quadro 4 – Organização política e participação intragrupal nas CEBs nos dias atuais

<b>Participação intragrupal</b>	Como é preparada a mística das reuniões? Como é organizada a pauta das reuniões? Quais os passos principais na elaboração da mística? (rezas, cantos, leituras da Bíblia, símbolos religiosos) Como você vê os sentimentos despertados pela mística?
<b>Organização política</b>	Há uma motivação para conteúdos políticos? Quais os temas mais abordados? Como os sujeitos avaliam os conteúdos políticos trazidos para reunião?

Fonte: Lara Junior, 2005. (Nos quadros 3 e 4 são as mesmas questões embora as primeiras no passado, as segundas no presente – Organização política e participação intragrupal nas CEBs ontem e hoje).

### 3) Categoria

Quadro 5 – Formas de articulação e processos de lideranças ontem

<b>Formas de articulação e processos de lideranças</b>	De que forma eram articuladas as tarefas agendadas pelo grupo? Eram avaliados as lideranças e o processo de caminhada do grupo?
--	--

Fonte: Lara Junior, 2005.

Quadro 6 – Formas de articulação e processos de lideranças nos dias atuais

<b>Formas de articulação e processos de lideranças</b>	De que forma são articuladas as tarefas agendadas pelo grupo? São realizadas avaliações sobre as lideranças e o processo de caminhada do grupo?
--	--

Fonte: Lara Junior, 2005. (Questões 5 e 6 sobre formas de articulações e processos de lideranças ontem e hoje).

### 4) Categoria

Quadro 7 – Desenvolvimento dos processos de comunicação, cooperação, pertença e aprendizagem ontem

<b>Comunicação</b>	Havia união entre os sujeitos do grupo? Como eram resolvidos os conflitos do grupo? Havia temas que eram considerados sigilosos?
<b>Cooperação</b>	Aconteciam alianças entre os sujeitos participantes do grupo? Estas alianças ocasionavam conflitos no grupo? Como o coordenador resolvia estes conflitos?
<b>Pertença</b>	Os sujeitos se sentiam parte do grupo? Como o grupo resolvia as questões dos sujeitos que não eram atuantes no grupo?
<b>Aprendizagem</b>	Havia crescimento na vida pessoal dos sujeitos depois o ingresso nestes grupos? Era incentivada a volta ou o ingresso nas escolas? Qual era o nível de estudo dos sujeitos do grupo?

Fonte: Lara Junior, 2005.

Quadro 8 – Desenvolvimento dos processos de comunicação, cooperação, pertença e aprendizagem nos dias atuais

<b>Comunicação</b>	Há união entre os sujeitos do grupo? Como são resolvidos os conflitos do grupo? Existem temas que são considerados sigilosos?
<b>Cooperação</b>	Acontecem alianças entre os sujeitos participantes do grupo? Estas alianças ocasionam conflitos no grupo? Como o coordenador resolve estes conflitos?
<b>Pertença</b>	Os sujeitos se sentem parte do grupo? Como o grupo resolve as questões dos sujeitos que não se mostram atuantes no grupo?
<b>Aprendizagem</b>	Ocorre crescimento na vida pessoal dos sujeitos depois o ingresso nestes grupos? É incentivada a volta ou o ingresso nas escolas? Qual é o nível de estudo dos sujeitos do grupo?

Fonte: Lara Junior, 2005. (As questões dos quadros 7 e 8 são relativas ao tema desenvolvimento dos processos de comunicação, cooperação, pertença e aprendizagem ontem e hoje, são semelhantes, umas relativas ao ontem, as outras relativas ao hoje).

## 5.1 CRITÉRIOS DE ESCOLHA DOS SUJEITOS

A pesquisa foi desenvolvida junto à rede de comunidades São João Batista, situada no bairro Arroio da Manteiga, em São Leopoldo-RS, pertencente à Diocese de Novo Hamburgo. No Arroio da Manteiga (CEPA)<sup>4</sup> foram realizados cinco encontros grupais com seis sujeitos sendo dois da comunidade Santa Marta, uma da comunidade Mauá e três da comunidade São João Batista. Os sujeitos escolhidos são quatro jovens da Pastoral da juventude, dois sujeitos da pastoral da catequese e uma da pastoral da criança.

Utilizamos aqui nomes fictícios para nos referir aos entrevistados para preservar o sigilo da identidade de cada um. Não utilizamos o termo livre e esclarecido, pois não se trata de uma pesquisa que coloque em risco a integridade das pessoas envolvidas nessa pesquisa. No entanto, todas estavam cientes de que os encontros do grupo focal foram gravados.

---

<sup>4</sup> CEPA é a sigla para Centro de Espiritualidade Padre Arturo.

## 6 ANÁLISE DOS DADOS

Para a análise dos dados foi utilizada a técnica de análise de discurso. Trata-se de uma leitura reflexiva que se aproxima do texto e do contexto, para desse modo analisar o conteúdo, a organização e funções do discurso.

Na opinião de Gill (2003, p. 266), “a análise de discurso é uma interpretação, fundamentada em uma argumentação detalhada e uma atenção cuidadosa ao material que está sendo estudado”.

Nessa perspectiva, sabe-se que o sentido do discurso não é fixo, considerando o contexto, a estética, a ordem do discurso, pela sua forma de construção. O sentido do discurso encontra-se sempre em aberto para a possibilidade de interpretação do seu receptor. O efeito do discurso é, claramente, transmitir uma mensagem e alcançar um objetivo premeditado através da interpretação e interpelação do sujeito.

A análise do discurso trabalha exclusivamente com o sentido, um sentido produzido. Por isso pode-se afirmar que o *corpus* da análise do discurso se constitui na seguinte formulação: ideologia, história e linguagem.

Pesquisar sobre a análise do discurso, para Frasson (2007), é caracterizar a caminhada histórica contraditória que coexiste nas diferenças sociais, inscritas na concepção discursiva dos sujeitos, na materialidade discursiva. A análise do discurso desenvolve seus estudos sobre os muitos olhares de mundo inscritos no discurso.

### 6.1 DADOS DA OBSERVAÇÃO

#### **Diário de campo**

A primeira visita que fiz como pesquisadora no bairro Arroio da Manteiga deu-se no mês de novembro de 2013, quando tive a oportunidade de conhecer o Centro de Espiritualidade Padre Arturo (CEPA).

Ao chegar conheci o Pe. Edson Thomassim, que logo após as apresentações levou-me para conhecer o prédio da CEPA: secretaria, cozinha, biblioteca e diversas salas de reuniões. O prédio serve também de sua moradia e de alguns seminaristas. Ao lado deste prédio fica o prédio da igreja chamada Comunidade São João Batista.

Padre Edinho, como é chamado por todos, relatou-me sobre o início do trabalho com as CEBs. Falou sobre o trabalho do Pe. Orestes que esteve no local desde 1987, onde fundou a rede de comunidades que existe até hoje no Arroio da Manteiga. Fazem parte da rede as comunidades São João Batista, São Roque, Santa Marta, Santa Ana, Divino Espírito Santo e Nossa Senhora Aparecida. Citou a importância e os avanços que as comunidades conseguiram através do Pe. Orestes. Algumas das principais ações alcançadas pelo Pe. Orestes foram: Promotoras Legais Populares, Movimento Pró-Dique, Pastoral Social, Trilha Cidadã, Associação de Jovens, entre outras.

O Pe. Edinho demonstrou ter um cuidado especial com a Pastoral da Juventude, pois acredita nela como um movimento que desembocará futuramente nos trabalhos das CEBs. Sublinha a necessidade de se efetivar um movimento de resgate de lideranças antigas em algumas comunidades e da importância de trabalhar, junto às CEBs, questões relativas ao tema da diversidade. Sublinha a exortação apostólica *Evangelii Gaudium* (A Alegria do Evangelho), do Papa Francisco, e a importância do trabalho em redes. Acentua que as CEBs pertencem ao grupo dos setores progressistas da Igreja Católica.

O Pe. Edinho contagia os ouvintes com sua motivação ao falar sobre o trabalho com as CEBs. Faz suas colocações com voz firme e sem medo, mesmo quando relata sobre as perseguições, lutas, disputas, transferências de padres militantes, etc.

Em todas as celebrações de que participei ficou evidente a preocupação com a acolhida. Exemplo disso é a postura do Pe. Edinho: em todas as celebrações ele se coloca na porta da igreja, recebendo com carinho todos os seus membros. A igreja é muito acolhedora, sem ostentação; as celebrações são muito bem organizadas. Nota-se que existe um cuidado em utilizar um vocabulário simples, motivado e entusiasmando para que todos possam entender e assimilar. A liturgia usada é muito própria, oportunizando a participação das pessoas nas diversas atividades. Uns leem a Bíblia, outros tocam violão, auxiliam o padre no altar. O padre, no final da missa, abençoa particularmente a cada uma das pessoas, que se colocam em fila na sua frente. Este gesto faz com que o povo se sinta pertencente à família da fé.

Pude participar mais de perto da programação da Quaresma. Tanto nas celebrações quanto na procissão do Domingo de Ramos, observei a mística do

momento e sua importância para a vida das pessoas. A simplicidade da cerimônia toca as pessoas. Tudo é organizado com muito carinho e motivação. Conversando com os fiéis, notei a alegria que sentem quando podem relatar sua participação na história da comunidade.

É importante sublinhar a experiência que tive ao participar do encontro de CEBs. Este encontro acontece uma vez por mês em cada comunidade da Diocese de Novo Hamburgo. Neste ano acontecerá um evento do encontro anual de CEBs nas dependências da Comunidade São Roque, do Arroio da Manteiga. Particpei de dois encontros do grupo das CEBs: um acontecido na Comunidade São João em março Batista e outro na Comunidade São Roque em abril.

Um destes encontros contou com a presença de mais ou menos 15 pessoas. Elas normalmente sentam-se em semicírculo para facilitar o debate. Havia pessoas jovens e outras não tão jovens. No centro do semicírculo, ao chão, estavam os símbolos que representam o sagrado para as CEBs: primeiro a figura do trem das CEBs em que cada vagão simboliza um encontro já ocorrido, a Bíblia, água, terra, vela, chapéu de palha, vários folders da programação, livros de cantos, violão, e os panos coloridos. Ao iniciar a reunião um dos participantes se encaminha para o centro do grupo, onde estão os símbolos; apanha a Bíblia e lê um salmo; todos ouvem em silêncio. Logo após, cada membro do grupo compartilha o versículo que mais lhe tocou.

Nesta reunião do grupo de CEBs ficam evidentes o cuidado e o carinho das pessoas com a mística, através do significado dos símbolos místicos relatados acima, o que ratifica as colocações teóricas de Follmman (1996) e Lara Junior (2005).

Depois disso, foi apresentado um vídeo onde o Frei Leonardo Boff falava sobre a história do trabalho das CEBs. O vídeo trata da luta dos pobres, da diversidade, comunhão, libertação, articulação e perseguição. Logo após passou-se para o momento de cantos, onde um dos jovens toca violão, e todos participam cantando.

Um dos participantes do grupo traz sua preocupação com a identidade das CEBs. Inicia-se então um debate sobre a necessidade de clarear dentro da diocese uma proposta sobre a identidade das CEBs hoje. *“Acho que somos meio seita dentro da Igreja. Afinal, quem somos? Corporificar, clarear”*.

Em resposta a essa colocação, o Pe. Edinho acrescenta que as CEBs vão se modificando conforme a comunidade local, seja na periferia ou no campo. O modelo é o mesmo, as comunidades são diferentes. Por isso fica um pouco mais complexo falar a respeito de uma identidade única.

Emergiu no grupo a questão da diferença dos trabalhos das CEBs em relação a outros trabalhos da Igreja Católica. *“Vendo e ouvindo cenários da igreja apavora, é tão diferente do que a gente acredita. A identidade das CEBs é a força que puxa pra baixo, pro povo. Fé encarnada na realidade do povo. A realidade é o rosto que o povo tem no dia a dia. É igual mas é diferente”*. (Carmem)

Estas colocações se justificam na teoria. Conforme Orofino (2012), as CEBs nasceram num certo contexto sociocultural, político e religioso em oposição com outros organismos eclesiais e sociais.

Durante o debate fala-se do apoio que a diocese ofereceu para que alguns membros das CEBs pudessem se fazer representar no congresso nacional. *“Devemos trabalhar para que as CEBs tenham um rosto, pois existem sempre as resistências, têm padres que estão rezando missa em latim por aqui. São conservadores. Estão mudando até as cores litúrgicas do altar”*. (Jorge)

Fala-se do desgaste de algumas comunidades e da necessidade do resgate de lideranças. *“São comunidades enfraquecidas, angustiadas. A gente sabe as respostas, mas nós não temos as estratégias para fortalecer as comunidades”*. (Carmem)

Sinto que as pessoas que participam das CEBs são pessoas muito sofridas e algumas até perseguidas politicamente ou mesmo dentro da própria Igreja. Mesmo assim, é visível a motivação e o amor que elas possuem em favor das pessoas que sofrem com a injustiça social e econômica.

O Pe. Edinho tomou a palavra logo após o fim do debate para falar sobre a organização e divisão das tarefas para o encontro de CEBs que acontecerá em novembro.

É igualmente importante relatar o trabalho realizado pelo Pe. Edinho sobre teatro e evangelização com jovens das diversas comunidades da rede. Tive a oportunidade de participar de uma celebração na Comunidade São Roque onde o grupo se apresentou.

A Comunidade São Roque fica na mesma região. Nesta noite estava toda iluminada, com muito movimento de pessoas, algumas lideranças ficaram na frente

da igreja recebendo as pessoas. O altar muito simples estava com toalhas cor de rosa, e as pessoas que estavam ajudando na missa também estavam de roupas da mesma cor. Ao iniciar a cerimônia, o padre explica que esta cor tem conexão com *“doce, com a rapa do taxo”*. A cor foi usada em referência ao tempo da Quaresma. Havia uma pessoa tocando violão, e outra, teclado. Tocavam e cantavam cantos alusivos à nova Campanha da Fraternidade deste ano: “Fraternidade e tráfico humano”.

O Pe. Edinho passa a falar ao povo utilizando uma liturgia muito simples, mais parecendo um diálogo. A liturgia segue com a apresentação do teatro. Os jovens entraram pela porta da frente da igreja, eram cinco jovens, três meninos e duas meninas (pré-adolescentes e adolescentes). Os meninos entraram trazendo nas mãos skate e violão; as meninas trouxeram diversos estojos de maquiagem para depositarem no altar. Após, colocaram-se na frente para o povo. Em resumo a peça retratou a campanha da fraternidade sobre cooptação de jovens, objetivando alertar contra o turismo sexual. O povo escutava em silêncio; pareceram gostar do que estavam ouvindo. Nas celebrações ficou evidente a simplicidade dos cantos que se referem às lutas da vida diária do povo.

Notei também um cuidado especial do Pe. Edinho com a divulgação de todas as atividades programadas pela rede de comunidades, tanto em nível de folders, jornal, como na internet e através do Facebook. Dessa forma, as pessoas da comunidade têm fácil acesso às programações das atividades das CEBs e das demais programações em geral, tanto por escrito como pela internet.

No Domingo de Ramos participei da procissão que aconteceu junto com outras três capelas: Santa Ana, Espírito Santo e Nossa Senhora Aparecida. Todas se encontraram na Paróquia Central São João Batista. Neste domingo, aproveitei para conversar com algumas das pessoas que estavam na Comunidade São João. Encontrei duas irmãs que são fundadoras desta comunidade, e emocionadas relataram um pouco da história da paróquia. Logo a seguir outras comentaram sobre o trabalho do clube de mães que tem mais de 200 sócios e 20 anos de existência. Outros ainda relataram o trabalho com o grupo de idosos, que conta com 20 participantes.

Logo chega a primeira procissão. Todos vinham cantando, carregando uma cruz e trazendo ramos verdes nas mãos. Seguiu-se a chegada da outra comunidade que pudemos ver de longe. Emociona ver o povo subindo uma lomba carregando a

cruz, cantando e com ramos verdes nas mãos. Os ramos verdes simbolizavam o Domingo de Ramos. Quando a última comunidade chegou, entraram todos juntos. O local ficou cheio de pessoas cantando ao som de gaita e diversos violões. É importante salientar a simplicidade das pessoas, a alegria e a emoção. A comunidade fica repleta de pessoas cantando e louvando a Deus. Os cantos de louvor são unificados na rede de comunidades e falam das lutas diárias do povo em busca de justiça social.

O Pe. Edinho iniciou sua pregação trazendo o tema da fé e política na atualidade. A pregação foi contextualizada, pois abordou a espiritualidade com a vida cotidiana do povo.

Esta procissão faz parte da simbologia da mística nas CEBs; trata-se de uma Romaria, caminhada que lembra o pertencimento ao povo de Deus a caminho da Divina Fonte.

É importante salientar o bom acolhimento oferecido pelos participantes aos visitantes, especialmente por parte do próprio Pe. Edinho. Em consequência dessa acolhida eu, como pesquisadora, passei a me sentir em casa. E além da boa acolhida que é oferecida às pessoas, o próprio ambiente da CEPA é muito acolhedor, sendo um espaço aberto desde a porta de entrada à biblioteca, ao espaço de orações. Existe até um espaço disponível com erva, fogão e tudo mais para que se possa fazer chimarrão.

Nesta pesquisa realizada no bairro Arroio da Manteiga, participei de dez celebrações, dois encontros mensais de CEBs, uma procissão, fiz uma visita à Comunidade São Roque e outra à Comunidade Santa Marta, além de cinco sessões de grupo focal. Todas estas atividades ocorreram nos meses de novembro de 2013 a junho de 2014.

## 6.2 DADOS DO GRUPO FOCAL

Quanto à organização das reuniões das CEBs, Frei Betto (1981) ressalta um forte senso crítico que resultou em várias lutas importantes pela democracia e pela democratização na América Latina nos últimos 25 anos, as quais só foram possíveis graças às CEBs e à TdL. Termos como justiça, fraternidade, solidariedade, compromisso e caminhada revelavam os seguimentos de Jesus e a vontade de implantar concretamente o Reino de Deus.

Observa-se que este trabalho das CEBs demonstra ter muitas semelhanças com o processo grupal, pois no entendimento de Lane (1994, p. 59) pode-se

entender o movimento de consciência dos indivíduos, que se dá em relação às atividades que eles desenvolvem em interação com outros indivíduos, conhecer os processos grupais que produzem as identidades pessoais e ao mesmo tempo produzem um sentido “nós”, através da cooperação e da compreensão de determinantes histórico-sociais – é a tarefa que compete à Psicologia, tornando a sua práxis em um movimento de conscientização social e de atividades transformadoras da sociedade.

A pesquisa social enfatiza seus estudos no intuito de conhecer a sociedade, porque, assim, poderá contribuir para solução dos seus problemas mais graves. “A tarefa mais ou menos explícita que se propõe o psicólogo social, ao planificar e realizar cada investigação pode ser definida como alternativa de descobrir, entre outras coisas, certo tipo de interações que entorpecem o pleno desenvolvimento da existência humana”. (PICHON-RIVIÈRE, 1998, p. 119).

Quadro 9 – Roteiro de observação do grupo focal

<b>Objetivo geral</b>	Analisar os processos grupais como força de resistência, implicação política e cuidado de si, nos dias atuais.
<b>Primeiro encontro</b>  Analisar por meio dos processos grupais, como se desenvolve o cuidado de si como força de resistência nas CEBs atualmente.	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Como aconteceu a organização e a fundação do Arroio da Manteiga?</li> <li>- De onde vieram as famílias e como chegaram aqui?</li> <li>- Que paróquias fazem parte da rede de comunidades da Comunidade São João?</li> <li>- Como se organizam e atuam as pastorais na Comunidade São João?</li> <li>- Qual é a definição da comunidade do Arroio da Manteiga?</li> <li>- Qual a participação das lideranças leigas e dos teólogos na organização desta comunidade?</li> <li>- Quais as lideranças que mais se destacaram na caminhada histórica do Arroio da manteiga?</li> <li>- A comunidade já participou de algum movimento social?</li> <li>- Em que movimentos sociais e qual foi o motivo pelos quais se organizaram?</li> <li>- Quais avanços ocorreram nessa caminhada e possíveis recuos?</li> </ul>
<b>Segundo encontro</b>  Pesquisar nas CEBs, hoje, a existência de questões relativas ao poder instituído, como forma de controle.	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Qual a missão, qual o motivo da militância das CEBs?</li> <li>- Como vocês veem a Identidade da CEB dentro da Diocese?</li> <li>- Podemos identificar algum processo de resistência e participação política na trajetória desta comunidade?</li> <li>- Houveram dificuldades na caminhada das CEBs?</li> <li>- Pensando no modelo eclesial atual, ocorrem formação, acompanhamento ou alguma espécie de mobilização?</li> <li>- As CEBs recebem algum tipo de crítica?</li> <li>- Como os participantes das CEBs reagem a estas críticas?</li> <li>- O que é e como funcionam as Pastorais?</li> <li>- Como as pastorais definem o termo “comunidade”?</li> <li>- De que forma é entendido o processo de conversão?</li> </ul>

	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Como funciona e o que é a “animação”?</li> <li>- Como é vista a coordenação de leigos e leigas?</li> <li>- Qual a participação das mulheres no movimento?</li> <li>- Como você se sente como Cristão participante da CEB, na sociedade atual?</li> </ul>
<p><b>Terceiro encontro</b></p> <p>Analisar nos processos grupais, a materialização das intersubjetividade dos participantes das CEBs, quanto à autoconstituição e transformação dos sujeitos.</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Como se define o papel das CEBs na atualidade?</li> <li>- Existem diferenças no trabalho das CEBs, ontem e hoje?</li> <li>- Pensando na comunidade com seus problemas do dia a dia, qual seria o(s) objetivo(s), junto à população que sofre?</li> <li>- Como os participantes do movimento trabalham e se relacionam entre si?</li> <li>- Existe alguma ação para resgatar as lideranças?</li> <li>- As lideranças continuam as mesmas? Mudaram? Evoluíram? Transformaram-se? Ou se desanimaram?</li> <li>- O modelo de trabalho continua o mesmo? Deveria ser construído novo jeito de “fazer Igreja”?</li> <li>- Quais seriam as reais necessidades do movimento político das CEBs hoje? Quais as estratégias para alcançá-los?</li> <li>- Quais foram as lideranças políticas que se destacaram através do trabalho das CEBs, na Diocese ou no Arroio da Manteiga?</li> </ul>
<p><b>Quarto encontro</b></p> <p>Verificar através dos processos grupais como são entendidas nas CEBs a política, a mística, o trabalho, autonomia, criatividade e bem-estar social nos dias atuais.</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Refletindo sobre transformação de vida e do mundo como se reflete o trabalho da mística dentro da caminhada das CEBs?</li> <li>- A participação nas celebrações místicas que ocorrem nos encontros provocam, evocam algum tipo de sentimento?</li> <li>- Quem escolhe o tema para os encontros de celebrações?</li> <li>- Quais os símbolos que não pode faltar nos encontros de celebrações?</li> <li>- Quais as etapas nos encontros para celebração?</li> <li>- Durante os encontros de celebração, é abordado o tema sobre política?</li> <li>- De que forma é entendido na sua opinião a celebração mística e a formação de consciência crítica?</li> <li>- Qual a contribuição do trabalho das CEBs em relação a construção de um mundo de justiça e liberdade?</li> </ul>
<p><b>Quinto encontro</b></p> <p>Devolutiva e avaliação</p>	<p>Avaliação, sentimentos, Propostas, rever todas as questões ou possíveis necessidades surgidas no decorrer dos quatro encontros.</p>

Fonte: Lara Junior, 2005.

### Primeiro encontro do grupo focal

O primeiro encontro reuniu seis participantes, uma observadora e uma coordenadora. Foram propostas todas as regras que compõem o enquadre e também o uso do gravador com o grupo que, após aceitá-las, mostrou-se participativo, alegre, sem receio de fazer suas colocações.

Neste primeiro encontro a proposta foi de se trabalhar o histórico, a organização, as lideranças e a organização política da rede de comunidades situadas no Arroio da Manteiga, conforme o Quadro 9.

De acordo com as colocações do grupo, o Arroio da Manteiga é um dos bairros mais antigos da cidade de São Leopoldo, porém detém o maior fluxo populacional. O bairro é cortado por dois arroios, Manteiga e Cerquinha, que estão ligados com o Rio dos Sinos.

*O nome Arroio da Manteiga é oriundo de um arroio que existe na região e que tinha uma areia tão branquinha que parecia manteiga. Este arroio tinha água tão limpinha que os moradores costumavam banhar-se nele. (Luíza)*

A história da fundação do Arroio da Manteiga teve seu início há mais de 30 anos, quando o prefeito comprou uma área de terra e construiu casas para retirar a prostituição e os moradores de rua do centro da cidade, colocando-os nesta região, antes chamada de Arroio das Malocas. Até bem pouco tempo essa região era conhecida como área de prostituição com moradias muito distantes uma das outras. O Arroio da Manteiga é dividido em vilas, Parque Mauá, comunidade Santa Marta, Campestre, etc.

O Arroio da Manteiga sofre muito preconceito até hoje, sendo visto como a parte marginalizada da cidade. *“Lá é o lugar das putas, do lixão, é o lugar de tudo do tráfico da violência. Também tinha um matadouro de gado”.* (Maria)

As primeiras famílias começaram a chegar na década de 1970 provocando grande concentração populacional. A vinda destas famílias estava relacionada ao *boom* do setor calçadista no Vale dos Sinos. As famílias que primeiramente habitaram o Arroio da Manteiga vieram das cidades de Palmitinho, Frederico Westphalen, Tenente Portela e do estado do Paraná.

*Com a chegada do padre muitas famílias começaram a comprar as casas e as mulheres foram fechando as portas. (Luíza)*

A história do Arroio da Manteiga está muito ligada ao trabalho primeiramente do Pe. Arturo e, principalmente, com a caminhada histórica do Pe. Orestes.

*Antigamente aqui não era ainda paróquia, nem a São Jorge era paróquia. Era só o Rio dos Sinos. Padre Arturo atendia tudo isso desde vila Brás até aqui, isto tudo era paróquia tudo comunidades necessitadas. (Luíza)*

A principal comunidade pertencente ao Arroio da Manteiga chama-se São João Batista. Para a Diocese de Novo Hamburgo, a Comunidade São João Batista é uma paróquia, mas para seus membros é costumeiramente chamada de rede de comunidades composta por seis comunidades e que trabalha com a descentralização. As comunidades que fazem parte da “Rede de Comunidades São João Batista” são: Santa Ana, Santa Marta, São Roque, Divino Espírito Santo, Nossa Senhora Aparecida, Comunidade Maria de Nazaré.

O Pe. Orestes trabalhou cerca de 19 anos nesta região. Tendo chegado ao Arroio da Manteiga por volta de 1983 vindo a falecer em 1992. A morte do Pe. Orestes veio de surpresa para esta população que, segundo eles, sentiram-se órfãos. *“Todo mundo ficou muito triste”*. (Luíza)

Segundo o relato do grupo pesquisado, foi o Pe. Orestes que ensinou uma nova forma de ler a Bíblia. Era destas leituras que vinha a motivação. Os textos emergiam a fé e a vida. *“Um sem o outro não tem sentido. Eram realizados cursos de capacitação, visitas as comunidades, as famílias”*. (Luíza)

Os moradores da região, em sua maioria, trabalhavam nas suas próprias casas terceirizando os serviços das fábricas de calçados. Este serviço era muito explorado. *“As mulheres nessa época elas faziam estes enfiadinhos e no fim do dia o dinheiro não dava pra comprar um litro de leite”*. (Maria)

Em consequência desta exploração surgiu a ideia de fundar uma cooperativa de trabalhadores. *“Pelo que a gente sabe foi a primeira cooperativa de São Leopoldo. Hoje temos o CECAN, antes era o MOVIC, movimento pela cidadania, em São Leopoldo existem ali três cooperativas”*. (Maria)

*Nunca ficaram esquecidas as provocações que feitas pelo padre Orestes: as vezes a gente se sente um pouco cansado, a gente tem algumas derrotas, algumas coisas que dá uma vontade de desistir, mas aí fica uma in quietação que quando a gente vê a gente está lá no meio de novo.*  
(Luíza)

Para a rede de comunidades São João Batista, a fé e a vida tem que andar juntas. Emerge daí a ideia de organizar e motivar o povo, lutar por água, por luz, por calçamento e melhorar a qualidade de vida. Foi por todas essas demandas que os moradores mais antigos se mobilizaram.

*O sentido da palavra comunidade é diferente na própria igreja católica, e também dentro na nossa própria diocese. Por mais que a igreja do Brasil*

*tenha aprovado um documento que fala de comunidades de comunidades, de uma nova forma de fazer paróquia, as CEBs sempre foi um modelo de resistência justamente por vincular fé e vida. (Carmem)*

A organização das comunidades neste local iniciou-se no momento em que os caminhões começaram a retirar aterro de um barranco para fazer a obra do dique, pois foi justamente este o local escolhido para ocupação das famílias onde elas iniciaram a construção de pequenos barracos. Existem até hoje situações de terrenos que ainda não são escriturados. As ruas das vilas Santa Marta e Mauá foram sendo ocupadas sem planejamento. São ruas muito estreitas. O pessoal foi ocupando sem fazer a medição.

De acordo com Martin-Baró (1989), a constituição dos grupos se origina de um sistema de ações que surge a partir das necessidades dos seus integrantes, em direção a objetivos e de uma tarefa na direção de alcançá-los. Nesse sentido, tanto as necessidades como os objetivos são fatores inerentes à própria existência do processo grupal.

Conforme Santos (2012), as comunidades eclesiais de base foram criadas com o objetivo de oportunizar uma maior aproximação entre o povo menos assistido pelo poder público e a Igreja. Já para Wanderley (2007), as CEBs favoreceram muito na forma de auxiliar os pobres na busca de direitos humanos e cidadania. Estas comunidades auxiliaram sensivelmente no resgate e na reinterpretação do significado de *comunidade* tanto no meio urbano como no meio rural. Este processo auxiliou, de modo expressivo, a dinâmica eclesial, em direção ao caráter profético e libertador do cristianismo.

A organização dos trabalhos na rede de comunidades São João se desenvolve principalmente através de seis pastorais: Pastoral do Idoso, Pastoral do Dízimo, Pastoral da Família, Pastoral da Juventude, Pastoral da Catequese, Pastoral da Criança, etc. *A comunidade São João cedeu uma área, junto a igreja. “A comunidade aceitou construir o posto de saúde pensando no outro”.* (Luíza)

Quanto à organização histórica das reuniões das CEBs, Frei Betto (1981) diz que se tratava de uma reunião aberta em que todos podiam participar e ocupar um espaço que se destinava a ser um espaço onde podiam reviver suas dificuldades e opressão sofrida na vida diária. Termos como justiça, fraternidade, solidariedade, compromisso e caminhada revelavam os seguimentos de Jesus e a vontade de implantar concretamente o Reino de Deus.

Na caminhada histórica das celebrações nas CEBs, não podia faltar a mística nem a militância, ou seja, a fé e a vida, pois estas se constituem como a sua identidade. Trata-se da maior fonte de esperança que testifica as lutas diárias do povo desde as dificuldades com o transporte para o trabalho, ônibus lotado, da mídia, da socialização dos bens e dos espaços públicos disponíveis. As celebrações místicas são muito fortes e se destacam na vida do povo simples, empobrecido, migrante e excluído do nosso país que encontram nestas uma oportunidade de inclusão e participação social cultivadas nas CEBs. O povo das CEBs é por natureza caminhante, romeiro, peregrino e constantemente em busca da “Terra Prometida”. (13º INTERECLESIAL DE CEBs, 2014, p. 40).

O texto acima ressalta a organização interna da rede de comunidades São João Batista, que segundo Frei Betto (1981) trata-se de um espaço privilegiado onde emergem termos como justiça, fraternidade, solidariedade, compromisso, que funcionam como força de resistência.

Analisando esse contexto observa-se que a mística, a espiritualidade e os processos grupais da psicologia social podem ser compreendidos sobre um mesmo ponto de vista teórico.

*O trabalho é feito pela fé, pela espiritualidade, por acreditar em Jesus Cristo, por Jesus Cristo que também denunciava, é a fé leva a trabalhar, a denunciar, a pensar diferente disso, não dá para parar. (Carmem)*

No tocante à formação e participação das lideranças, o grupo acrescenta que foram formados um grande número de líderes, onde a maioria deles hoje não está mais no Arroio da Manteiga, mas nem por isso abandonaram a militância. Sabe-se que alguns se encontram em cargos públicos de liderança municipal e estadual. Porém existem também líderes que continuam até hoje no trabalho de base; outros foram para outras igrejas e outros ainda desanimaram.

*Tá em de tudo né porque a sementeira não garante a colheita. (Carmem)*

*Ele foi duas vezes vereador, depois ele foi deputado ele foi secretário de habitação do governo Olívio, prefeito por dois mandatos e agora é presidente estadual do PT, ele é filhote daqui dessa luta das CEBs, do Dique, tudo ele estava junto. (Maria)*

Conforme o grupo de pesquisa focal, o trabalho dos leigos é muito importante. Sem eles talvez o trabalho acontecesse, mas não da mesma forma.

*A liderança é muito importante mas precisa alguém que puxe. A gente pode dar graças a Deus que a gente tem leigos, por que se a gente deixa-se o trabalho só para o padre a gente teria um só né. Que bom que a gente tem os dois. (Carmem)*

O grupo focal de pesquisa abordou as seguintes contribuições no tocante à história da organização política da rede de comunidades:

*O primeiro movimento que participamos foi o do Dique, a gente fechou até a BR-116, naquela época enchia tudo de água ali na Campina, as casas enchiam de água. (Luíza)*

*O povo que não luta merece viver mais 100 anos na escravidão. (Luíza)*

*Acho que mais recentemente, foi a questão da construção do presídio, a gente se mobilizou pela não construção do presídio aqui por que nós já somos, temos toda esta carga de preconceito por ser a margem, aí gente disse bom se tem que construir um presídio temos que preservar o local. (Carmem)*

Refletindo sobre a caminhada histórica das CEBs, observa-se muita semelhança com o trabalho realizado na rede de comunidades São João, pois o próprio Löwy (2000, p. 84) já fez referência à contribuição das CEBs:

[...] A criação e o desenvolvimento de movimentos sociais, tais como (no caso brasileiro) o Movimento contra o Custo de Vida Alto, o Movimento contra o Desemprego, o Movimento pelo Transporte Público, O Movimento contra o Desemprego, o Movimento pelo Transporte Público, o Movimento pelos Trabalhadores Sem Terra, e muitos outros. Em certos casos, a experiência dessas lutas estimula a politização dos membros das CEBs e a que vários de seus membros e líderes entrem para os partidos de trabalhadores ou frentes revolucionárias.

A Psicologia Social, segundo Lane (1981), sublinha que o trabalho com as relações sociais só será satisfatório através da comunicação e cooperação entre pessoas onde não existe dominação de uns sobre os outros e desde que estes estejam identificados e unidos pelas mesmas necessidades a serem alcançadas, que tenham tarefas planejadas em conjunto e que sejam trabalhadas em grupos com vários indivíduos. Nessa compreensão observa-se que o caminho exitoso percorrido no processo histórico das CEBs, onde a fé e relações sociais se deram as mãos, pode ser estudado também através da teoria dos processos grupais na Psicologia Social.

## Segundo encontro do grupo focal

O segundo encontro o grupo focal teve com tarefa as questões relativas à identidade, às críticas, ao processo de resistência e à mística conforme o Quadro 9.

Segundo Coutinho (2012), sabe-se que as CEBs construíram sua identidade ao longo de 50 anos. Esta identidade, sem dúvida, faz parte da caminhada histórica da Igreja no Brasil, na América Latina e no Caribe. O trabalho das CEBs foi recentemente reafirmado pelas atuais DGAE da CNBB, onde foi sublinhada sua missão profética, em concordância com o que os Bispos na 48ª Assembleia Geral, aprovando a *Mensagem ao Povo de Deus sobre as CEBs*.

Nesta segunda reunião com o grupo focal foi abordado o tema sobre identidade das CEBs, e concluiu que a identidade pode variar de acordo o local de origem, pois ela deveria ser inculturada, podendo variar de acordo com o local onde estiver inserida. Para Sergio Coutinho (2012) as CEBs, construíram sua identidade ao longo de sua caminhada de cinquenta anos, por isso a identidade das CEBs faz parte da caminhada histórica da Igreja no Brasil, na América Latina e no Caribe.

*Por exemplo no Rio Grande do Sul, existe uma identidade que se diferencia das CEBs lá do nordeste, por que a realidade do nordeste é diferente da realidade do Rio Grande do Sul, assim acontece de bairro para bairro, de comunidade para comunidade, porém a centralidade do evangelho que é Jesus Cristo, a dimensão celebrativa, a dimensão da ação, isso não muda.*  
(Carmem)

Segundo Rodrigues (2012), as comunidades nasceram e criaram suas raízes num determinado contexto sociocultural, político e religioso e, a partir daí, foram construindo sua identidade em oposição com outros organismos eclesiais e sociais. Porém, é importante assinalar que a trajetória histórica do processo de identidade das CEBs foi se transformando em uma pluralidade de situações, rumo à imensa diversidade na qual está incluído.

Sobre a missão e militância, o grupo focal afirma que as CEBs não se preocupam apenas com o louvor e com o agradecimento, mas sua força de trabalho está especialmente na ligação da fé com a vida.

O modelo existente de CEBs trabalha com a mística, com a espiritualidade, pois faz parte de sua missão nortear a linha do pensamento das pessoas, um jeito de ser igreja, uma maneira de trabalhar. *“A gente como CEBs, a gente é diferente*

*por se preocupar com os projetos sociais, né?” (Carmem) O tema sobre a mística foi abordado por Clodovis Boff. (1984), onde relata a mística como uma zona de profundidade, difícil de ser explicitada, mas que permeia toda a prática do trabalho popular. O autor chama de mística a ideologia, a filosofia de trabalho, a ética ou a concepção de vida. Segundo Clodovis Boff. (1984), sem a experiência mística “qualquer método de trabalho popular se torna facilmente técnica de manipulação e as regras metodológicas acabam se transformando em formulas rígidas e sem alma”. (CLODOVIS BOFF, 1984, p. 39).*

No pensamento do grupo focal, a mística e a militância caminham juntas. Quando se fala em espiritualidade, nota-se a diferença da liturgia nas celebrações, pois ela não segue um modelo já pronto. *“A gente propõe movimento e tal porque não dá para vir com um modelo pronto porque nós vamos seguir isso e se não fizer isso não somos CEBs ela é mutável ela pode ser modificada”.* (Carmem)

Para o grupo o grupo focal, a leitura da Bíblia é muito própria da identidade das CEBs, pois nesse sentido todo o povo deve fazer a leitura dos evangelhos e não somente o padre.

*Trata-se de emponderamento, a gente tem propriedade para falar o evangelho, a gente lê, a gente vê a gente estuda. Não é botar a bíblia embaixo do braço para se adonar dela, o povo tem que viver o que diz a palavra de Deus, a gente tem esse direito de nos apropriar dela, de refletir isso na vida.* (Carmem)

Quanto às críticas e à resistência, o grupo focal acredita que alguns setores da Igreja costumam engavetar os movimentos, engavetar as pastorais. O modelo de CEBs trabalha com a espiritualidade, com a fé e a vida. Em consequência, disso são também um movimento de resistência.

Nessa linha de pensamento, temos a contribuição teórica de Leonardo Leonardo Boff, (1986), afirmando que os pobres são injustiçados e excluídos, e por isso deveria ser objeto do trabalho da Igreja. A opção pelos pobres não é resultante da política nem mesmo seu objeto de trabalho, mas sim, uma prática evangelizadora da fé que inclui também o político. Sabe-se que durante anos os sujeitos que fizeram esta opção foram acusados, perseguidos por parte de poderosos tanto civis quanto dos religiosos dentro da igreja. O autor declara lamentar a posição adotada em boa parte do Vaticano colocando-se ao lado dos opressores.

Nessa perspectiva, Foucault (2006) mostra formas para minimizar a vitimização e para o confrontar o poder. Esta possibilidade se traduziria no

desenvolvimento do juízo crítico, capaz de se manifestar através de uma postura de constante desconfiança frente a verdades instituídas, verdades universais naturalizadas, “um quadro parecido como o do próprio poder: se ele é constante, a reflexão assim também o deve ser; se é consentido, devemos problematizá-lo; se produz identidades, devemos moldá-las a nossa forma, colocando a vontade individual como parâmetro”. (FOUCAULT, 2004, p. 157).

Foi o próprio Foucault (2004) quem teorizou a ética ou as técnicas de si como possíveis soluções, como dispositivos capazes de enfraquecer o poder disciplinar sobre os corpos individuais. “O cuidado de si apareceria como uma conversão ao poder, ou seja, uma forma de controlá-lo”. (FOUCAULT, 2004, p. 160).

Através das técnicas de si o sujeito constitui-se como pessoa responsável pelos seus atos. Foucault (2004, p. 150) afirma que “para ser um bom governante é preciso primeiro governar a si próprio”. (FOUCAULT, 2004, p. 150).

Segundo este autor, o povo não deveria jamais aceitar qualquer forma de dominação, ou qualquer forma de absolutismo por parte do governo, mas sim

entender que enquanto as relações de poder estiverem presentes em todas as relações humanas (aí incluídas as pedagógicas) teremos certeza de que nelas há pessoas potencialmente capazes de dizer não a qualquer abuso no uso do poder. (FOUCAULT, 2004, p. 157).

Nesse mesmo pensamento, Pichon-Rivière (1998) aponta para uma postura de adaptação crítica à realidade e à perspectiva de transformação social. O significado de transformação social é entendido como o de aprendizagem e de saúde. No momento em que ocorre a adaptação ativa, a sociedade entre sujeito e seu meio, o produtor e o produzido, anulam-se os estereótipos e o constructo social, abrindo um campo para a expressão única das nossas necessidades e projetos.

Nota-se que Leonardo Boff (1986), Pichon-Rivière (1998) e Foucault (2006) possuem ideias convergentes quanto à resistência frente à dominação, às relações de poder, acusações e perseguições.

Nessa linha de pensamento, o grupo focal afirma que

*existe muita perseguição sim, inclusive no ano passado a gente brincava a gente da PJ sente isso muito forte, que parece que existe uma perseguição de outros movimentos pela PJ, e aí bota várias páginas no Facebook aí bota várias imagens da missa. Vamos enviar uma carta ao Vaticano, falando não sei, vamos denunciar, porque são os hereges. Só que agora mandar uma carta para o Vaticano não vai dar certo, porque este papa é um pouco mais aberto, graças a Deus que agora vão se dar mal. Francisco tem*

*uma outra característica por ser latino americano porque ele próprio não é de CEBs, mas ele é latino-americano ele também tem outra vivência de um povo que é mais sofrido da história que é mais forte. (Carmem)*

Na perspectiva do grupo focal, as CEBs são um modelo de fazer igreja. Se não for assim não é CEBs ou pastoral. O grupo ressalta que há muita coerência nesse modo de agir por se sentirem incluídos no próprio projeto de Jesus Cristo.

*As CEBs no Brasil inteiro tem este movimento de resistência de ir se reafirmando né, em alguns lugares ele é fácil porque têm pessoas, autoridades eclesiais que apoiam e em outros lugares é mais difícil que aí é micro, mas isso também é uma característica das CEBs tendo um grande número de pessoas ou um pequeno número de pessoas elas vão ser um movimento de resistência elas vão atuar e aí vão atuar como resistência dentro da sua própria igreja que é a igreja católica ou vão atuar na sociedade também né. (Carmem)*

*Eu já ouvi dizer que a gente faz celebração, há isso tudo é teatro né, a gente não vai pelo rito como eles mandam naqueles folhetinhos litúrgicos, isso aí que sai fora um pouquinho há já estão fazendo teatro, mas a gente está celebrando a vida então eu nem dou muita bola. (Jorge)*

*A gente também não deixa que nos absorvam e a gente também se posiciona né. Temos que defender a quilo que a gente acredita, mas não precisa entrar no embate toda hora não precisa entrar em conflito toda hora. É só se posicionar olha eu acredito nisso então eu vou viver isso. É claro que em determinados espaços a gente vai viver outro jeito de ser igreja vai ter outros cantos, vai ter uma outra linguagem uma outra forma a gente usa uma túnica, porque agente a credita que a celebração litúrgica é uma festa e a gente tem que estar bem arrumado para ir a uma festa né. Tem todas as cores. (Carmem)*

No tocante à formação para os militantes, o grupo focal destaca ter recebido várias formações bíblicas, mas que de dois anos para cá não houve mais formações. *“Quem participa da catequese tem formação de uma semana”*. (Luíza)

*Para mim eu consigo perceber a minha formação quando eu ando dentro da minha comunidade, eu consigo perceber que meu irmão, alguém que precisa de mim e que eu tenho o dever como cidadã e como cristã de ajudar esta pessoa e de amparar ela e de pensar em ampliar esta ajuda porque tudo que tu faz para o próximo e tu sabes porque tu estas fazendo eu acho que é uma forma de formação, é uma formação viva né. É uma formação na prática não é teoria. (Carmem)*

Mais especificamente sobre o trabalho das pastorais, o grupo focal destaca que tanto as CEBs quanto as pastorais têm a tarefa de empoderar os leigos, despertar lideranças, conduzir o trabalho e ajudar a fazer a leitura da realidade a partir da Bíblia, estimulando os grupos a agirem.

O grupo focal diz que a presença das mulheres é maior do que a presença de homens no Arroio da Manteiga:

*Tem uma reflexão sobre gênero com estas mulheres, elas são mulheres empoderadas, não são submissas, não são consideradas as delicadas aquelas que a gente vai colocar num pedestal, mulher ganha menos no mercado de trabalho, porque não tem condições iguais, porque ainda são vítimas de violência, preconceito, isso é uma característica das CEBs, assim como refletir sobre juventude, a nossa juventude está sendo exterminada no Brasil por este machismo. (Carmem)*

*Eu acho que as CEBs é isso ela prepara a gente para viver a vida com plenitude, a viver a vida na totalidade, para encarar de frente a vida né, as CEBs mete a cara. (Carmem)*

Sobre estas afirmações, Löwy (2000) também confirma a existência maior de mulheres nas CEBs. Em São Paulo, por exemplo, de acordo com pesquisas recentes, as mulheres representaram mais de 60% dos participantes. Foi devido a essa participação que muitas delas conseguiram entrar para o campo da política com base em sua posição de classe e interesse do gênero daquela classe. No movimento, a marca deixada pelas mulheres fortaleceu-se pelo fato de ser grande o número das agentes pastorais. As organizadoras das CEBs, nas áreas urbanas populares, foram mulheres pertencentes às ordens religiosas femininas.

O grupo focal traz o relato da importância de sua mobilização na participação no orçamento participativo, na conquista de políticas públicas em prol das comunidades.

*Mas nesse orçamento a gente vai mobilizar o pessoal da Santa Marta a gente vai fazer um mutirão para poder organizar o povo porque lá a gente precisa de calçamento, o saneamento básico e com o saneamento básico é possível vir um posto de saúde. (Carmem)*

*Nós na nossa época tivemos lutas muito grandes, nós não tinha calçamento, nós tinha que andar de quatro pés nessas lombas. Com chuva, barro, eles só vinham largavam um saibro assim e a gente tinha que andar se virando com as valetas fundas, carro quase não dava pra passar, agora tu olha o bairro assim tu tá no centro né, não tinha posto de saúde a escola era só duas salinhas, nós não tinha nada a gente começou tudo do nada. (Luíza)*

*Não dá para a gente sair na rua ver a realidade do povo e dizer não aqui o problema do povo é que falta oração, o problema do povo é porque falta um monte de outras coisas para este povo, tem uma carência de cuidado de espiritualidade o povo não reza mais, mas porque também o povo tem uma carência e tem fome de comida é preciso olhar esta fome de estrutura para que ele como cidadão, como pessoa depois de alimentado seu corpo buscar outros alimentos. (Carmem)*

Vale destacar que o grupo focal reafirma o método de trabalho usado nas CEBs, por tratar-se do “*ver a realidade a partir dos textos bíblicos, julgar, agir, avaliar toda a ação feita*”, e no final: “*e aí celebra, porque tudo isso é dom de Deus, mistério divino*”. (Luíza)

### **Terceiro encontro do grupo focal**

No terceiro encontro do grupo focal abordou as seguintes questões: objetivo, você e o trabalho, as lideranças e a política.

O grupo inicia refletindo sobre o objetivo dos trabalhos das CEBs, mais especificamente sobre a comunidade, seus problemas do dia a dia junto à população que sofre. Para o grupo, as CEBs seguem algumas linhas de trabalho, sendo a essência destas linhas a defesa da minoria da população, os mais empobrecidos, como trabalhar a dignidade das famílias, como mobilizar as lideranças por estas conquistas mais imediatas.

*Se está faltando o pão a gente primeiro tem que dar o pão. Depois há que se questionar porque está faltando o pão? O papel mobilizatório das CEBs talvez não seja tanto ir, formar estes grupos para ir, para mobilização numa direção, mas que seja para uma formação crítica. (Carmem)*

Nessa mesma lógica o 13<sup>o</sup> Intereclesial de CEBs conclui que

as CEBs conservam a vocação de ser presença no coração da vida da cidade, carregada de problemas sociais. Cresce nas pessoas certo desejo espiritual, provocado pela violência e dureza de vida urbana. As CEBs constituem-se pequenos oásis de espiritualidade. Esse lado da vida humana parece promissor na atual sociedade tão secularizada, materialista e violenta. A explosão do fenômeno religioso reflete a carência de toque espiritual no mundo atual. Mas, ele sozinho não leva a nenhuma verdadeira fé, se não for evangelizado. (13<sup>o</sup> INTERECLESIAL DE CEBs, 2014, p. 40).

Segundo o grupo focal, a organização central do trabalho não muda, pois o povo continua se reunindo para rezar, louvar a Deus e para falar da vida. O que muda é o modo da vida diária, a sociedade muda. Nas décadas de 1970, 1980 e 1990 existiu o estopim dos movimentos sociais. Essa já não é a realidade de 2014.

*Por mais que haja uma onda de crescimento de organização de mobilização desde o ano passado, mas não são movimentos sociais isso é uma característica da nossa realidade, assim como nos anos 90 se introduziu a*

*internet que alterou e muito a vida das novas gerações então se alterou a vida da sociedade se modificou e a comunidade não pode ficar indiferente nisso se não ela fica estática, e aí a gente até brincava né como a gente vai fazer uma... atraente, há este ano a gente vai fazer uma tecnomissa, uma coisa assim com o grupo de jovens, porque na verdade o celular se tornou um apêndice do corpo, a gurizada está o tempo todo, então a gente também tem que falar esta linguagem. Agora a gente não vai deixar de fazer a missa, a celebração, a gente só vai fazer de uma forma diferente para se adaptar também. Para que fique algo que dialogue com as pessoas. (Carmem)*

*Mas as coisas essenciais, estas coisas a gente continua acreditando em Jesus Cristo continua acreditando na defesa da vida, continua acreditando que a nossa vida não pode ser a fé de um lado e a vida de outro, essas coisas elas não se modificam elas só se adaptam as novas realidades. (Carmem)*

Na visão do grupo, na medida em que a sociedade evolui e vai crescendo tanto industrial como economicamente, se ela não evoluir moralmente criar-se-á uma sociedade que tende a cair no abismo. Exemplo disso são as questões relacionadas à sexualidade, principalmente a sexualidade feminina, que antes era um tabu hoje já evoluiu.

*Mas que ainda hoje é um tabu, mas também evoluiu e a gente hoje pode falar, e acho que é uma demanda da pastoral da juventude falar da sexualidade com seus jovens né, não é dizer que tudo é liberado, mas é dizer como que a gente vai viver, como que a gente vai viver o sexo como a gente vai viver as afetividades essas nossas paixões assim as CEBs ela tem um papel, mas ela não pode se esconder atrás de um moralismo e dizer não tudo é proibido porque não adianta porque se você proíbe isso não impede que isso aconteça eu acho que é tirar estes tabus estas coisas pra mim eu não vejo problema nenhum e acho uma grande bobagem da nossa igreja essa história da homo afetividade de ser tão veementemente contra. (Carmem)*

O grupo focal sublinha que em muitas comunidades a separação de casais, a homoafetividade impedem as pessoas de terem acesso aos sacramentos.

*Aqui não são excluídas dos sacramentos, nem as pessoas separadas nesse ponto a igreja tem falado muito a mãe solteira, ela não pode ser vista como mãe solteira ela é uma mãe, o Papa Francisco tem um declaração muito boa ele diz que nós não podemos aprisionar os nossos sacramentos, botar dentro de uma caixinha só para os eleitos. (Maria)*

Em continuação ao trabalho com o grupo, foram abordadas as questões de possíveis conflitos ocorridos entre o exercício da militância e suas implicações nas famílias de origem.

*A minha família ela teve um pouco de rejeição nos primeiros... é justamente essa coisa nos primeiros tempos eu era mais nova agora não tem este problema a gente, conforme eu fui amadurecendo também a gente fica mais velha eles foram permitindo mais, mais houve uma certa rejeição, porque é claro né é um universo que quando a gente assume, a gente não assume pela metade a gente entra com tudo né, se emerge nesse universo então os finais de semana são todos com alguma atividade pastoral, as noites tem reunião, e a gente acaba que vai moldando nossa vida também pelas tarefas e pelas demandas pastorais na rede de comunidades e principalmente quando eu vim trabalhar aqui na rede de comunidades, na PJ, porque aí eu já não era só uma participante de grupo eu era responsável por outros grupos e aí se nos finais de semana eu vinha como participante, agora eu vinha como organizadora, não tem escolha ou não escolha não vir e aí as próprias famílias elas também tem isso, tem suas comemorações tem seus calendários, lá em casa a gente, o meu pai é um pouco chato com estas coisas, ele é aquela pessoas que no domingo a família tem que almoçar junto, porque se não, não é domingo. E aí foi bem difícil assim, a gente teve várias reuniões de sentar de conversar, a gente conseguiu manter muito diálogo. (Carmem)*

*O meu pai não é uma pessoa assim o que o meu filho quiser fazer eu vou apoiar, minha mãe é. O conflito que dá é entre eles mesmos né por minha mãe acaba me defendendo por eu vir aqui. Como ele diz eu perco meu tempo aqui. Que eu acho exatamente que eu jamais estou perdendo meu tempo aqui é uma coisa que faz bem pra mim, me faz crescer. Enfim é isso, que nem agora eu estou trabalhando aqui. (Jorge)*

*Às vezes eu penso que eu deveria ter dado um pouco mais de atenção para os meus filhos, a gente ia e as vezes ficava os dois meninos sozinhos a gente ia na igreja a gente ia no partido político a gente ia na campanha e sempre se engajando né. (Maria)*

*Quanto ao trabalho, quanto ao trabalho não, eu faria tudo de novo. O engajamento, a luta ela vale a pena. (Maria)*

Acerca das lideranças, o grupo focal conclui que se trata de um desafio, pois em todo este tempo de trabalho nas comunidades, muitas lideranças se afastaram talvez por algum problema pessoal, um conflito familiar ou às vezes por alguma mágoa.

*Eu acho que depende muito assim depende da liderança, do processo de vida não tem como dizer, a é por isso ou por aquilo. A gente por exemplo lá na comunidade teve lideranças que do nada largaram, se afastaram e aí a gente fica meio assim, o que que houve, e as vezes numa conversa basta, uma conversa que a gente vai ter com esta liderança pra fazer com que ela vá voltando. (Maria)*

Em seguida o grupo focal passou a refletir sobre as questões da política, mais precisamente sobre quais seriam as reais necessidades do povo na atualidade e como alcançá-los.

*Eu acho que os desafios das CEBs hoje têm preocupações, bom hoje se a questão não é tanto a falta de alimento, que hoje o alimento está mais acessível, não vamos dizer que não exista a fome porque ela existe, mas com a qualidade deste alimento né. A industrialização do alimento é hoje uma preocupação inclusive a CNBB trabalhou isto no último ano, a preocupação, a industrialização do alimento ela é necessária, mas o que realmente alimenta o povo é o pequeno que planta. (Maria)*

*Têm outras coisas que são maiores, se a igreja católica um dia vier a realizar um casamento homo afetivo, muitas discussões serão feitas, não vai ser da noite para o dia. (Carmem)*

*Algo que é nutrido pelas CEBs assim como qualquer coisa da vida das pessoas assim como a comissão da mulher, a comissão do negro, é claro que a gente sabe que isso não é em toda a nossa igreja né, boa parte da igreja vai apontar o dedo né enfim a gente vai aprendendo o princípio básico da gente que é o amor então se a gente não aprende a ver as pessoas com esses olhos. (Carmem)*

Deste ponto de vista, Lane (1981) ressalta a importância dos processos grupais como estratégia de resistência e implicação política.

Por exemplo, a estratégia de se associar, se organizar e se mobilizar em sindicatos, partidos, entidades diversas e organizações de caráter internacional, lutando para conquistar espaços nos meios de comunicação de massa e na administração pública, e debatendo com a comunidade e as autoridades do governo projetos de lei, planos, políticas sociais prioritárias. Este foi um dos pontos de partida para sua proposição de uma Psicologia Social Crítica comprometida com a realidade brasileira. (LANE, 1981, p. 13).

Conforme a mesma autora, o processo grupal deve possuir uma dimensão externa comprometida com a transformação histórica da sociedade, transformando e ao mesmo tempo sendo transformada por ele na direção a realização dos seus objetivos individuais e comuns.

#### **Quarto encontro do grupo focal**

Neste quarto encontro do grupo focal a tarefa foi refletir sobre a mística, sua organização, política e a consciência crítica.

Para Follmann et al. (1996) a mística das CEBs deve oferecer acolhimento aos menos favorecidos, a fim de que estes se sintam incluídos e integrados na vida da comunidade. Leonardo Boff, L. (2014) sublinha que os povos colocados a margem do sistema político-religioso, os pobres, os índios, os negros, podem demonstrar sua fé através da mística e da cultura popular.

Como refere Clodovis Boff. (1984), o sentimento místico está diretamente ligado à cultura popular; trata-se de uma zona que, apesar de ser dificilmente explicitada, faz parte da vivência da caminhada histórica dos sujeitos nela incluídos. Segundo este autor, mística tem como sinônimo mais ou menos adequado: “Ideologia, filosofia de trabalho, ética ou concepção de vida”. (CLODOVIS BOFF., 1984, p. 39).

Acerca da mística, o grupo focal pensa ser algo vivo, muito profundo, não medido. Trata-se de algo que se percebe quando se olha para as pessoas cantando, em sua vibração na oração, percebe na sua fala, este sentimento místico com certeza se transforma em um projeto para a comunidade que acredita num Deus de libertação.

*Eu acho que a mística perpassa todas as dimensões, às vezes o pessoal costuma dizer, é faltou espiritualidade, então faltou o encontro inteiro, a espiritualidade é algo que perpassa que vai estar lá quando o grupo vai estar falando de política que vai estar lá quando o grupo estiver rezando, a espiritualidade faz parte do todo. Eu acho que a mística vai resgatar aquilo que tu tens mais profundo. (Carmem)*

*A mística é algo que tem a ver com o todo, ela vai resgatar o todo, vai passar pelo todo. (Maria)*

*Ela dá o tom, a cor. É o eixo central. Tem aquela coisa do sagrado de Deus. É nisso que a gente acredita, nesse Deus que foi homem, coisas que são sagradas, são mistérios da vida, é o que dá gosto...a raiz... tempero. (Maria)*

Nesse sentido o povo das CEBs caminha, faz orações, lê a Palavra de Deus, cultiva a tradição, festeja, louva a Deus em comunhão, reconciliado com outros irmãos. Consequentemente mostra-se mais solidário vivendo e praticando sua fé. É Deus participando da vida diária do povo, na vida de suas famílias, no enfrentamento às doenças, nos momentos de provação, falam com Deus. Contam coisas mais íntimas de suas vidas. Resumindo: é através da experiência mística que se traça o caminho, que se transborda a verdadeira vida. Uma liturgia impregnada de vida, da caminhada histórica do povo que decide viver e andar com Jesus espelhando-se nas primeiras comunidades cristãs.

O grupo focal aponta que, nos congressos de CEBs, a mística é presenciada com mais força, talvez porque lá estejam reunidas todas as lideranças do Brasil inteiro. A mística faz parte de tudo: da organização, na acolhida, na escolha da temática, dos cantos, das orações e também nas romarias.

*Umam pessoas vivem com mais intensidade outras menos, mas o pensamento das pessoas é místico... Porém alguns trabalham menos outros trabalham mais... tem pessoas mais introvertidas. (Jorge)*

Em seguida o grupo focal abordou o tema da urbanização. Foi trazida a necessidade de se adquirir uma linguagem mais urbana, mais moderna para atingir as novas gerações das CEBs. Sublinham a necessidade de trabalhar a urbanização nas missas, nos cantos. Principalmente nos cantos buscar novos ritmos musicais: axé, nego nagô, sertanejo universitário, e outros.

*Essas melodias ainda não conseguimos colocar, acho que dentro da mística estes são nossos desafios e isso interfere na qualidade política que vem refletir de alguma forma na rede na conscientização crítica. (Jorge)*

Na visão grupal, os temas dos encontros são assuntos que estão em evidência ou se utiliza a programação organizada anualmente pela CNBB. Geralmente já é dado um indicativo de um encontro para o outro. No final do encontro é tirado um indicativo. Os cantos também ajudam a compor a mística dos encontros.

*A gente escolhe os cantos de acordo com o tema que os cantos tenham algo a ver com o tema do encontro. A gente procura os cantos também de acordo com a liturgia. (Jorge)*

*Agora nestes últimos 10 anos tem-se falado nas CEBs da espiritualidade e tem-se falado da dimensão mais litúrgica, espiritual. Pensar que é um projeto que tem 15 anos de existência, na época do Vaticano II. Pós o Vaticano II, agora ela tem falado muito dos ministérios para dentro da igreja, e aí ela tem trabalhado a liturgia, a mística a espiritualidade, trabalhando com ações que são pra dentro da comunidade. Mas tem muita gente que foi pra fora. (Maria)*

O grupo passa a falar sobre a simbologia que é utilizada nas cerimônias das CEBs. São os símbolos místicos que estão presentes em todos os encontros.

*Os símbolos que não pode faltar nos encontros são a bíblia, a luz, a vela, o trem, a cruz e os panos litúrgicos. Eles têm uma questão mais voltada para a questão indígena, alguns panos tem a representatividade Maia, Inca, coisas mais latino-americana, o negro, o povo afro, estas coisas mais, outros símbolos que são fortes são os símbolos da natureza, terra, água, são simbologias bastante marcantes. Outra coisa que é símbolo e bastante marcante mística, é o próprio anel de tucum. (Carmem)*

Conforme os relatos grupais, as CEBs não estão preocupadas com a política em si; elas estão sempre preocupadas em ajudar as pessoas. Esta é a meta das CEBs. As pessoas são motivadas para ajudar o próximo, sendo este o motivo que explica a presença da política nos grupos, porém quando se fala em política, está-se falando daquela política que realmente vai interferir, que vai ajudar a vida das pessoas: apartidária, não precisa necessariamente de um partido. É necessário desenvolver ações que possam ajudar as pessoas na escolha de seus representantes, daqueles que vão trabalhar em defesa da comunidade. A opção é neutra.

Segundo o grupo, dos anos 1990 para os anos 2000 as políticas públicas foram melhorando, a infraestrutura a foi melhorando, até porque houve uma exigência internacional. Talvez hoje as bandeiras das CEBs sejam a luta das questões das drogas, da qualidade de vida, essas questões mais, em nível de infraestrutura.

*E quando não tiver nada para lutar no teu bairro ainda temos que lutar pelos problemas no mundo, acho que o problema quando ele se afasta de mim, ninguém luta por saneamento básico se não ver o esgoto correndo na rua. Quando o esgoto está na rua o povo reclama. Como aconteceu ontem no OP a Santa Marta já pontua aconteceu o orçamento participativo, lá na Santa Marta que teve o comparecimento de muitas pessoas, o povo estava mobilizado. (Carmem)*

O último tema falado nesse quarto encontro do grupo foi sobre a consciência crítica. Na opinião do grupo, a consciência crítica precisa ser estimulada, nesse sentido, se não houver estimulação pode ocorrer que ela não seja despertada.

O método utilizado para despertar a consciência crítica nas CEBs chama-se Ver, Julgar e Agir. Trata-se de uma ferramenta prática de capacitação na ação, que transforma não só o sujeito como motiva-o para assumir compromissos na transformação da sociedade. “O método está ligado à maneira de ser Igreja, e ajuda no processo de pastoral de conjunto, fazendo VER ‘como comunidade’, JULGAR ‘como comunidade’ e AGIR ‘como comunidade’”. (DIOCESE SÃO JOSÉ DOS CAMPOS, 2011, s/p.).

O Ver, Julgar e Agir desperta o senso crítico para que o cristão possa ver as coisas como elas realmente são, situando o homem incluído, dentro do mundo, como pessoa consciente.

No trabalho pastoral o método Ver, Julgar e Agir desenvolve um importante papel, pois resume as necessidades dos sujeitos. Nesse sentido podemos observar a confirmação da teoria com a prática pois, este processo possibilita a criação da consciência crítica e adaptação ativa a realidade. Através do ver a pessoa vê a realidade com olhos mais críticos, sente-se incluído no processo de pertença, amplia sua capacidade criativa, de aprendizagem, de comunicação, conseqüentemente se sentirá chamado para agir coletivamente. Mas é importante sublinhar que este método Ver, Julgar, Agir, necessita da mística, da espiritualidade, como fator preponderante para que este trabalho alcance os resultados esperados. (DIOCESE SÃO JOSÉ DOS CAMPOS, 2011, s/p.).

O grupo focal demonstra em sua fala a importância do estudo da Palavra de Deus como uma das partes da mística na formação da consciência crítica.

*a gente vai ver o Pe. Orestes trabalhava muito isso com a gente curso de bíblia, entender a bíblia a partir da fé e da vida, o texto de Moisés a orientação daquele povo, ele falava muito, depois os das primeiras comunidades a gente ia direto né e a gente ia criando essa consciência a palavra de Deus ela é a essência e a partir dela tu vai pra luta pra vida e volta pra celebrar as conquistas. (Maria)*

Concluindo a fase do agir, acontece outra etapa que se chama pós da metodologia que significa a fase do rever e celebrar. Podemos dizer que esta é a fase da avaliação onde o grupo revê e celebra por todas as etapas conquistadas no processo. Trata-se do ver, julgar e agir criticamente objetivando a qualificação do trabalho. Ocorre então a celebração das vitórias, dos retrocessos, dos avanços pois de acordo com o grupo focal *“é celebrando a vida concreta que reconhecemos a presença do Deus libertador em nossa caminhada”*. (Maria)

*Cabe a nós despertar a consciências crítica a partir da palavra de Deus, essa é a diferença, não é crítico por motivo político que também não deixa de ser né, é necessário também, mas a diferença das CEBs é essa crítica de ver esses problemas a partir da palavra de Deus e buscar solução, esse é o cerne esse é o que dá essa diferença nas pessoas que entendem isso elas não perdem mais. (Maria)*

*No momento em que tu vivencia a comunidade, a mística traz a realidade. Pra aquele momento, é uma caminhada. Trabalhar a consciência crítica sem a mística acho que não funciona do mesmo jeito, porque eu não consigo imaginar a gente fazendo o trabalho sem a oração, perde né, o jeito de ser. Perde né, perde a identidade. (Maria)*

O trabalho das CEBs é transformador porque estas conseguem transformar a vida das pessoas, fazendo com que elas vejam o mundo de forma diferente: mística adulta e singular.

*Eu acho que sim, esse é o objetivo, quando a gente pensa na construção do reino de Deus, a gente pensa o reino de Deus costuma dizer que o reino de Deus é o ainda não e o agora já, o ainda não existem coisas que a gente não vai alcançar aqui, nos faz conhecer todos os mistérios, no depois, mas tem o agora já, aí é a civilização do amor aí a gente vai construindo, são estas coisas que quer dizer reino de Deus, a gente trabalha para estas coisas. (Carmem)*

Nessa linha de pensamento, Lane (1981) ressalta a importante contribuição dos processos grupais como facilitadores nas relações e vínculos interpessoais, pois é a partir das relações que emergem as necessidades e objetivos individuais ou coletivos da vida cotidiana das pessoas.

### **Quinto encontro do grupo focal**

Neste último encontro com o grupo focal o objetivo foi fazer uma retomada, uma avaliação dos quatro encontros anteriores.

Por outro lado, conforme relatado no último encontro, buscou-se retomar a reflexão sobre a mística no sentido de entender melhor os silêncios ocorridos na sessão anterior quanto à mística.

*Eu acredito que sim. Quando a gente fala das coisas da gente, nossa isso é tão da gente, essa vivencia na comunidade, as CEBs é tão algo da nossa vida que mexe sim com a gente é algo que é do sagrado e se é sagrado é o que a gente cuida mais. (Maria)*

*Acho que quando a gente fala da mística, a gente fala de muito mais, fala das nossas lembranças, a gente fica lembrando desde quando a gente era criança, agente lembra das coisas da comunidade, porque a mística nos dá o norte para o que aconteceu e para o que vai acontecer ali. (Maria)*

O grupo sublinha a universalidade da mística das CEBs, seu carácter humanizado e fraternal, com uma identidade expressada através de uma simbologia muito característica como o partilhar do pão, a Bíblia, a vela, os cantos, etc. Trata-se de uma simbologia reveladora de sua espiritualidade.

É importante destacar algumas devolutivas feitas pelo grupo sobre os quatro encontros:

*Eu achei a proposta muito interessante, eu pude ouvir toda a história do nosso bairro, eu estou aqui há tempo, mas eu não saberia de toda a história. Isso pra mim foi muito bom me faz querer sempre aprender mais e mais, não esquecer a realidade ao meu redor não esquecer a realidade da minha família. (Jorge)*

*Eu acho que esse exercício que a gente fez aqui e que a gente faz em todos os outros espaços é que leva a gente a pensar o que é as CEBs, que a gente faz parte, e quão grande é este projeto. E contando todas estas histórias fazem a gente perceber quanta coisa a gente faz, e quanto são importantes, a gente relatar isso, partilhar isso faz agente reafirmar as nossas coisas, é encantador. (Carmem)*

*É muito bom poder reviver a história, esta é a nossa história, e poder reviver estes cenários, também dá força para a gente seguir. (Maria)*

Os resultados encontrados através do processo grupal na rede de comunidades São João Batista que adota como missão o trabalho das CEBs foram: a presença constante da resistência tanto em nível de mobilização política como em nível da mística dentro do contexto da diocese. O processo de mobilização política é atuante, agindo de forma aculturada, pois cada uma das comunidades que faz parte da rede apresenta uma realidade diversa uma da outra. Exemplo disso são o trabalho e a mobilização sociopolítica encontrado na Comunidade Santa Marta. Com respeito à técnica do cuidado de si, observou-se que a liderança é consciente da necessidade de sua participação na militância das CEBs, demonstra possuir uma consciência crítica e procura administrar seu tempo de estudo e familiar de forma responsável.

É importante sublinhar a importância da presença da mística como bandeira, como missão da rede de comunidades São João Batista, pois se percebe que é a espiritualidade que convoca o povo para a militância política, para a conversão em favor dos menos favorecidos.

Vale destacar também que as CEBs marcaram no Brasil, por longos anos, uma caminhada de fé e vida na Igreja. Lideraram transformações socioespirituais significativas. Assim,

*embora questionadas pelas opções metodológicas, elas estimam grande valor. Apresentando-se como importantes e necessárias para a vida da Igreja no momento atual. As CEBs continuarão na caminhada profética, na opção pelos pobres e excluídos, com espiritualidade libertadora. (MENEZES apud OROFINO et al., 2012, p. 55).*

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Brasil como participante de uma disputadíssima corrida da globalização obriga-se a reconhecer que tem incorporado, em seu imenso território, grandes contradições estruturais. As relações sociais no Brasil têm sido pulverizadas por desigualdade e exclusão social temperadas por nepotismo, corporativismo, cumplicidade e tutela, que só reforçam a exploração e o domínio dos mais fortes sobre os mais fracos.

O ser humano é social por natureza e somente existe ou subsiste em função de seus inter-relacionamentos grupais. Nesse sentido, o sujeito desde o seu nascimento está inserido nos mais diferentes grupos. Os processos grupais apresentam-se como locais privilegiados para pesquisa, pois ali emergem as intersubjetividades, ocorrem as relações sociais cotidianas. Os indivíduos vivem, trabalham, sonham e conquistam em grupos. É o grupo que favorece a aprendizagem, a comunicação, a pertença bem como a formação da consciência crítica frente à realidade.

Já na década de 1960 a situação de amargura do povo empobrecido latino-americano estava insustentável. Ele clamava por mudança, por libertação. Nasceu então a Teologia da Libertação como resposta às ansiedades do povo que lutava por melhores condições de vida, moradia e liberdade. A Teologia da Libertação no Brasil impulsionou o crescimento das comunidades eclesiais de base que, nos tempos de ditadura e repressão, ofereciam um espaço seguro nas igrejas, onde o povo podia manifestar suas ideias e sonhos de uma vida melhor. Sendo o sistema capitalista responsável pela pobreza da grande maioria do povo e a riqueza de alguns privilegiados, era alvo constantemente de críticas. Assim, as CEBs se multiplicaram pelo país inteiro e foram responsáveis pela formação de importantes lideranças nas comunidades, na política e na qualificação das políticas públicas.

As CEBs despertam até hoje a atenção de muitos teóricos no sentido de investigar os fenômenos da sua caminhada histórica, como a capacidade de mobilizar as pessoas espiritual e politicamente, de trabalhar em grupos, de despertar lideranças, senso crítico, e resistência. Foram exatamente estas forças características das CEBs que me motivou como profissional da Psicologia Social a investigar os processos grupais CEBs.

No primeiro encontro o grupo trabalhou a formação histórica da comunidade, emergiram conteúdos espirituais, místicos dos sujeitos das CEBs e relatos referentes à formação e construção do Arroio da Manteiga. Foi possível observar um certo sentimento de desvalia quando o grupo referiu a região como sendo “*das putas, do lixão, do tráfico e da violência*”. Observando o depoimento de várias pessoas além dos participantes do grupo é impressionante destacar o carisma que Pe. Orestes tem ainda hoje junto à comunidade do Arroio da Manteiga. Frequentemente é sublinhada sua capacidade criativa e sua dedicação para com o povo sofrido dessas localidades.

No processo grupal da rede de comunidades São João Batista, observou-se a existência de um modelo de resistência vinculado à missão das CEBs, vinculado à fé e vida. Este sentimento de resistência em certos momentos demonstra algumas nuances de um passageiro cansaço da liderança frente a sua árdua caminhada, porém este sentimento é logo vencido pela mística, pela fé.

O grupo demonstrou certa divergência quando debateu sobre a identidade das CEBs. Alguns pensam que este tema deve ser reafirmado e discutido dentro da diocese. Já outros afirmam que as CEBs devem ser inculturadas podendo variar de acordo com o local. Mas, ao mesmo tempo, sublinham que a organização central do trabalho não mudou e não deverá mudar. Continuam as orações, os louvores a Deus e a preocupação com a vida das pessoas. É missão das CEBs a defesa da população empobrecida. Para o grupo, a leitura da Bíblia é parte importante da identidade das CEBs.

Com respeito às críticas, o grupo acredita que alguns setores da Igreja de certo modo engavetam as CEBs. Admite sofrer perseguições, mas ao mesmo tempo reafirma firmemente sua coerência e inclusão no projeto de Jesus Cristo. O processo de resistência que se observa nas CEBs pode ser entendido como um movimento de contrapoder, pois a sua luta frente aos poderes estabelecidos, tanto dentro da Igreja como também em nível de políticas públicas, tem marcado sua caminhada histórica. A presença da resistência no trabalho das CEBs no Arroio da Manteiga reafirma a existência de sujeitos críticos, mobilizados e conscientes de suas responsabilidades. Nesse contexto, torna-se imprescindível a presença de uma postura de desconfiança permanente frente a todas as formas discursivas, ou mesmo de verdades universais, como forma de poder estabelecido frente a sua missão com os menos favorecidos.

Segundo Benevides (2009), o modelo capitalista promove exclusão social, desejo como falta, resultando na política de condutas adaptacionistas, onde o trabalhador se vê alienado de seu desejo através dos enganos do consumo, este quadro produz de acordo com Foucault (2004) e Benevides (2009) o assujeitamento, docilidade dos corpos, um corpo capturado pelo poder. Vê-se então nesta lógica, um indivíduo assujeitado, dócil, na contra mão deste pensamento segundo Lane (1995) emerge o processo grupal como possibilidade de resistência, um local rico para construção da consciência crítica e adaptação ativa a sociedade.

Já conforme Martin-Baró (1989), o grupo se constitui em um canal de necessidades, desejos, processos de vínculos, autonomia, comunicação, pertença, dos sujeitos, com o que afirma o caráter concreto e histórico de cada grupo, grupo como espaço de problematização do cotidiano para o desencadeamento de novas realidades e expressões opiniões e emoções e sentimentos. Nesse contexto, é necessário salientar que a mística segundo Follmann (1996) e Lara Junior (2005) exerce um papel igualmente muito importante no trabalho realizado pelas CEBs com seus grupos. Este fenômeno foi muito bem comprovado na história das CEBs tanto no meio rural como nas cidades. Com a criação de um incontável número de CEBs onde a mística foi e continua sendo o principal ingrediente, através do encontro com Deus nas orações, leituras da Bíblia, das celebrações, obtém-se um local privilegiado onde as demandas são produzidas como saberes históricos e, a partir daí, os grupos abrem caminho para transversalidade opere como processualidade capaz de desmantelar territórios cristalizados.

Nessa compreensão, o cuidado de si favorece ao sujeito formas de autoconstituição reflexiva consigo mesmo, o que resulta numa mudança na forma de ver e agir no mundo, adotando uma conduta ética, novos estilos de vida individual e social, para além das formas de dominação do poder estabelecido.

Entendo o processo de resistência nas CEBs até os dias atuais como resultante de duas práticas utilizadas no seu trabalho: a primeira prática está ligada à mística, à espiritualidade, pois é a leitura da Bíblia que impulsiona os militantes para as lutas políticas, para mobilização constante; e a segunda prática utilizada é através do trabalho em grupos, pois esta oportuniza a criação de vínculos, pertença, comunicação, aprendizagem, sentimento de solidariedade, formação da consciência cidadã.

Foi consenso no grupo focal a vital importância de capacitações e de formações para manter a militância vinculada, motivada e unida. Sobre estas formações o grupo afirma ter recebido várias formações bíblicas, porém agora estas quase não acontecem como antes. Afirmou ser tarefa das pastorais empoderar e despertar lideranças.

O grupo foi estimulado a falar sobre sua família e o envolvimento com a militância. Nesse sentido o grupo demonstrou certo desconforto, mas passados alguns minutos alguns individualmente admitiram desempenhar um trabalho nas CEBs que ocupa bastante do seu tempo, restando pouco tempo para dedicar à família. Mas mesmo assim são unânimes em afirmar que preferem continuar trabalhando da mesma forma em sua militância na CEBs, por sentirem grande prazer neste trabalho.

Quanto à mística e à militância política, observa-se que a teoria e a práxis caminham juntas. Uma é inerente à outra, pois as CEBs não se preocupam apenas com o louvor, orações e agradecimentos, mas também na ligação da fé com a vida, com projetos sociais. Ressaltam que a mística perpassa todas as dimensões inclusive da política, pois as celebrações litúrgicas são fontes de motivação para despertar o sentimento sociopolítico e religioso. Sobre a mística-mobilização e a militância política, o grupo declara firmemente que é impossível existir uma sem a outra, pois a verdadeira conversão implica na preocupação com a qualidade de vida das outras pessoas.

É importante sublinhar que, ao ser trabalhado o tema da mística, o grupo passou por vários momentos de silêncio. Este episódio não havia ocorrido em nenhum dos encontros. Busquei dialogar esta questão com o grupo sobre “o por que” deste silêncio. O grupo após refletir sobre a questão dos silêncios, conseguiu explicitar que o silêncio ocorrido tem ligação com o que a mística representa na vida de cada um. A mística é parte inerente na história de vida de cada um. Ela perpassa suas lembranças, sua vivência cotidiana, a vivência dos seus filhos. Ela representa o sagrado, sua simbologia, a vivência na comunidade. Uma nova forma de ver a vida das pessoas, de ver o mundo.

Quanto à questão da política partidária, o grupo destaca que as CEBs não deveriam estar ligadas a nenhuma denominação política partidária, sua preocupação deve centrar-se na ajuda às pessoas, representada na prática de unir a fé com a vida. O militante é motivado a se colocar ao lado do seu próximo e somente em

decorrência disso envolver-se com as políticas públicas. A política deve ser entendida como solução para ajudar a vida das pessoas. Nesse sentido o trabalho das CEBs tem como objetivo direcionar, empoderar o povo para que possa escolher melhor as lideranças políticas. O grupo entende que se por acaso a dificuldade das pessoas for por alimento, deve-se alimentá-las, mas posteriormente estas pessoas deverão ser mobilizadas para que possam refletir sobre a verdadeira causa e a origem da fome. Entendemos que dessa forma as CEBs adotam não uma atitude paternalista, mas coerentemente emponderam as pessoas, motivam o senso crítico para que eles próprios possam ter atitudes mais assertivas na escolha de seus representantes.

No que se refere ao tema formação de lideranças, as CEBs utilizam o método Ver, Julgar e Agir para motivar nas pessoas a capacidade de agir com consciência crítica. O grupo relata que a consciência crítica deve ser estimulada em primeiro lugar através da leitura da Bíblia, entendendo a Bíblia a partir da fé e da vida, conseqüentemente depois do ver, do julgar as pessoas vão para luta, para vida e depois volta para celebrar, porque toda a conquista é dom de Deus, mistério divino. Penso que este processo de ver, julgar, agir, rever e celebrar, trabalhado com as lideranças, demonstra ser uma ferramenta muito eficaz para capacitar a militância. Tenho verificado que na formação de lideranças comunitárias o trabalho apresenta melhores resultados se forem incluídos nos seus currículos temas relativos à espiritualidade, à ética e aos valores, o que ratifica a utilidade teórica das técnicas de si. É evidente a qualidade da liderança dos jovens do Arroio da Manteiga no tocante a consciência crítica, resistência e militância. Nessa perspectiva a ideia seria trabalhar com propostas abertas que propiciem aos sujeitos o exercício da dúvida e da crítica. O processo grupal oferece um espaço rico que contribui para a formação da consciência crítica, as intersubjetividades, aprendizagem, da comunicação, através da análise sistemática das contradições que frequentemente emergem nos grupos.

Conforme as colocações do grupo, é importante salientar que na história das CEBs houve uma maior inserção de militantes femininas. Outro fator importante nesta militância foi a presença dos leigos. O grupo assinala que, sem o trabalho dos leigos, talvez a história das CEBs não tivesse o mesmo brilho. Atualmente vê-se que a Igreja como instituição tem formado um maior número de padres para o trabalho nas comunidades, o que talvez tenha singularizado o trabalho das lideranças leigas.

No tocante às mulheres, pode-se destacar a importância de seu trabalho nos processos grupais que se materializam nas pastorais, a assistência social e na política.

É de se ressaltar que foi importante a utilização do método focal nesta pesquisa, pois o processo grupal oportunizou a troca de experiências, a reflexão e o fortalecimento dos vínculos durante a tarefa grupal. Outro fator importante foi a oportunidade dos jovens de ouvirem a liderança mais antiga resgatar a história desde a fundação da rede de comunidades.

Relacionando minha prática com processos grupais, considero que esta pesquisa foi de grande importância, pois ampliou minha visão sobre os grupos, pequenos e grandes. Percebi que os sujeitos que participam dos grupos sofrem influências de poder tanto por parte do governo quanto por parte do poder econômico, seja em nível individual ou grupal.

Dessa forma, encontrei respostas para as dificuldades que assinali em minha prática diária referente à mobilização, à aderência dos sujeitos aos grupos e à conscientização sociopolítica. Percebi que estas questões têm origem em raízes mais profundas e registradas a partir do inconsciente dos sujeitos e substancializadas através de necessidades para uns autores, ou desejo, para outros. É importante sublinhar a economia como força de dominação para além do sociopolítico. Trata-se de certas instituições que exercem o poder de dominação e adaptação sobre os corpos (o Estado, a Igreja, as instituições de ensino, a sociedade burguesa), organizações interessadas em manter a todo custo o *status quo*, conservando o sistema como está, desde sempre e para sempre.

É importante salientar a existência da transversalidade nos trabalhos da rede de comunidades, cujo conceito formulado por Guattari em (1974) chama a atenção para a natureza da constituição da subjetividade como política social. A transversalidade perpassa o ajustamento de papéis, de transmissão de informações. Notamos a presença inerente da transversalidade praticamente em toda a existência das CEBs, mas principalmente fica evidente nos temas mística, cooperação, empoderamento, cuidado de si, resistência, implicação política. Penso que esta forma de trabalho transversal sócio-histórica, que demonstrou ser muito exitosa na caminhada das CEBs, poderá contribuir favoravelmente para os processos grupais.

Igualmente pude observar a existência de algumas nuances dos processos grupais, da Psicologia Social no trabalho da rede de comunidades. Nessa linha de

pensamento, a teoria dos processos grupais tem muito a oferecer ao trabalho de rede de comunidades, principalmente na capacitação e no cuidado emocional com as lideranças e nos movimentos sociais. Com isso o sentido de transversalidade estaria contribuindo favoravelmente com as práticas teóricas da CEBs, da Psicologia Social e igualmente das Ciências Sociais.

Considero possível que os processos grupais como método de intervenção, aliados às teorias trabalhadas e desenvolvidas pelas CEBs são capazes acionar micropolíticas passíveis de potencializar relações sociais solidárias, igualitárias e consequentemente minimizar os efeitos nocivos produzidos pela dinâmica do capital.

Foi contagiante a motivação que experienciei no grupo com respeito ao seu trabalho nas CEBs. Presenciei uma militância envolvida, firme em suas convicções. Percebi igualmente que os moradores do Arroio da Manteiga possuem um carinho especial por seu bairro e o firme desejo de reescrever uma nova página da história desse bairro, agora focado no engajamento, no trabalho, na esperança, na solidariedade e principalmente no amor de Cristo.

Neste contexto o processo grupal da psicologia social e as CEBs embora sendo ciências com nomes diferentes, elas possuem pontos comuns que podem contribuir para qualificar suas práticas através de trocas teóricas da experiência caminhada histórica de ambas, creio que as CEBs possui entre outras, a riqueza através da mística como ferramenta de transformação social e do método ver-julgar-agir. Já a psicologia social pode contribuir com o trabalho grupal das CEBs através do entendimento de processos e fenômenos como, subjetividade, contradição, resistência, dialética, transversalidade, cuidado de si, bio-política e funcionamento das relações de poder.

Todavia a temática sobre o processo grupal, como estratégia de mobilização política, não se esgota nessa pesquisa considerando a complexidade do tema. Acredito que a Psicologia Social, através dos processos grupais, as Ciências Sociais com sua riqueza teórica, possam juntas de forma eficaz auxiliar no trabalho prático realizado pela CEBs na região de São Leopoldo que oferece um excelente campo de aprendizagem para futuras pesquisas.

## REFERÊNCIAS

- ÁLVARO, José Luis; GARRIDO, Alícia. **Psicologia Social**. Perspectivas psicológicas e sociológicas. São Paulo: Mc Graw Hill. 2006.
- BARROS, Regina Benevides de. **Grupo**. A afirmação de um simulacro. Porto Alegre: UFRGS –SULINA, 2009.
- BETTO, Frei. **O que é Comunidade Eclesial de Base**. São Paulo: Brasiliense. 1981.
- BETTO, Frei; LEONARDO BOFF, Leonardo. **Mística e espiritualidade**. 4. ed. Rio de Janeiro: Brasiliense, 1999.
- BIBLIA. Português. **Bíblia sagrada**. Tradução: Centro Bíblico Católico. 34. São Paulo, ed. Ave Maria, 1982.
- BOFF Leonardo, Clodovis et al. (org.). **As Comunidades de Base em questão**. São Paulo: Paulus, 1997.
- BOFF, Leonardo. **A Igreja se fez povo**. São Paulo. Círculo do Livro. 1986.
- BOFF, Leonardo. **Depois de 500 anos: que Brasil queremos?** Petrópolis: Vozes, 2000.
- BOFF, Leonardo. **Relatório do VII Encontro Nacional dos Direitos Humanos**. Brasília. 1992, p. 35
- BOFF, Leonardo. **Relatório do VII Encontro Nacional dos Direitos Humanos**. Brasília: MNDH, 1992.
- BOFF Leonardo, Leonardo. **Igreja Carisma e Poder**. Petrópolis: Vozes. 1982.
- BOFF, Leonardo. **O povo brasileiro: um povo místico e religioso**. *Jornal do Brasil* 04/05/2014 <[www.jb.com.br/...Leonardo Leonardo Boff/.../o-povo-brasileiro-um-povo-mistico-e-religioso...](http://www.jb.com.br/...Leonardo%20Leonardo%20Boff/.../o-povo-brasileiro-um-povo-mistico-e-religioso...)> Acesso em: 17 de março de 2014.
- BORAN, Pe. Jorge. **Juventude o Grande Desafio**. São Paulo: Paulinas. 1982.
- BORAN, Pe. Jorge. **O senso crítico e o método Ver-Julgar-Agir**. Ed. Loyola. São Paulo. 1979.
- BORNHEIM, Gerd Alberto. **Dialética**: teoria, práxis; Ensaio para uma crítica da fundamentação ontológica da Dialética. Porto Alegre: Globo; São Paulo: Universidade de São Paulo, 1983.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues; STRECK Danilo. Pesquisa Participante: **O Saber da Partilha**. São Paulo: Ideias e Letras. 2006.

CAMARA, Dom Helder et al. **VII Jornada Teológica**. Recife: Escola Dom Bosco de Artes e Ofícios, 2004.

CARREGNATO, Rita. **Pesquisa qualitativa: a análise de discurso versus análise de conteúdo**. *Texto Contexto Enferm*. Florianópolis, n. 15, v. 4, p. 679-84, out./dez. 2006.

CASA DA PARTILHA. Blog, 2013. Disponível em: <<http://casadapartilhapo.a.blogspot.com.br>>. Acesso em: 13 dez. 2013.

CATÃO, Francisco. **O que é Teologia da Libertação**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

CECHIN, A. Espiritualidade e Militância Política. **Revista de Espiritualidade**. Ano XLII. Ed. Vozes. Petrópolis. R.J. 1988.

CHALOUB, Suraya. **Processo pedagógico gerador de uma consciência crítica: uma história de vida**. São Paulo: Loyola, 1989.

CHAUI, Marilena. **Mito Fundador e Sociedade Autoritária**. São Paulo: Fundação Percecu Abramo, 2000.

CLODOVIS, LEONARDO LEONARDO BOFF. **Como trabalhar com o povo: metodologia do trabalho popular**. Petrópolis: Vozes, 1984.

COIMBRA, Cecília. **Análise de implicações: desafiando nossas práticas de saber/poder**. 2007. Disponível em: <[www.infancia-juventude.uerj.br/pdf/livia/analise.pdf](http://www.infancia-juventude.uerj.br/pdf/livia/analise.pdf)>. Acesso em: 1 jun. 14.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS NO BRASIL. 17 de dezembro de 2013. Disponível em <<http://www.cnbb.org.br/comissoes-episcopais/laicato/setor-cebs/13448-2014>> Acesso em: 8 abr. 2014.

COUTINHO, Sergio Ricardo. **Comunidade, rede de comunidades e paróquias: Para uma compreensão sociológica e pastoral**. 07/05/2013. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/.../519889-comunidade-rede-de-comunidades-e-pa...>> Acesso em: 12 nov. 2013.

COUTINHO, Sergio Ricardo. Comunidades Eclesiais da Base: presente, passado e futuro. **Interações: Cultura e Comunidade**, v. 5, n. 6, p. 183-196, 2009.

DELEUZE, G. & GUATTARI. F. **KAFKA: por uma literatura menor**. Rio de Janeiro. Imago. 1977.

DEMO, Pedro. **Metodologia Científica em Ciências Sociais**. São Paulo: Atlas. 1995.

DIOCESE de Crato. **13º. INTERECLESIAL DE CEBs**. Texto Base. Justiça e Profecia a Serviço da Vida. 7 a 11 de Janeiro de 2014. Juazeiro do Norte-CE

DIOCESE DE SÃO JOSÉ DOS CAMPOS. São Paulo, 2011. Disponível em: <[www.diocese\\_sjc.org.br](http://www.diocese_sjc.org.br)> Acesso em: 12 abr. 2014.

DOIMO, Ana Maria. **A Vez e a Voz do Popular**: Movimentos sociais e participação política no Brasil pós-70. Rio de Janeiro: ANPOCS. Relume Dumará, 1995.

FARR, Robert, M. **As raízes da Psicologia moderna (1872-1954)**. Petrópolis: Vozes, 2001.

FERNANDES, Dom Luís. **Como se faz uma Comunidade Eclesial de Base**. Rio de Janeiro: Vozes. 1984.

FOLLMANN, José et al. Comunidade Eclesial de Base – CEBs. **Caderno CEDOPE**. UNISINOS. São Leopoldo. RGS. 1996.

FOLLMANN, José I. **Igreja Ideologia e Classes Sociais**. Petrópolis: Vozes, 1985.

FOUCAULT, M. **A Hermenêutica do Sujeito**. São Paulo: Martins Fontes, 2004c.

FOUCAULT, M. **Ética, sexualidade, política**. Col. Ditos e Escritos V. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004d.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1997.

FOUCAULT, M. O uso dos prazeres e as técnicas de si. In: Foucault, Michel. **Ética política, sexualidade**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004 (Ditos e escritos; V).

FOUCAULT, M. **Os recursos para o bom adestramento**. Vigiar e punir: nascimento da prisão. 29ª ed. Tradução de Raquel Ramallete. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004, p. 153-72.

FOUCAULT, M. “**Soberania e disciplina**. In: *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

FRASSON, Carla. **Análise do Discurso**. Disponível em: <<http://www.fucamp.edu.br/wp...>>. Acesso em: 22 jul. 2013.

GABARRÓN, Luis Rodríguez; LANDA, Libertad Hernández. **O que é pesquisa**. São Paulo. Saraiva, 2006.

GASKELL George; BAUER, Martim. **Pesquisa Qualitativa com Texto, Imagem e Som**. 2.ed. Petrópolis: Vozes. 2003.

GATTI, Bernadete Angelina. **Grupo Focal na pesquisa em Ciências Sociais e Humanas**. Brasília-DF, 2005.

GUATTARI, F. **Introdução à Psicoterapia Institucional**. In: Escobar, C.H., Org. As Instituições e os discursos. Rio de Janeiro. Tempo Brasileiro, 1974.

GUATTARI, F. **Revoluções Moleculares**: pulsações políticas do desejo. 2003. São Paulo. Brasiliense, 1981.

GUTIÉRREZ, Gustavo. **Teologia da Libertação**: Perspectivas. Rio de Janeiro: Vozes, 1985.

GUZZO, S. L. Raquel. **Psicologia Social para América Latina**. São Paulo: Alínea, 2009.

HELENE, Otavio. Educação e desigualdade. **Revista Inclusão e Cidadania**. Agosto, 2011. Disponível em: <<http://www.inclusive.org.br/?p=20648>>. Acesso em: 22 abr. 2013.

HELLER, Agnes. **Sociologia de la vida cotidiana**. 3.ed. Barcelona: Península, 1991.

HELMUTH, Sergio Derli. CEBs. Cidade: Editora: **Blog Casa da Partilha**, 2012.

KIND, Luciana. **Psicologia em Revista**. Belo Horizonte, v. 10, n. 15, p. 124-136. 2004.

KRISCHKE, Paulo; SCOTT, Mainwarig. **A Igreja nas Bases em tempo de transição**. Porto Alegre: L&PM/CEDEC, 1986.

LANE, Silvia T. Maurer. **Novas veredas da Psicologia Social**. São Paulo: Brasiliense, 1994/1995.

LANE, Silvia T. Maurer. **O que é Psicologia Social**. São Paulo: Brasiliense, 1981a.

LANE, Silvia T. Maurer. **Psicologia Social**: O homem em Movimento. 10.ed. São Paulo: Brasiliense, 1984-1992.

LANE, Silvia T. Maurer. **Uma análise do processo grupal**. São Paulo: Cadernos PUC, 1981b.

LANE, Silvia T. Maurer. Um pouco da história da psicologia social brasileira. *Anthropos*, 156, 72-76.

LAPASADE, George. **Dialética dos grupos, das organizações, das Instituições**. 2.ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1982.

LARA JUNIOR, Nadir. **A Mística no cotidiano do MST: a interface entre a Religiosidade popular e a Política**. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Social, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2005.

LARA JUNIOR, Nadir. **Análise Psicopolítica da Mística do MST: A Formação da Ideologia Político-Religiosa**. *Revista Psicologia Política*, v. 7, n. 13, jan./jun. 2007. Disponível em: <<http://www.fafich.ufmg.br/~psicopol/seer/ojs/viewarticle>>. Acesso em: 19 mai. 2013.

LARA JUNIOR, Nadir. Análise Psicossocial da Religião como um dos Fundamentos Políticos das Ações Coletivas no Brasil: A mística do MST. **Revista Eletrônica Último Andar**, n.15, p.49/74, dez, 2006. Disponível em: <[http://www.pucsp.br/ultimoandar/download/Ultimo\\_Aandar\\_15.pdf](http://www.pucsp.br/ultimoandar/download/Ultimo_Aandar_15.pdf)>. Acesso em: 10 mai. 2013.

LARA JUNIOR, Nadir. RIBEIRO, N. C. Intervenções psicossociais em comunidades: contribuições da psicanálise. **Psicologia & Sociedade**, Florianópolis, v. 21, n. 1, p. 91-99, jan./abr. 2009.

LARA JUNIOR, Nadir; PRADO, M. A. M. A Mística e a Construção da Identidade Política entre os Participantes do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra do Brasil: um enfoque psicossociológico. **Revista Electrónica de Psicología Política**, San Luis, v. 1, n. 4, dez., 2003. Disponível em: <[http://www.psicopol.unsl.edu.ar/dic03\\_notas1.htm](http://www.psicopol.unsl.edu.ar/dic03_notas1.htm)>. Acesso em: 10 mai. 2013.

LESBAUPIN, Ivo. As CEBs e a transformação social, In: **As comunidades de Base em questão**. São Paulo. Paulus, 1997.

LEWIN, Kurt. **Problemas de dinâmica de grupo**. 2. ed. São Paulo: Cultrix, 1973.

LIBANIO, J. B. Memória dos Arquidiocesanos. **Casa da Partilha**, 2013.

LIBANIO, J. B.; MURAD, Afonso. **Introdução à teologia**: perfil, enfoques, tarefas. São Paulo: Loyola, 1996.

LOURAU, Renê. **A Análise Institucional**. Petrópolis. Vozes. 1975.

LÖWY, Michael. **A Guerra dos Deuses**: Religião e Política na América Latina. Petrópolis: Vozes, 2000.

LÖWY, Michael. **Marxismo e Teologia da Libertação**. São Paulo. Cortez, 1991.

MAIZONNAVE, Famariano. A CNBB e as comunidades eclesiais de base. **Folha de São Paulo**, 2012. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/.../519485-a-cnbb-e-as-comunidades-ecclesiais-de-base>>. Acesso em: 13 nov. 2013.

MARINS, José. Trevisan, Teolide. Chanona, Carolle. **Virá o dia... As CEBs como realidade desafio e projeto**. São Paulo: Paulinas, 1989.

MARTIN-BARÓ, Ignacio. **Accioneideologia**. Psicologia Social desde Centro América. 8ª. ed, SanSalvador.UCA Ed. 1997. Coleccion Textos Universitarios, Serie Psicologia, 1.

MARTIN-BARÓ, Ignacio. **Poder, ideologia y violencia**. São Salvador: UCA. 1990.

MARTIN-BARÓ, Ignacio. **Psicología de la Liberación**. Madrid: Trotta, 1998.

MARTIN-BARÓ, Ignácio. **Sistema grupo e poder**. Psicologia Social desde Centro América. San Salvador: UCA Ed., 1989. (Coleção de Textos Universitarios, 10)

MARTINS, José de S. **Caminhada no Chão da Noite**: emancipação política e Libertação nos Movimentos Sociais do Campo. São Paulo: Hucitec, 1989.

MARX, Karl. **Formações Econômicas Pré-Capitalistas**. 6. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

MEZAROBA, Ourides. **Metodologia da Pesquisa no Direito**. São Paulo: Saraiva, 2011.

MINAYO, Maria Cecília. **Pesquisa Social**: Teoria Método e Criatividade. Petrópolis: Vozes, 2004.

OROFINO, Francisco et al. **CEBs e os desafios do mundo contemporâneo**. São Paulo: Paulus, 2012.

PARKER, Cristián. **Otra lógica en América Latina** – Religión popular y modernización capitalista. Chile: Fondo de Cultura Económica, 1999.

PELBART, Peter. **Vida Capital**: ensaios de biopolítica. São Paulo: Iluminuras, 2003.

PICHON-RIVIÈRE, Enrique. **A Psicologia Social de Pichon Riviere como proposta geradora de alternativas de intervenção e transformação da realidade humana em diversos contextos**. Pichon.doc.2002. Disponível em: <<http://www.gr>

PICHON-RIVIÈRE, Enrique. **O Processo Grupal**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

QUINTÃO, F. Pedagogia Crítica da Educação Física no Jogo das Relações de Poder. **Revista Movimento**, Porto Alegre; v. 12, n. 3, p. 141-64, set./dez. 2006.

SANTOS, Deyse Silva dos. A Igreja dos Pobres e Movimentos Urbanos: a atuação das CEBs nos Movimentos de bairros de Belém. **Revista Estudos Amazônicos**, VII, n. 1, p. 274-300, 2012.

SAWAYA, Ana Lydia. Os dois Brasis. **Estudos avançados**, São Paulo, v.17, n. 48, mai./ag. 2003. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103)>. Acesso em: 22 abr. 2013.

SOBRAL, José Osvaldo. Ensaio sobre o Método de Pesquisa Marxista: Uma perspectiva do Materialismo Dialético. **Revista Científica Facmais**, v.II, n.1, ano 2012. Disponível em: <<http://revistacientifica.facmais.com.br>>. Acesso em: 25 mar. 2013.

TEIXEIRA, Faustino Luiz Couto. **Comunidades Eclesiais de Base**: Bases ideológicas. Rio de Janeiro: Vozes, 1987.

TORO, Alfonso de. La postcolonialidad en Latinoamérica en la era de la globalización. Cambio de paradigma en el pensamiento teórico-cultural latinoamericano? In: **Universität Leipzig, Iberoamericanal Frankfurt am Main:**

VELLOSO, Marco A. F. **O ECRO de Pichon-Rivière.** São Paulo: 2000. Disponível em:< <http://www.interpsic.com.br/saladeleitura/EcroPichon.html>> **Acesso em 10 set. 2014.**

Vervuert, 1999. Disponível em:<<http://inif.ucr.ac.cr/recursos/docs/Revista%20de%20Filosof%C3...>>. Acesso em: 10 jan. 2013.

VILELA, A. M. Jacó. **PSICOLOGIA SOCIAL: relatos na América Latina.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.

VII JORNADA TEOLÓGICA DOM HELDER CÂMARA. Recife: 2004. 23 a 27 de agosto.

WANDERLEY, Luiz Eduardo. **Democracia e Igreja Popular.** São Paulo: EDUC, 2007.